BRASIL TOCA
CHORO
CULTURA

PDF

Para melhor experiência interativa, abra este arquivo em um computador. O programa indicado é o Acrobat 6.0 ou posterior.

Zoom

Para aumentar ou diminuir as páginas e não perder nenhum detalhe do seu conteúdo, utilize as teclas CTRL e + ou CTRL e – do seu teclado.

Navegação

Utilize a barra inferior para navegar entre as páginas ou acessar o Sumário a qualquer momento.

QR Codes

Clique nos códigos e acesse o conteúdo especial em seu navegador. Depois de assisti- -lo, é só fechar a janela do vídeo e retornar ao livro.

1ª Edição
São Paulo 2019

Fundação Padre Anchieta

FOTO: STELA HANDA

Agradecimentos

Adilson Tramontano, Adriana Carvalho Ramos, Agnaldo Luz, Alessandro Riggo, Alessandro Soares, Alexandre Ribeiro, André Amorim, Anna Paes, Antonio Carlos Poyares, Antônio Rago Filho, Antonio Sardinha, Armando Andrade, Beth Siqueira, Bia Paes Leme, Bozó Sete Cordas, Bia Venturini, Brenna Freire, Bruno Bona, Carolina Menezes, Celsinho Silva, Celso Almeida, Celso Pixinga, Claudia Maria de Andrade Leopoldino, Colibri Vitta, Cristóvão Bastos, Daniel Gonzaga, Daniel Kersys, Danilo Tavares, Denise Sardinha, Diana Rabello, Dininho Silva, Edmilson Capelupi, Eduardo Sardinha Taschetto, Fabio Andrade, Fátima Gadelha, Felipe Siles, Fernando Andrade (Regional do Canhoto), Gerardo Lins Rabello Sobrinho, Gilka Barros, Glorinha Gadelha, Halina Grynberg, Ivone Florence, Izaias Bueno de Almeida, João Poleto, Jorge Luperce, José de Almeida Amaral Júnior, Laércio de Freitas, Leonardo Bruno, Leonor Pelliccione Bianchi, Liv Moraes, Lu Lopes, Lucas Nobile, Luciana Rabello, Luiz Pires, Luizinho 7 Cordas, Malu Rangel, Marco Aurélio Olímpio, Marco Cesar, Marcos Aroca, Maria Aparecida Nery, Maria Aparecida Pereira, Maria Claudia Góes Coelho (Balance Produções), Maria Souto, Marisa Gandelman, Marly Azevedo, Mauricio Carrilho, Milton de Mori, Naara Santos, Nadja Kouchi, Nelly Gnattali, Orlando Sardinha, Orlando Silveira, Orquestra Tabajara, Osmar Pereira Filho, Paula Casarini, Paulo Aragão, Paulo Sérgio Salles, Paulo Roberto Carvalho, Pedro Paes, Rachel Rabello, Rodrigo Rezende, Ronaldinho do Cavaquinho, Ronaldo Araújo, Rosa Miranda, Rui Alvim, Sandra Romeu Seibel, Sergio Prata, Silvério Pontes, Silvia Castro, Sonia Nogueira, Tânia Maria Amaral, Vânia Ferreira, Yara Okubo, Valerinho Xavier.

TV Cultura – Coordenação Editorial
Marisa Guimarães – Coordenação Geral
Negro Design Studio – Organização
Marquinho Mendonça – Coordenação e Organização de Textos
Alexani Barbosa • Maria Fernanda Regos Ortiz • Rosângela Alves Marouço – Colaboração
Roberta Valente – Coordenação de Textos, Revisão Técnica e Pesquisa de Citações
Stela Handa – Pesquisa e Coordenação de Imagens
Marco Paraná – Pesquisa e Direitos Autorais
Anna Paes • Felipe Soares • Lucas Nobile • Mário Sève • Marquinho Mendonça • Marcos Mendonça • Mauricio Carrilho • Paola Picherzky • Roberta Valente • Vitor Lopes • Yves Finzetto – Textos
Alessandra Biral – Revisão de Texto
Mauricio Negro • Eduardo Okuno – Projeto Gráfico
Flávio Samuel – Acompanhamento Gráfico
Imagens: Agência O Globo • Agnaldo Luz • Armando Andrade • Casa do Choro • Cultura Digital • Daniel Kersys • Felipe Temponi • Gal Oppido • Gravadora Eldorado • Instituto Paulo Moura • Instituto Piano Brasileiro • Marco Aurélio Olímpio • Marília Figueiredo • Mauricio Negro • Nadja Kouchi • Pedro de Moraes • Stela Handa • Instituto Moreira Salles • Folha de S. Paulo • Museu da Imagem e do Som • TV Cultura
Parceiros: Acervo do Memorial Sivuca • Acervo Violão Brasileiro • Arquivo Nacional • Arquivo Público do Estado de São Paulo • Biblioteca Nacional • Casa do Choro • Casa de Choro de Santos • Centro Cultural José Bonifácio • Clube do Choro de Brasília • Clube do Choro de Santos • Escola de Choro e Cidadania Luizinho 7 Cordas • Instituto Bixiga • Pesquisa Formação Cultura Popular • Instituto Jacob do Bandolim • Instituto Moreira Salles • Instituto Paulo Moura • Instituto Piano Brasileiro • Instituto Waldir Azevedo • MIS – Museu da Imagem e do Som de São Paulo • Museu Luiz Gonzaga • Museu Villa-Lobos • Rádio Batuta • Revista do Choro • Secretaria de Cultura de Niterói
Ipsis – Impressão e Acabamento
Paula Casarini – Adaptação para Versão Digital (PDF Interativo)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brasil Toca Choro / Fundação Padre Anchieta ; [coordenação editorial Mauricio Negro ; organização Yves Finzetto, Marquinho Mendonça, Roberta Valente]. – 1. ed. – São Paulo : Cultura, 2019.

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-85-8028-088-3

1. Choro (Música) - Brasil - História 2. Compositores - Brasil 3. Cultura - Brasil 4. Instrumentistas - Brasil 5. Músicos - Brasil I. Fundação Padre Anchieta - Centro Paulista de Rádio e TV Educativas. II. Negro, Mauricio. III. Finzetto, Yves. IV. Mendonça, Marquinho. V. Valente, Roberta.

19-26680 CDD-782.421640981

Índices para catálogo sistemático:
1. Choro : Música popular brasileira 782.421640981
Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639

CULTURA · FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA · SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO

2019
Fundação Padre Anchieta – Centro Paulista de Rádio e TV Educativas
Rua Cenno Sbrighi, 378 Água Branca CEP 05036-900 São Paulo SP
tvcultura.com.br

FOTO: STELA HANDA

Sumário

CORDAS | SOPROS | PIANO E ACORDEOM | PANDEIRO | SAMBA-CHORO E CANÇÃO

OS OITO BATUTAS

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO PIXINGUINHA / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

1923 CIRCA

Sebastião Cirino *trompete /piston*
Euclides Virgulino *bateria*
Pixinguinha *saxofone*
Fausto Mozart Corrêa *piano*
José Monteiro *banjo*
J. B. Paraíso *saxofone*
Esmerino Cardoso *trombone de vara*

Primeiro gênero urbano genuinamente brasileiro, nossa matriz musical, o choro é um patrimônio cultural, assim como o samba, a bossa nova e o futebol. Influenciou grandes compositores e instrumentistas, incluindo gênios como Heitor Villa-Lobos e Tom Jobim, que inspiraram-se no choro para compor maravilhas que correm o mundo e fazem do Brasil um país respeitado e admirado pela qualidade musical. Não é exagero dizer que Pixinguinha está para nós como Mozart está para os europeus e Louis Armstrong e Miles Davis, para os americanos. Sem dúvida o chorinho, como é popularmente chamado, alia tradição e modernidade.

O choro é considerado como música popular, mas também como clássica pelo capricho da composição e virtuosismo na interpretação. É ouvido ainda como jazz latino pelo vigor rítmico, misturas e improvisos.

Neste livro, o leitor conhecerá melhor os mestres e intérpretes do gênero e será guiado por histórias deste vasto panorama do choro, por meio de imagens, textos, causos e curiosidades escritos por especialistas apaixonados pelo tema.

Elencado entre as importantes realizações da TV Cultura, o projeto Brasil Toca Choro consiste em ações para valorização dessa vertente musical que teve origem há cerca de 150 anos, atravessou o século XX e até hoje mostra sua força, beleza e renovação, encantando plateias e unindo gerações.

A série de programas musicais de televisão Brasil Toca Choro apresenta 130 composições de grandes nomes do gênero, interpretadas por 130 músicos consagrados da atualidade. Nela, o público encontra um registro precioso da cultura nacional com depoimentos de artistas e pesquisadores que conduzem o espectador pelo universo do choro. Valendo-se da mesma excelência que é marca da TV Cultura há 50 anos, a produção e as mixagens foram cuidadosamente trabalhadas em cada música, para que o resultado alcançasse uma alta qualidade.

A série documental Paixão pelo Choro apresenta em cinco episódios uma perspectiva histórica rica em personagens que dedicam a vida ao gênero mundo afora.

Com projetos como o Brasil Toca Choro e Paixão pelo Choro, a emissora pública pretende divulgar e potencializar no território nacional e internacionalmente nossas riquezas culturais, especialmente o choro, uma música tão popular e sofisticada que seduz imediatamente onde é tocada, seja em bares, salas de concerto, praças, universidades e saraus. Em todos os lugares em que os ouvidos e o coração estejam abertos e atentos.

Certamente, o Brasil Toca Choro é uma vitrine da nossa arte e um excepcional produto de exportação para outros países.

Marcos Mendonça
Diretor-presidente da Fundação Padre Anchieta
– Rádios e TV Cultura

Cultura do choro

por Mauricio Carrilho

Falar sobre choro enquanto linguagem, gênero, estilo e escola, sempre foi tarefa complicada. Sempre gostei muito de conversar sobre choro, de ouvir e contar histórias e não foram poucas as madrugadas varadas em intermináveis bate-papos, homéricas bebedeiras, na companhia de amigos como Mauro Dias, Hermínio Bello de Carvalho, Paulo César Pinheiro, Meira, Radamés e muitos músicos e jornalistas de várias gerações, gente que sempre cuidou da música com muito zelo. Provavelmente por isso tenha sido convidado, desde muito cedo, a escrever sobre o assunto.

A imensidão do choro faz com que ele seja essencialmente uma linguagem. A linguagem do choro abriga muitos gêneros, todos vivos, compostos nos dias de hoje. Cada gênero é um universo com ritmo, linha melódica e caminhos harmônicos próprios. Cada compositor trabalha um gênero com sua marca pessoal e cada intérprete que toca cada um desses compositores vai dar sua versão pessoal para determinada peça. Essas ramificações sofrem influências regionais muito intensas que se manifestam através da forma de tocar de solistas e acompanhadores, o que torna gigantesca a quantidade de caminhos abertos para cada composição do universo do choro.

Os gêneros abrigados sob o manto do choro são vários: polca, valsa, schottisch, quadrilha, lundu, habanera, tango brasileiro, maxixe e choro. Tem também os híbridos: polca-lundu, valsa-choro, tango-habanera, polca-choro, polca-cateretê, samba-lundu (Pixinguinha fez vários: *Yaô, Benguelê, Festa de Nanã*), choro-canção (uma modalidade cantada de choro ou versão cantada de um choro que recebe letra posteriormente, como *Carinhoso,* de Pixinguinha, com letra de Braguinha), entre outros tantos.

O samba, que é outro universo fabuloso, tem em determinada época, especialmente no final dos anos 1920, seu desenvolvimento vinculado ao choro. Benedito Lacerda, flautista dos melhores e morador do morro do Estácio, era quem organizava musicalmente o grupo que revolucionou o samba e o transformou no que hoje conhecemos como tal. Desse grupo de sambistas fazia parte Ismael Silva, Bide, Marçal, Baiaco, Brancura, entre outros. A partir da experiência vivenciada por Benedito Lacerda com as mudanças rítmicas que a turma do Estácio trouxe para o samba, o choro foi definitivamente enriquecido por esse balanço e surge o choro sambado. Esta modalidade de choro influenciaria não só os compositores surgidos a partir dos anos 1930, mas também a forma de tocar os choros compostos antes do "efeito Estácio".

O estilo choro, ou seja, o jeito de tocar de quem é do choro, em algumas oportunidades é usado na interpretação de músicas de outras linguagens. Na década de 1970, Altamiro Carrilho gravou dois LPs chamados *Clássicos em Choro*. Como o título revela, Altamiro acentuou, em seu fraseado, as melodias de Bach, Chopin e outros mestres, com tempero rítmico idêntico ao que utilizaria se tocasse Pixinguinha, além de contar no acompanhamento com a formação típica do regional de choro: violões, cavaquinho e pandeiro. Da mesma forma o pianista Cristóvão Bastos fez uma bela gravação de um clássico do jazz, *Round Midnight* (Thelonious Monk), como choro. Experiências diversas foram feitas com repertórios bem distantes do choro, de Beatles à música folclórica japonesa.

Durante muito tempo o choro foi cultura transmitida oralmente. O conhecimento dos músicos mais experientes era passado adiante de maneira informal, nas rodas de choro. É certo que muitos músicos de destaque da história desta linguagem tiveram formação acadêmica, estudando e lecionando em conservatórios. Joaquim Callado, Duque Estrada Meyer, Patápio Silva e Anacleto de Medeiros estudaram no Conservatório Imperial ou na Escola de Música, hoje UFRJ. Ernesto Nazareth e Cândido Pereira da Silva (Candinho do Trombone) são exemplos de músicos que tinham formação musical sólida. Outros, como o violonista Quincas Laranjeira, o cavaquinista Galdino Barreto, o flautista Juca Kalut e o oficleidista Irineu de Almeida, foram professores de destaque em seus instrumentos, tendo entre seus alunos Pixinguinha e Canhoto do Cavaquinho. No entanto, a arte de acompanhar de ouvido, sem ajuda de partituras, era treinada pra valer nos encontros informais dos chorões. Ali, no calor do desafio, quem derruba quem? As virtuosísticas melodias, desafio dos solistas, ou os intrincados caminhos harmônicos com suas inusitadas e surpreendentes modulações, armadilhas para os acompanhadores? De roda em roda, um imenso repertório foi perpetuado, as variações dos improvisadores, as baixarias dos violões, as palhetadas do cavaquinho e os batuques dos pandeiros foram passando de geração a geração, por mais de 150 anos.

Um dia o tempo encurtou, ou o trabalho aumentou, o dinheiro diminuiu, sei lá. O fato é que ninguém conseguia marcar uma roda, e elas aconteciam aos montes, quase todo dia, infalivelmente todo fim de semana. De que maneira as meninas e os meninos iriam aprender essa música? Foi neste momento de grande dificuldade que músicos de choro de várias cidades brasileiras entraram em ação. Oficinas de choro começaram a fazer parte de Festivais tradicionais, como o de Curitiba e Ouro Preto. Em Brasília, o Clube do Choro começou a organizar a Escola Raphael Rabello; no Rio surgiu a Escola Portátil de Música. Esta grande mobilização trouxe de volta as rodas de choro que se multiplicaram por todo o país. Mas não parou por aí. Hoje, músicos de choro estão espalhados pelo mundo, em todos os continentes, fazendo música de alto nível e com diferentes sotaques.

Levo muita fé no futuro do choro que resistiu a epidemias, pragas, guerras mundiais, golpes militares, desprezo de governos, pouco caso de gravadoras, resiste ao massacrante processo de idiotização musical imposto pela globalização do lixo cultural e vai resistir a tudo. O seu desenvolvimento é permanente e independente de valores impostos. O choro tem seus próprios parâmetros. Quem o conhece na intimidade não se impressiona com vanguardismos pueris e nem se sente pressionado por uma suposta necessidade de adaptação ao som da moda. O choro positivamente não é música para principiantes. Foi, é e sempre será a mais preciosa linguagem musical brasileira.

Prefácio

por Yves Finzetto

Surgido em meados do século XIX[1] , a partir de influências das músicas originadas nas cortes europeias, como a polca, a valsa e o *scottish*, e dos ritmos africanos, trazidos pelos escravizados, o choro atravessou o século XX, quando se consolidou como gênero musical de fato, e chega ao século XXI com força. Creditamos esta força e expressividade ao avanço do ensino formal promovido por instituições musicais, especialmente a partir do início dos anos 2000. A Escola Portátil de Música (RJ), a Escola de Choro Raphael Rabello (DF), a Universidade Livre de Música (SP)[2] e a Escola do Auditório Ibirapuera (SP) passaram a atrair milhares de jovens interessados na aprendizagem do choro. Este processo foi fundamental e reverbera na atualidade: as três cidades são, hoje, os principais polos do gênero no país. Além disso, a sistematização e a publicação de materiais – livros e partituras –, empreendida por músicos e pesquisadores, facilitou o acesso àqueles que desejavam se dedicar ao gênero. Como consequência, há uma nova geração de músicos que vem contribuindo com a preservação e com a vivacidade do gênero.

Sobre a origem da palavra choro, há divergências entre os pesquisadores. Uma das vertentes afirma que choro se refere a uma maneira dolente, melancólica de interpretar as músicas oriundas da Europa, especialmente as polcas, pelos músicos do Rio de Janeiro ao longo do século XIX. Esta execução abrasileirada teria, então, se consolidado aos poucos, dando origem ao gênero.

Outra vertente associa a origem da palavra choro, no universo da cultura brasileira, não a um gênero musical específico, mas a um evento social, uma festa, um baile. Este é o entendimento de Mário de Andrade, o qual afirma, em sua *Pequena História da Música*, que "Choros e serestas são nomes genéricos aplicados a tudo quanto é música noturna de caráter popular, especialmente quando realizada ao relento". Trata-se de uma derivação da palavra *xôlo*, utilizada pelos escravos para denominar um folguedo ou um encontro para tocar e cantar.

De forma semelhante, a palavra ainda foi associada não ao gênero musical, mas ao agrupamento musical instrumental formado por violão, cavaquinho e outros instrumentos solistas, como o bandolim, a flauta, o trombone e o oficleide.

Finalmente, a última vertente afirma que choro é uma redução da palavra choromeleiros, agrupamentos musicais típicos do período colonial que tocavam a charamela, instrumento precursor do oboé.

As divergências a respeito da origem da palavra choro no contexto musical brasileiro servem de prenúncio às dificuldades encontradas ao se escrever um livro sobre este gênero que possui, ao menos, 150 anos de história. Afinal, diante de tamanha riqueza e diversidade, os enfoques podem ser extremamente distintos.

Esta obra procura ser um ponto de partida e uma fonte de consulta àqueles interessados no gênero. Apesar da ampla disponibilidade de informações propiciada pela internet, muitas vezes torna-se difícil encontrar uma fonte considerada confiável. Sendo assim, este livro reuniu pesquisadores que possuem décadas de experiência e envolvimento com o universo do choro. Além disso, utilizou uma vasta bibliografia que, infelizmente, não se encontra totalmente acessível ao grande público, já que muitas obras sobre o assunto não foram reeditadas.

A estrutura do livro é composta por verbetes sobre músicos e compositores, textos temáticos, fotografias e *links* com ilustrações audiovisuais do conteúdo, no formato *QR Code*.

Sobre os verbetes, devemos dizer que, ao longo da história, são milhares os músicos de extrema relevância para o gênero. Apenas na contemporaneidade, poderíamos citar, facilmente, mais de mil chorões ao redor de todo o país que mereceriam um registro neste formato. Contudo, por se tratar de um livro introdutório sobre o tema, optamos por um recorte que contemple nomes históricos do gênero, assim como alguns chorões da chamada velha-guarda.

Além do recorte histórico, consideramos importante destacar alguns aspectos do choro por meio de textos temáticos. Trata-se do encontro com o samba, a canção e outros movimentos musicais; da presença das mulheres no gênero; e da cena do choro contemporâneo.

Todo este material é acompanhado por um belíssimo projeto iconográfico. Realizamos pesquisas em diversos acervos do país (institucionais e familiares) em busca de registros fotográficos dos músicos e compositores. Assim, esta obra contempla parte da rica história da fotografia brasileira.

Nos *QR Codes*, destacamos as ilustrações vídeo-musicais do programa *Brasil Toca Choro*, da TV Cultura, que registrou a interpretação de, aproximadamente, 130 músicos da cena contemporânea do choro de diversas regiões do país.

Com isso, esta obra reúne diversas linguagens artísticas – literatura, fotografia, música e audiovisual –, a fim de retratar uma das maiores manifestações da cultura brasileira, o choro.

1 Há uma discussão sobre o choro ser considerado o primeiro gênero popular urbano do Brasil. Alguns afirmam que este seria a modinha, presente nas cidades mineiras no século XVIII. Entretanto, a dúvida se desfaz sem a necessidade de grandes explicações. Concordamos com a definição de ser o choro o pioneiro por ter sido o primeiro gênero consolidado a partir da independência do Brasil em 1822. Por ter surgido anteriormente a este marco histórico, durante o período colonial, não podemos classificar a modinha em posição anterior ao choro. Afinal, o Brasil Nação, se assim podemos dizer, sequer existia.

2 Hoje denominada Escola de Música do Estado de São Paulo (EMESP).

DANIEL KERSYS

A presença feminina no choro

por Anna Paes

A roda de choro, espaço sagrado de cultivo do gênero, sempre foi vista com muito apreço entre os músicos, que encontravam e ainda encontram ali um lugar acolhedor para a exibição de seus talentos. Há relatos de rodas memoráveis nos subúrbios do Rio de Janeiro, que duravam dias seguidos. O milagre que fazia essas rodas durarem tanto tempo tinha por trás a figura "invisível" da mulher, desdobrando-se na cozinha pra que não faltasse o alimento "com sustança", necessário para a música não parar. De fato, as mulheres do século XIX e das primeiras décadas do XX, inseridas em uma sociedade patriarcal, na maioria das vezes se restringiram ao papel de mãe, esposa e dona de casa, e pouco participaram desses ambientes enquanto musicistas. A roda de choro sempre foi uma espécie de "Clube do Bolinha" e a presença feminina nesses ambientes chegou a ser rotulada como auxiliar de cozinha, auxiliar do marido, aspirante a cantora, tocadora de chocalho etc. Esse é apenas um exemplo, entre outros, que ilustra as adversidades que a mulher musicista e/ou compositora teve que enfrentar para se fazer respeitar como profissional de música popular.

Pesquisas que se dedicaram a investigar a produção musical feminina na música popular da virada do século XIX para o XX no Brasil verificaram a existência de mais de uma centena de mulheres compositoras. Embora em muito menor número, se comparada à produção musical de compositores homens, essas mulheres permaneceram anônimas ou esquecidas, pois raramente atuavam na vida pública. Muitas delas tiveram que se ocultar na publicação de suas obras, usando pseudônimos ou abreviaturas, por não ser "desejável" a publicidade para as mulheres. A pioneira Chiquinha Gonzaga (1847-1935), talvez a única compositora desse período cujo nome seja lembrado, enfrentou muitos desafios para atuar profissionalmente como pianista, compositora, até tornar-se maestrina, a partir da sua estreia em 1885 no teatro. Deixou uma obra com centenas de peças para piano e pequenas formações, dezenas de peças teatrais, hoje abrigadas no Instituto Moreira Salles. A contribuição de Chiquinha Gonzaga para a formação da música popular brasileira foi decisiva. Forte e determinada, fez avançar os costumes sociais e ainda tem lugar garantido na galeria dos brasileiros que trabalharam pelas liberdades no país, a partir da sua atuação como abolicionista e em defesa dos direitos autorais.

Na primeira metade do século XX, o crescimento do movimento feminista mundial e a gradual mudança do papel da mulher na sociedade permitiu que outras mulheres pudessem projetar seus nomes como profissionais do choro. Entre elas destacaram-se Tia Amélia (1897-1983), Lina Pesce (1913-1995) e Carolina Cardoso de

Menezes (1916-2000) (ver biografias nos verbetes). Na segunda metade do século XX aconteceu uma mudança de paradigma quando os instrumentos tocados por mulheres no choro não se restringem mais ao piano. Luciana Rabello tornou-se a primeira mulher a integrar um conjunto regional de choro profissionalizando-se em 1976 como cavaquinista no conjunto "Os Carioquinhas", ao lado de seu irmão Raphael Rabello, Mauricio Carrilho, Celsinho Silva, Paulo Magalhães Alves, Celso Cruz e Mário Florêncio Nunes. Autodidata, Luciana teve o privilégio de conviver com grandes mestres do cavaquinho como Canhoto, do famoso Regional do Canhoto, e Jonas Pereira da Silva, do Conjunto Época de Ouro, que tornaram-se grandes referências para ela. Integrou a formação original da Camerata Carioca, dirigida por Radamés Gnattali, que lhe dedicou a peça *Variações sem tema*, escrita para cavaquinho solo e piano. Apresentou-se em diversos países da Europa e no Japão. Paralela à atividade de musicista e compositora, a partir de 1999, Luciana Rabello passou a atuar, ao lado de Mauricio Carrilho, como empreendedora de projetos de registro e divulgação da música popular carioca (com a criação da gravadora Acari Records); e de educação musical e preservação da música popular carioca, em especial o choro, com a criação do Instituto Casa do Choro. Uma das principais ações do instituto é o projeto Escola Portátil de Música, que existe desde o ano 2000 e que tem cumprido um papel da maior importância na formação de jovens e adultos através da linguagem do choro. No ano 2000 Luciana Rabello lançou seu primeiro disco solo apresentando suas composições e parcerias com Cristovão Bastos, Raphael Rabello, Luís Moura e Paulo César Pinheiro, além de músicas dedicadas a ela por nomes como Avena de Castro, o lendário citarista, o já citado Jonas Pereira da Silva e Sérgio Régis, aluno do violonista Meira. Em 2014 lançou seu segundo CD, *Candeia Branca*, com quatorze faixas autorais cantadas, sendo treze com Paulo César Pinheiro. No catálogo da gravadora Acari Records merece destaque o CD *Mulheres do Choro*, lançado em 2001 revelando ao público a surpreendente contribuição feminina na formação e no desenvolvimento do choro, fruto da pesquisa que realizei ao lado de Mauricio Carrilho, e que resultou na criação de um banco de dados intitulado *Enciclopédia ilustrada do choro no século XIX*, abrigado no site da Casa do Choro, com informações biográficas, iconográficas e uma relação de mais de 9.000 títulos de partituras de cerca de 1.300 compositores nascidos no século XIX.

Embora o choro não seja um gênero vocal por natureza, e nas rodas de choro mais tradicionais haja uma hierarquia pra que o canto só seja permitido ao final, algumas mulheres destacaram-se como excepcionais intérpretes do gênero na sua forma cantada, entre elas Elizeth Cardoso, Ademilde Fonseca, Zezé Gonzaga, Teca Calazans e Amélia Rabello. O canto passou a ser incorporado a partir da convivência estreita de letristas e cantores com instrumentistas, como foi o caso de Catulo da Paixão Cearense (1863-1946), um dos letristas pioneiros do choro, e da dupla Claudionor Cruz e Pedro Caetano nos anos 1930, que produziram clássicos do gênero. Outras importantes representantes contemporâneas do choro-canção são Dona Inah, Carmen Queiroz, Maria Martha, Ruth Eli, em São Paulo; Dalva Torres e Kelly Rosa, no Recife.

Desde os anos 1970, ainda que os reflexos da invisibilização histórica de mulheres seja sentido, observa-se um número crescente de mulheres instrumentistas e compositoras de choro atuando não só no Brasil mas em diversas partes do mundo. As flautistas norte-americanas Julie Koidin, Jane Lenoir, Rebecca Kleinmann, a flautista italiana Barbara Piperno, a flautista israelense Salit Lahav e a clarinetista Anat Cohen, também israelense, residente nos Estados Unidos, a violonista francesa Verioca, a cantora e letrista francesa Aurélie Tyzblat, a trombonista norte-americana Natalie Cressman, a acordeonista australiana Kay Sullivan, a pandeirista e percussionista Ami Molinelli, são alguns exemplos. Para algumas musicistas estrangeiras, a paixão pela música brasileira foi tão avassaladora que tornaram-se cidadãs brasileiras. É o caso da flautista francesa Odette Ernest Dias, naturalizada brasileira, residente no Brasil há setenta anos. Concertista que integrou diversas orquestras das rádios brasileiras e participou de gravações com inúmeros artistas da música popular, Odette teve grande importância na fundação do Clube do Choro de Brasília em 1977, pois os músicos fundadores se reuniam pra tocar na sua casa. Tendo completado noventa anos em 2019, é mãe de seis filhos, dos quais cinco tornaram-se músicos, dentre eles a flautista Andréia Ernest Dias e Cláudia Ernest Dias, fundadora dos Flautistas da Pró-Arte-RJ. Mais recentemente a flautista japonesa Naomi Kumamoto, residente no Rio de Janeiro, e a pianista japonesa Makiko Yoneda, residente em São Paulo, são outros exemplos de musicistas de choro que adotaram o Brasil como país.

A grande variedade de instrumentos executados por mulheres no choro, incluindo os tradicionalmente associados aos homens, é um retrato da mudança de costumes. Além do piano e do cavaquinho, encontramos mulheres tocando violão de sete cordas, pandeiro, bateria, bandolim, flauta, saxofone, clarinete, trompete, trombone, além de instrumentos de orquestra, como o violino, viola e violoncelo. Alguns conjuntos atuantes são compostos exclusivamente por mulheres, como é o caso das Choronas (SP – que em 2019 completa 25 anos de existência), do Choro das 3 (SP), do Trio que Chora (SP) e do recém-formado Quarteto Cais (RJ).

Relacionamos a seguir alguns dos nomes que marcaram a história do choro e vêm se destacando na cena artística contemporânea nas últimas quatro décadas, com perdão da omissão, pois o número de mulheres atuantes é vasto. Dentre elas: Nilze Carvalho, voz e bandolim; Jane do Bandolim; as pandeiristas Kika Hein, Clarice Magalhães, Maria Angélica de Oliveira, Roseli Câmara, Larissa Umaytá, Marina Siqueira, Xeina Barros, Gabriela Silveira e Roberta Valente (pandeiro e produção); as flautistas Gabriela Machado, Aline Gonçalves, Carol d'Ávila, Joana Saraiva, Maria Souto, Marcela Zanetti, Marina Beraldo, Maiara Moraes e Léa Freire (flauta, piano, arranjo, produção); as pianistas Maria Teresa Madeira, Sheila Zagury, Clara Sverner, Dudah Lopes, Eudóxia de Barros, Maria José Carrasqueira, Rosária Gatti e Carla Pronsato; as clarinetistas Joana Queiroz, Lena Verani, Bia Stutz, Juliana Perdigão e Maria Beraldo; a acordeonista Therezinha de Biaggi; as saxofonistas e flautistas Daniela Spielmann, Ângela Coltri, Denize Rodrigues, as gêmeas pernambucanas Moema Macedo (bandolim) e Maíra Macedo (cavaquinho); as cavaquinistas Carla Cabral, Ana Rabello, Ignez Perdigão, Manuela Marinho, Camila Silva, Mariana Sardinha e Brenna Freire; as violonistas Paula Borghi, Jussara Dantas, Anna Paes e Samara Líbano (sete cordas); e as bateristas Georgia Câmara e Flora Milito.

Esse cenário efervescente mostra que o caminho percorrido por essas mulheres desbravadoras não foi em vão. Se hoje o choro ocupa um lugar de nobreza no panorama da música brasileira, o talento dessas mulheres foi parte fundamental desse percurso.

FOTO: STELA HANDA

Antonio D'Áuria

por Yves Finzetto

"Tocando harmônica, conheci dois irmãos que tocavam violão. Foi a primeira vez que formei um grupo, lá por 1922, 1923. Tocávamos por bolinho e café. Meu pai mandou que eu fosse estudar com meu tio, que era clarinetista da Orquestra Municipal. Aos 13 anos aprendi a solfejar, e ele disse que eu poderia pegar o violino. Eu disse: '– que violino? Eu quero é estudar violão', e ele disse: '– Ah, esse instrumento eu não ensino, não. Esse negócio de violão...'. Peguei um violão emprestado com um amigo e, com o método Paraguassú, aprendi todas as posições em uma semana. Eu saía à noite com o violão embrulhado, porque se me vissem com ele, diriam: '– esse rapaz aí, não sei não...'. Era o instrumento mais detestado daquele tempo." (retirado do site do Instituto Moreira Salles).

Violonista e pesquisador, fundador do Conjunto Atlântico e responsável por uma das rodas de Choro mais profícuas da história da cidade de São Paulo. Iniciou seus estudos musicais ainda menino, tocando acordeom. O pai e o tio, clarinetista de orquestra, desejavam que D'Áuria aprendesse violino. Contudo, o jovem começou a cantar e logo apaixonou-se pelo violão, instrumento associado à vadiagem na época, e, contrariando o pai, comprou o instrumento. Dizem que seu pai quebrou o violão na cerca do quintal.

Durante os anos 1950, passou a promover, em sua casa, no bairro da Barra Funda, uma roda que reunia expoentes do gênero. Não era incomum encontrar por lá Pixinguinha, Canhoto, Altamiro Carrilho, Luperce Miranda e Jacob do Bandolim. Jacob era frequentador assíduo e entusiasta das rodas na casa do D'Áuria, pois identificava naquele ambiente um movimento de excelência musical e de continuidade para o Choro. Ali também foi criado o Conjunto Atlântico, liderado por D'Áuria. A formação do grupo variou muito e atingiu sua melhor expressão com Izaías Bueno de Almeida (bandolim), Israel Bueno de Almeida (violão), Waldomiro Marçola (violão), Antônio D'Áuria (violão de sete cordas), Jaime Soares (cavaquinho), Osvaldo Bitelli (pandeiro) e Valdir Guide (afoxé). Gravaram diversos programas para a TV Cultura, como *MPB Especial*, de Fernando Faro, *As Muitas Histórias da Música Popular Brasileira* e *Primeiro Plano*. Mantiveram um programa semanal, o *Choro das Sextas-Feiras*, produzido por Júlio Lerner. Apenas com a participação de D'Áuria, Jaime e Bitelli, gravaram o programa *Ensaio*, com o flautista Copinha.

Em 1974, receberam o *prêmio Revelação do Ano*, da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). D'Áuria mantinha, em sua casa, um acervo precioso, contendo gravações, partituras, fotografias e outros documentos. Hoje, este acervo está sob os cuidados do Instituto Moreira Salles (IMS), podendo ser consultado pelo público. O Dia Municipal do Choro (São Paulo) é celebrado na data de seu aniversário.

São Paulo, SP, 12/5/1912 – 17/11/1999

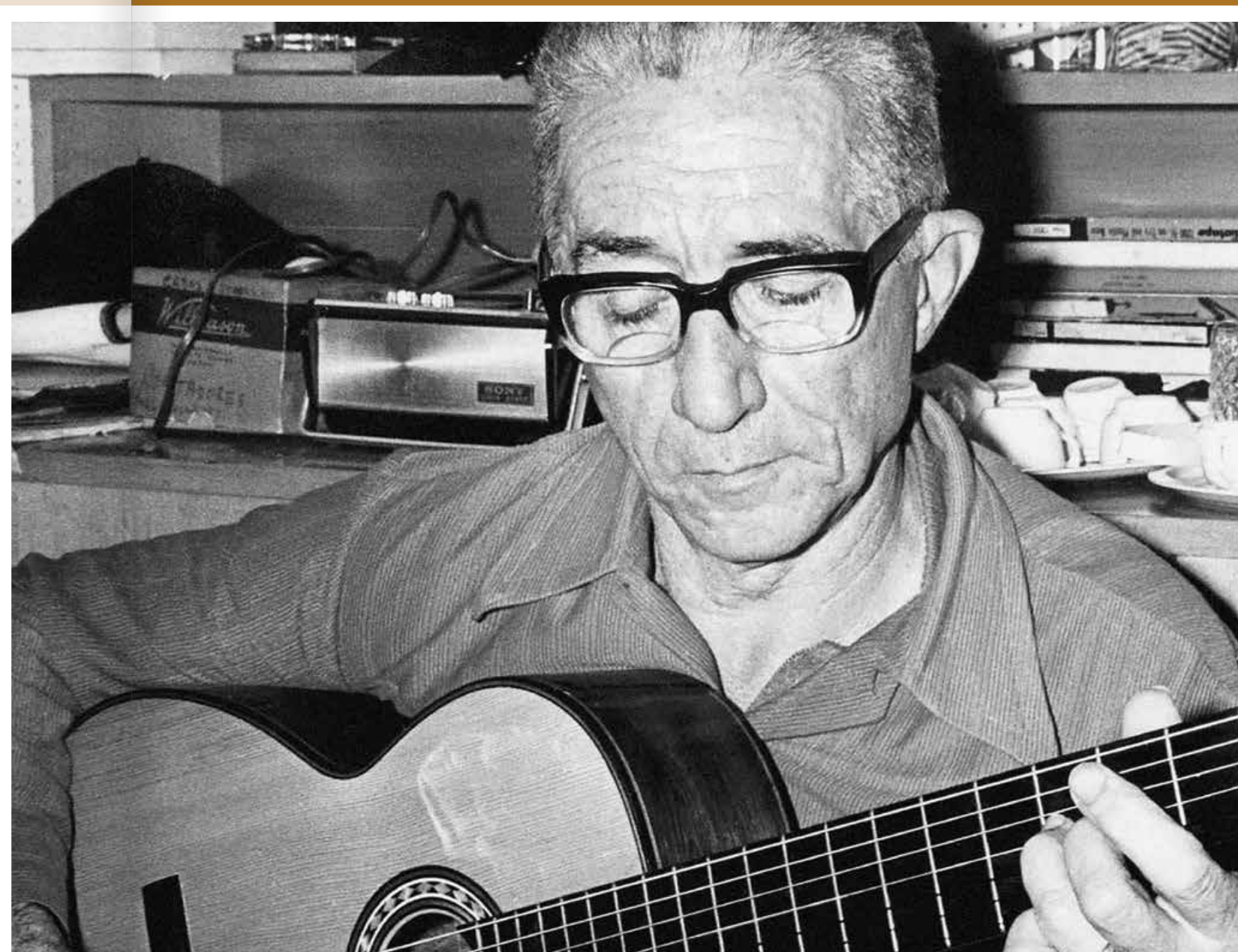



FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / ACERVO DE FAMÍLIA

Antônio Rago

Por Roberta Valente

Em julho de 1924 teve início na cidade de São Paulo a Revolução Paulista. Foram diversos combates, ferindo e matando centenas de pessoas. Rago, com apenas oito anos, teve então seu primeiro contato com o violão: "Uma de minhas irmãs tinha um cunhado de nome Alfredo, que residia, provisoriamente, em nossa casa. Durante a noite os estampidos das granadas e metralhadoras eram sufocados, em alguns momentos, pelo som de um violão, interpretado por ele, com suas valsinhas e lundus da época. Meus olhos ficavam fixados naqueles dedos, que dedilhavam as cordas do violão, fazendo-nos esquecer o medo que nos atingia. Desde então o violão começou a fazer parte da minha vida e, com os primeiros acordes aprendidos, eu já me sentia um outro menino, com mais vida, querendo um dia ser um autêntico violonista."

Um dos grandes nomes do violão na história do Choro de São Paulo, o violonista e compositor Antônio Rago começou a tocar aos oito anos de idade. Havia enorme preconceito social em relação ao instrumento: "Violão naquele tempo era coisa de vagabundo, malandro. Eu deixava o violão em um armazém pertinho da minha casa pra não entrar em conflito com a família, e ao voltar da escola ia buscar, com meu amigo, dono do armazém, para as tocadas", dizia Rago. Com dezenove anos foi convidado a tocar na rádio, e daí não parou mais. Aos vinte anos foi fazer uma temporada na Argentina, na Rádio Belgrano, ao lado do cantor Arnaldo Pescuma. Fizeram estrondoso sucesso e tocaram com nomes como Libertad Lamarque, Mercedes Simone e Eva Duarte, que atuava nas novelas radiofônicas e, anos mais tarde, se tornou a primeira dama da Argentina, Evita Perón.

Na volta da Argentina, já considerado um violonista com fama internacional, Rago foi convidado para tocar na Rádio Record, com Armandinho Neves e, pouco depois, pra comandar o regional da Rádio Tupi. Ele montou o "Rago e Seu Regional", que se tornou um dos principais conjuntos da cidade, e contava com alguns dos melhores instrumentistas e compositores do Brasil, como o acordeonista Orlando Silveira e Esmeraldino Salles no cavaquinho. Considerado o introdutor do violão elétrico no Brasil, foi o maior divulgador do instrumento. "Alguns colegas tocavam guitarras elétricas americanas em orquestras, como guitarra-base ou solando trechos de músicas. Mas com a palheta e dedilhando como violão comum era só eu, nesse tempo."

O pesquisador Zuza Homem de Mello conta que as palavras Rago e rádio se confudiam: "A gente ouvia Rago e seu regional desde a hora do almoço, até a hora de ir dormir, em todas as rádios." Seu regional acompanhou todos os grandes nomes da época, como Orlando Silva, Carmen Miranda, Silvio Caldas, Francisco Alves, Aracy de Almeida, Jacob do Bandolim, Altamiro Carrilho, Jair Rodrigues, dentre outros. Rago conta que acompanhou o cantor Francisco Alves em seu último show, que aconteceu em São Paulo. Ele diz ter insistido muito para que o cantor não voltasse para o Rio de Janeiro, que deixasse para o dia seguinte, mas em vão. Nessa viagem de volta ao Rio que Francisco Alves sofreu o trágico acidente que o matou.

Rago foi o primeiro violonista da América Latina a se apresentar na TV, pela Tupi, com seu próprio programa. No fim dos anos 1960 seu regional se desfez e ele passou a se apresentar sozinho ou em trio, dar aulas e produzir programas em diversas rádios de São Paulo e interior. Lançou muitos discos e compôs cerca de quatrocentas músicas.

São Paulo, SP, 2/7/1916 – 24/1/2008

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO
ACERVO INSTITUTO BIXIGA / ACERVO FAMÍLIA

Armando Neves

por Paola Picherzky

"Armandinho não tinha pressa, dedilhava seu violão num estilo próprio, quase deitado para dormir. Seus amigos músicos registraram em partitura cerca de 86 obras, entre valsas, polcas e choros. Ah, Armandinho também foi funcionário público. E gostava de pintar aquarelas. Mas sua grande paixão era a criação de canários". (Colibri Vitta)

Nas décadas de 1910 a 1920, Armandinho, como era conhecido, dividiu suas atuações entre o futebol e a música. Como jogador, integrou importantes equipes, como o São Bento e Corinthians, e como violonista atuava em cinemas e circos, além de participar das primeiras emissões radiofônicas ao lado de artistas como Paraguassú, Américo Jacomino (Canhoto) e Garoto (Aníbal Augusto Sardinha).

Em 1931 foi o segundo colocado do "Primeiro Concurso de Música Brasileira" promovido pela Rádio Educadora, em parceria com o Jornal A Gazeta, o que lhe rendeu seu primeiro contrato profissional como integrante do Regional da Rádio Record. Como chefe do regional, que logo passou a se chamar "Regional do Armandinho", apadrinhou músicos como Antônio Rago e o cantor Vassourinha, e acompanhou cantoras como Inezita Barroso, Carmen Miranda, Isaura Garcia e os grandes cartazes do cenário musical. Aposentou-se da rádio em 1960.

Armandinho foi um músico intuitivo sem instrução formal. Suas composições foram salvas do anonimato pelo violonista Geraldo Ribeiro que, em 1959, passou a transcrevê-las e divulgá-las e, em 1970, gravou o LP *12 Obras de Armando Neves*. Os violonistas Nelson Cruz, Aymoré, Francisco Araújo e Vital Medeiros também transcreveram algumas de suas composições. Além das 76 composições para violão solo, Armandinho foi parceiro de Elpídio dos Santos em trilhas para cinema e teve composições gravadas pela dupla Cascatinha e Inhana.

Após a sua morte, em 1976, os jornalistas Sergio Gomes e Oswaldo Colibri se uniram a diversos músicos como Paulinho da Viola, Tia Amélia e Geraldo Ribeiro e, motivados "pelo resgate do choro das sombras", fundaram o primeiro Clube do Choro de São Paulo, em 1977. Eles lançaram o LP *Armandinho Neves*. Em 2005, Armandinho virou tema de tese de mestrado, sendo possível conhecer a catalogação de sua obra completa, o que posteriormente gerou a gravação de dois CDs com suas composições.

Campinas, SP, 28/11/1902 – São Paulo, SP, 12/10/1976

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / ARQUIVO PESSOAL / O.NUNES / COLIBRI / INSTITUTO ARMANDINHO NEVES

Baloi

por Roberta Valente

"Baloi foi um paizão para todos aqueles que tiveram e têm a chance de conviver com ele. Deu oportunidade a vários jovens em começo de carreira, eu fui um deles, comecei tocando com ele, aprendi muito. Ele foi um segundo pai pra mim. Certa vez fomos numa loja comprar meu primeiro bandolim, ele pagou e falou que ia descontar um pouco a cada cachê. Descontou uma ou duas vezes e não descontou mais, meu primeiro bandolim, que eu tenho até hoje. Ou seja, praticamente ele me deu o instrumento de presente, e é dos bons. Devo tudo ao Baloi." (Milton de Mori)

A primeira lembrança de Nelson Galeano com o violão remonta a seus oito anos. No intervalo de um ensaio dos irmãos, pegou o instrumento que estava dando sopa em cima da mesa e fez alguns acordes. O irmão mais velho veio correndo, bravo, mas o outro se impressionou com a musicalidade do menino e, a partir desse dia, virou seu professor. Ainda na adolescência Baloi passou a tocar com os amigos, primeiramente em festas e rodas, depois no circo, ao lado de ninguém menos que Vicente Celestino.

Criado no bairro paulistano da Lapa, reduto de chorões nos anos 1950, conviveu com músicos que o levaram para conhecer as famosas rodas que aconteciam na casa do violonista Antônio D'Áuria, do Conjunto Atlântico. Lá ouviu Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Garoto e os mais importantes nomes do Choro de São Paulo e do Rio, que o influenciaram completamente. Daí foi um passo para tocar nas principais emissoras de rádio e TV com músicos do quilate de Altamiro Carrilho, Linda Batista, Moreira da Silva, Zé Kéti, Clementina de Jesus, Nelson Cavaquinho, Waldir Azevedo, dentre outros.

Seu conjunto Bachorando participou do I Festival Nacional do Choro da TV Bandeirantes, em 1977, interpretando *Chorinho Triste*, do flautista João Dias Carrasqueira, que fez um arranjo especial para a ocasião e tocou com o grupo. Conquistaram o terceiro lugar.

Pai de quatro filhos, Baloi é tapeceiro e a música sempre foi um *hobby*. Segundo ele, "não dava dinheiro, tive que ter outra profissão pra sustentar minha família". Ótimo violonista de seis e sete cordas, ele também desempenhou importante papel na formação de vários jovens músicos de São Paulo, que sentem profunda gratidão pelo mestre. Dentre eles, o multi-instrumentista Milton de Mori e os bandolinistas Aleh Ferreira e Danilo Brito. Este último assim define Baloi: "grande amigo, incentivador de novos talentos. Sempre entusiasmado, não media e não mede esforços para ajudar os jovens músicos". Aos oitenta anos, Baloi continua encantando a todos com seu violão de sete cordas e promovendo rodas e encontros entre os chorões.

São Paulo, SP, 5/4/1938

FOTO: STELA HANDA

Regional do Canhoto. Da esquerda para a direita: Canhoto (cavaquinho), Dino Sete Cordas (violão), Silvio Caldas, Carlos Poyares (flauta), Jorginho do Pandeiro, Orlando Silveira (acordeon) e Meira (violão).

Canhoto

por Yves Finzetto

Luciana Rabello, que conviveu com Canhoto nos anos 1970 e escutou dele o maior dos elogios (– *Garota, você é quem melhor me imita!*), fala de sua importância: *"Canhoto criou uma escola de cavaquinho de centro, que influenciou muita gente de gerações posteriores. Antes de figuras como Galdino Barreto, Mário Álvares, Nelson Alves, o cavaquinho era um instrumento ainda (e unicamente) português, restrito ao acompanhamento de modinhas e ritmos rurais. O 'abrasileiramento' efetivo desse instrumento aconteceu a partir do trabalho realizado por esses pioneiros no ambiente do choro (...). No que diz respeito ao acompanhamento, essa escola se consolida definitivamente através do Canhoto."* (Luciana Rabello, site do *Instituto Casa do Choro*)

Compositor e um dos maiores representantes do cavaquinho-centro (acompanhamento) da história da música popular brasileira, Waldiro Frederico Tramontano começou a tocar aos oito anos de idade. Por ser canhoto, invertia as cordas do instrumento, até que um violonista mais experiente lhe disse: "Você tem que aprender com as cordas 'direitas', senão você não toca o instrumento de ninguém e os outros também não conseguem tocar o seu". Com a nova disposição das cordas, teve de reaprender a montar os acordes.

Entre 1927 e 1928, período em que a cidade do Rio foi acometida por uma crise de febre amarela, Canhoto trabalhou como mata-mosquitos. Neste emprego, conheceu um trombonista, Benjamin, responsável por apresentá-lo ao meio musical do Choro carioca. Conheceu Russo do Pandeiro, integrante do grupo Gente do Morro, liderado por Benedito Lacerda. Em 1932, entrou para o grupo e permaneceu tocando com Benedito até este ser acometido por um câncer, em 1950. Com a saída de Benedito, Canhoto assumiu a liderança e modificou o nome para Canhoto e Seu Regional. O conjunto é considerado um dos melhores grupos de Choro da história, com Altamiro Carrilho (flauta), Orlando Silveira (acordeon), Dino (violão de sete cordas), Meira (violão) e Gilson (pandeiro) na formação original. Posteriormente, o grupo teve como integrantes os flautistas Arthur Ataíde e Carlos Poyares e os pandeiristas Jorginho do Pandeiro e Hercílio.

Apesar de ser um músico preponderantemente acompanhante, era Canhoto quem liderava o grupo e dava nome ao regional, fato incomum, já que os conjuntos geralmente são liderados pelos músicos solistas, o que demonstra a reputação do cavaquinista entre seus pares. Tornou-se artista exclusivo da gravadora RCA Victor, por meio da qual lançou seu primeiro disco em *long play*, *Baiãomania* (1956). Além da vertente instrumental, Canhoto e Seu Regional tocou e gravou com inúmeros artistas, entre eles Carmen Miranda, Cartola, Noel Rosa, Orlando Silva, Francisco Alves, Donga, Paulinho da Viola e Gilberto Gil. Até o início dos anos 1970, Luiz Gonzaga teve praticamente todos os seus discos gravados pelo grupo. A competência e versatilidade do conjunto era tamanha, e o grupo tão solicitado, que as gravadoras mudavam o horário das gravações para que seus artistas pudessem gravar com Canhoto e Seu Regional, ainda que houvesse outros grupos à disposição.

Além da excelência musical, Canhoto era conhecido por tocar em pé nas rodas – para não amassar a calça, diziam – e não ingerir bebidas alcoólicas, preferindo leite, fato alvo de inúmeras brincadeiras por parte dos colegas músicos.

Rio de Janeiro, RJ, 9/8/1908 – 24/11/1987

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / MEMORIAL DO CANHOTO

Canhoto da Paraíba

por Vitor Lopes

Francisco Soares de Araújo teve contato com a música desde pequeno. Seu avô era clarinetista e seu pai tocava violão, instrumento que tentou ensinar para os filhos. Como era o único canhoto, o garoto teve que aprender sozinho os caminhos da música, pois todos os irmãos tinham que estudar no mesmo instrumento. Ainda menino, ganhou um violão do pai. Dizem que, certo dia, o dono de um bar se envolveu numa briga e quebrou o violão de Canhoto na cabeça de um freguês. Mas aos desseseis anos Canhoto recebeu um novo instrumento e passou a estudar com mais seriedade. Começou a frequentar as efervescentes capitais de Recife e João Pessoa, onde conheceu e atuou com Luperce Miranda, Sivuca e Nelson Ferreira.

"Canhoto tocava com um grupo que era horrível, os músicos eram os piores músicos de Pernambuco. Aí uma vez eu falei pra ele:
– 'Canhoto, você é um craque, um gênio do violão… como você toca com esses caras? Eles são muito ruins…'
Aí ele falou: 'Coringuinha – ele chamava todo mundo de Coringuinha –, se eu não tocar com eles quem vai tocar?'" (Mauricio Carrilho)

Em 1959 foi para o Rio de Janeiro e se apresentou num sarau na casa de Jacob do Bandolim, encantando a plateia formada por alguns dos maiores músicos e chorões da época: Radamés Gnattali, Pixinguinha, além do dono da casa. Reza a lenda que Radamés, ao ouvir Canhoto tocar, ficou tão entusiasmado que abriu os braços com força e alegria. Mas tinha esquecido de que segurava um copo de cerveja. O teto da casa de Jacob ficou todo manchado pela bebida e dizem que ele nunca limpou as manchas, para guardar viva a lembrança daquele momento mágico. Nesse mesmo sarau, estava presente um jovem que viria a se tornar um grande apoiador e entusiasta de Canhoto, o então desconhecido Paulinho da Viola que, anos mais tarde, seria parceiro de Canhoto em shows e discos. Paulinho disse: "Acho que Canhoto me influenciou a tocar. Mais do que meu pai e Jacob do Bandolim!"

Autodidata, Canhoto criou uma maneira única de se executar o violão: ele simplesmente utilizava o violão "destro" virado para o outro lado, deixando as cordas graves para baixo e as agudas para cima, exatamente ao contrário de um violão comum. Essa característica somada à sua origem paraibana marcam suas composições, que são impregnadas pelo acento nordestino e pela força rítmica. Em 1998, sofreu um acidente vascular cerebral que o impediu de continuar tocando. Morreu dez anos depois em sua casa, no Recife, aos 82 anos de idade.

Princesa Isabel, PB, 19/3/1926 – Paulista, PE, 24/4/2008

FOTO: MARCO AURÉLIO OLÍMPIO

Déo Rian

por Vitor Lopes

O compositor Déo Cesário Botelho começou a tocar cavaquinho aos cinco anos e logo passou para o bandolim, instrumento que o consagrou. Morava no bairro de Jacarepaguá, era vizinho de Jacob do Bandolim. Logo se tornaram amigos, e Déo passou a assistir os ensaios de Jacob e seu grupo, o Época de Ouro. Frequentador assíduo de rodas de choro, Déo foi o responsável por levar Jacob para as célebres rodas no Retiro da Velha Guarda, realizadas na casa de João Dormund, e da qual participavam feras como Pixinguinha e Luperce Miranda. Formou-se em economia e trabalhou em diversos lugares como na Adaf, na Companhia Estadual de Gás e Embratur, onde se aposentou.

Aos 18 anos, profissionalizou-se na música ao entrar no regional de Darly do Pandeiro e fazer parte do *casting* da Rádio Mauá. Seu nome artístico foi sugerido pelo contrabaixista Dalton Vogeler, que usou o nome de um sofisticado cinema de Copacabana fundado por Nair de Teffé, o Cinema Rian, observando que Rian é Nair ao contrário.

Com grande talento e novo nome artístico, sua carreira decolou. Em 1969, com a morte de Jacob, Déo foi convidado a substituir o grande mestre em seu regional, o Época de Ouro. Seguiu à frente do grupo até 1977, quando criou o próprio regional, o Noites Cariocas. Gravou um disco antológico, o *Inéditos de Jacob do Bandolim* e acompanhou artistas como Clara Nunes, além de excursionar durante anos para o Japão.

Somou seu talento natural às dicas passadas por seu amigo e mentor Jacob e tornou-se "dono de uma das mais belas sonoridades da nossa Música Popular Brasileira", nas palavras de Sérgio Cabral.

Déo explorou como poucos as possibilidades de expansão do universo do choro e propôs diálogos até então inexistentes, como quando gravou músicas de Roberto Carlos com seu bandolim, em disco de 1974. Passou seu amor à música para seu filho, o também bandolinista Bruno Rian. Aos 74 anos, Déo Rian continua em plena atividade, encantando plateias de todos os cantos.

Rio de Janeiro, 26/2/1944

FOTO: MARCO AURÉLIO OLÍMPIO

Dilermando Reis

por Lucas Nobile

Em um país tradicionalmente marcado pela valorização da canção – ou seja, do enlace entre música e versos –, como o Brasil, Dilermando dos Santos Reis conseguiu a proeza de se tornar extremamente popular como um instrumentista.

Nascido em Guaratinguetá, no interior de São Paulo, mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1930, época em que integrou alguns conjuntos importantes, como o regional de Pixinguinha, além de atuar em algumas emissoras, como a Rádio Transmissora e a Rádio Clube do Brasil.

Depois de gravar seu primeiro disco de 78 rotações no início dos anos 1940 – com o choro *Magoado* e a valsa *Noite de Lua* –, conheceu enorme sucesso, principalmente a partir da década seguinte, e criou uma série de composições que se eternizariam como clássicos do repertório do violão popular brasileiro.

Além de temas de sua autoria, como *Xodó da Baiana*, *Doutor Sabe Tudo*, *Se Ela Perguntar*, *Dois Destinos*, *Uma Valsa e Dois Amores*, *Sons de Carrilhões* e *Tempo de Criança*, Dilermando deu imensa contribuição ao interpretar e popularizar obras de compositores como Pixinguinha, Ernesto Nazareth, João Pernambuco, de quem gravou *Sons de Carrilhões*, e Américo Jacomino, o Canhoto, de quem gravou a valsa *Abismo de Rosas* e obteve grande sucesso.

Autor que passeou por diferentes estilos musicais, Dilermando teve grande parte de suas criações dedicadas ao choro. Versátil como intérprete, gravou em diversas formações: solo, acompanhado por outro violão (com destaque para os duos com Jayme Florence, o Meira), por conjuntos e até mesmo por orquestras dirigidas por Radamés Gnattali. Paralelamente à música, Dilermando trabalhou como Delegado Fiscal da Receita, por indicação do então presidente Juscelino Kubitschek, que foi seu fã, aluno de violão e companheiro de serestas.

Com uma sonoridade muito característica de seu violão com cordas de aço, Dilermando tem até hoje sua obra frequentemente resgatada e, assim, redimensionada por meio de discos e tributos realizados por grandes nomes do violão brasileiro, como Raphael Rabello, Yamandu Costa e Marco Pereira.

Guaratinguetá, SP, 22/9/1916 – Rio de Janeiro, RJ, 2/1/1977

"Também poder ser um bom artista, exclusivista, tomando com Dilermando umas aulinhas de violão. Isso é viver como se aprova, é ser um presidente bossa nova."(*Presidente Bossa Nova*, música de Juca Chaves)

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Dino Sete Cordas

por Lucas Nobile

"Depois que eu entrei para o meio musical e comecei a fazer minhas coisas, minhas harmonias e meus baixos, todo mundo passou a gostar muito de mim e todo mundo me chamava... eu sempre ganhei muito bem, ganhei muito dinheiro mesmo, e aí veio a fase do iê iê iê... ninguém mais queria saber de músico de choro, de canções, de seresta, nem de samba, de nada. O que eu tive que fazer... o dinheiro era gasto mas não entrava, então eu passei a tocar guitarra elétrica e fazer bailes, pra poder aguentar a barra. Essa foi uma das piores fases. Depois veio a escola de samba, gravando com cavaquinho, depois passaram a botar violão também, e aí voltou tudo como era antes... e passei a trabalhar muito outra vez, graças a Deus." (Depoimento concedido ao maestro Nelson Macedo).

Se há indícios de que o violão de sete cordas foi inventado por ciganos na Rússia, não existem dúvidas de que ele ganhou sua "cidadania" no Brasil. Para esta "naturalização", destacam-se as atuações dos pioneiros violonistas Arthur de Souza Nascimento, o Tute, e Otávio da Rocha Vianna, o China. Porém, se há um personagem a ser considerado como "o pai" do violão sete cordas brasileiro e responsável por fundamentar e disseminar a linguagem mais característica do instrumento, ele atende pelo nome de Horondino José da Silva, o Dino Sete Cordas.

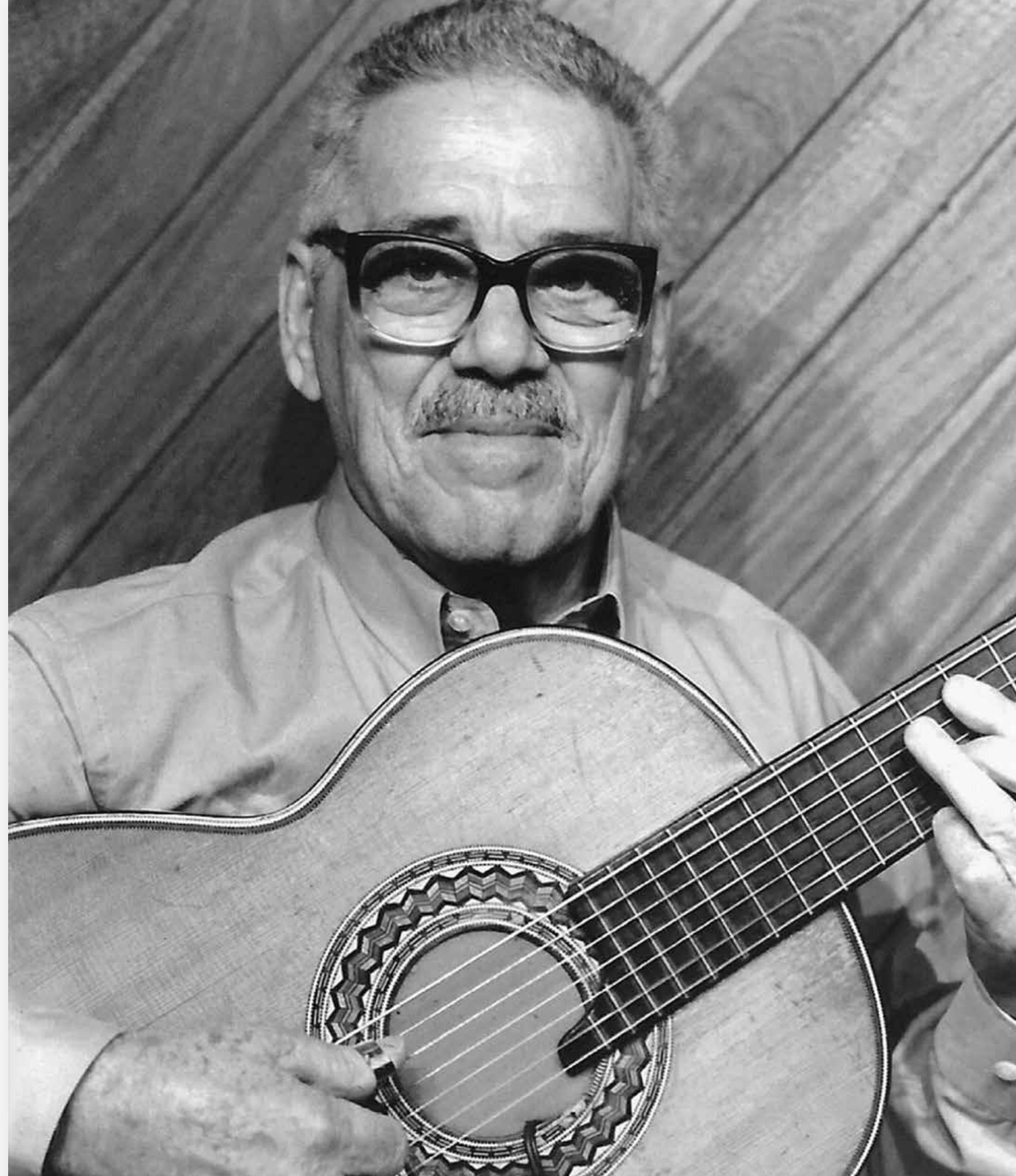
Autodidata, Dino começou a tocar violão aos sete anos. Funcionário de uma fábrica de sapatos, só abandonou o emprego quando foi convidado a integrar o Regional de Benedicto Lacerda. Deste grupo surgiu o Regional do Canhoto, um dos conjuntos mais importantes em toda a história da música brasileira. Nele – tocando inicialmente com o violão tradicional, de seis cordas, para logo depois passar ao de sete –, Dino fez o que de melhor havia em matéria de acompanhamento, emprestando seu brilho a gravações de Cartola, Carmen Miranda, Francisco Alves, Jacob do Bandolim, Luiz Gonzaga e Elizeth Cardoso.

Não satisfeito em participar do Regional do Canhoto, Dino integrou outro lendário grupo de choro, o Conjunto Época de Ouro, responsável por acompanhar Jacob do Bandolim na década de 1960.

E o que fazia (e ainda faz) do violão sete cordas de aço de Dino especial? Enquanto seus antecessores realizavam contrapontos simples – emulando a função de instrumentos de sopro, como tuba, bombardino ou oficleide –, Dino, influenciado pelo saxofone de Pixinguinha, enriqueceu tanto os contrapontos improvisados e as chamadas "baixarias" que acabou criando uma "escola", uma nova maneira de tocar, seguida até os dias atuais.

Como se não bastasse sua contribuição incontestável como instrumentista, Dino também deixou composições ainda hoje interpretadas, como *Aperto de Mão*, *Gingando* e *Se Você Visse*.

Rio de Janeiro, RJ, 5/5/1918 – 27/5/2006

FOTO: DININHO SILVA / ACERVO DA FAMÍLIA

Donga

por Vitor Lopes

Nascido no berço do samba, Ernesto Joaquim Maria dos Santos estava destinado à música! Seu pai era pedreiro e tocava bombardino; sua mãe, a famosa Tia Amélia, como era conhecida, ao lado de sua amiga Tia Ciata, promovia festas de Candomblé e encontros musicais em sua casa. Conhecidas como as tias baianas, eram as figuras mais importantes da chamada Pequena África, região da cidade que alojava os negros que chegavam vindos, sobretudo, da Bahia.

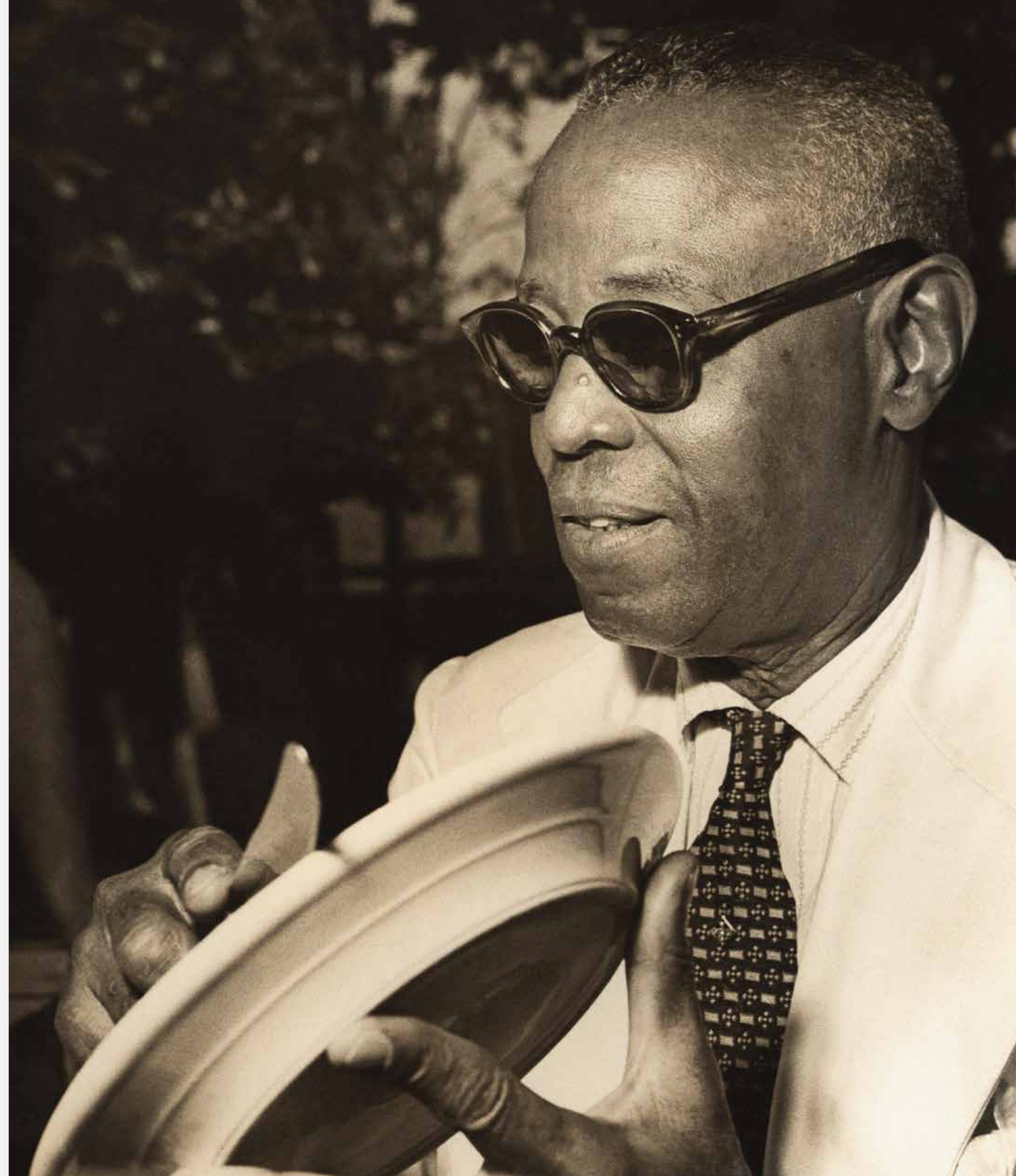
Aos quatorze anos, Donga já tocava cavaquinho de ouvido inspirado em um dos seus ídolos, o cavaquinista Mário Álvares, e pouco depois aprendeu violão com o lendário Quincas Laranjeiras. Em 1913 passou a integrar o Grupo Caxangá, conjunto de inspiração nordestina criado por João Pernambuco para se apresentar durante o Carnaval. Após a festa, Isaac Frankel, do Cinema Palais, pediu que Pixinguinha montasse um pequeno grupo para apresentações no saguão do seu estabelecimento. Pixinguinha escolheu oito companheiros do Grupo Caxangá, entre eles Donga, e nasceu, assim, o famoso grupo Os Oito Batutas, que faria uma longa temporada em Paris e se tornaria um dos mais importantes expoentes do choro de todos os tempos.

Em 1916, Donga registrou o primeiro samba da história, *Pelo Telefone,* cuja autoria até hoje é alvo de polêmicas. A composição teria nascido de maneira espontânea durante uma das festas na casa de Tia Ciata, onde cada participante improvisava versos na hora. Donga e Mauro de Almeida teriam registrado alguns desses versos e colocaram tudo como sendo somente de sua autoria, deixando muita gente furiosa. Mas essa era uma prática tão comum na época que o compositor Sinhô teria dito a célebre frase: "Samba é que nem passarinho, está no ar, é de quem pegar!"

Donga foi um artista extremamente criativo e atuante. Criou a Orquestra Típica Pixinguinha-Donga; a convite de Villa-Lobos, participou da gravação antológica do disco *Native Brazilian Music,* idealizado pelo maestro britânico Leopold Stokowski. Participou do famoso programa de rádio de Almirante, com o grupo Velha Guarda. Em 1974, teve parte de sua obra registrada em um disco em sua homenagem pelo selo Marcus Pereira, mas Donga não chegou a ver o trabalho pronto, faleceu um pouco antes do lançamento. No final de sua vida, morou no Retiro dos Artistas, criado em 1918 para receber artistas que não tinham onde passar a velhice.

Rio de Janeiro, RJ, 5/4/1890 – 25/8/1974

"O samba não veio do morro, ele veio da cidade. Depois ele foi pro morro, foi pra todo lugar. Onde tinha festa a gente ia..."

FOTO: SEBASTIÃO PINHEIRO (NÃO LOCALIZADO) / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Esmeraldino Salles

por Lucas Nobile

"Eu toquei por 24 anos com o Esmeraldino. Ele tinha ouvido absoluto. Adivinhava o tom das músicas dos calouros sem pegar no instrumento. Você precisava ver ele cantando... era afinadíssimo. Adorava blues, solava no cavaquinho várias músicas desse estilo. A gente não podia ficar muito perto dele, porque ele fazia a gente rir demais. Ele era muito criativo, imitava todo mundo, imitava instrumentos... Às vezes a gente chegava triste e, em dez minutos, estávamos rindo sem parar. Ele fazia a gente esquecer de qualquer problema. Não tinha tristeza com ele." (Oswaldo Colagrande, em depoimento para o projeto Panorama do Choro)

Nascido na capital paulistana em 1916, Esmeraldino Salles representa um daqueles exemplos emblemáticos de músicos que se tornaram pouco conhecidos pelo chamado grande público, mas que gozam de imenso respeito entre seus pares da classe musical. Prova desse valor é que sua obra segue sendo frequentemente interpretada em rodas de choro por todo o país.

Esmê – apelido pelo qual Esmeraldino Salles era chamado – tocava violão, contrabaixo acústico e cavaquinho. Com este último instrumento – e como compositor –, notabilizou-se como um dos maiores nomes do choro de São Paulo, ao lado de figuras como Garoto, Orlando Silveira (de quem se tornou parceiro em algumas composições e com quem formou um duo), Antônio Rago, Dilermando Reis, Zequinha de Abreu e Bonfiglio de Oliveira.

Além de integrar os regionais de Rago e de Siles (alcunha do clarinetista Wanderley Taffo), de estrear em discos de 78 rotações na década de 1950 e de ter suas composições gravadas por outros artistas – como o renomado Regional do Canhoto e a apresentadora Hebe Camargo, por exemplo –, formou o Conjunto do Esmeraldino, com o qual atuou na Rádio e na TV Tupi e demonstrou grande talento para fazer arranjos.

Extremamente modernas e com "armadilhas" harmônicas e rítmicas, composições de sua autoria como *Uma Noite no Sumaré*, *Perigoso* (em parceria com o acordeonista Orlando Silveira), *Arabiando* e *É Isso Aí, Bicho!* têm forma muito bem acabadas e mantêm-se até hoje presentes nas rodas de chorões.

Nas últimas décadas, a obra de Esmeraldino Salles tem despertado interesse crescente entre os músicos e vem sendo (re)descoberta por nomes como Yamandu Costa e Dominguinhos, além de ganhar tributos de Laércio de Freitas, Conjunto Um X Zero e, mais recentemente, pelo quarteto formado por André Mehmari (piano), Gian Correa (violão de 7 cordas), Fábio Peron (bandolim) e Fernando Amaro (bateria).

São Paulo, SP, 11/6/1916 – 14/1/1979

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Evandro e o conjunto regional. Da esquerda para a direita, em pé: Evandro Bandolim (o primeiro à esquerda), dois músicos não identificados e Jorge Charuto (o primeiro à direita: violão). Embaixo: Carlos Poyares (flauta), outro músico não identificado (sanfona/acordeon) e Pernambuco do Pandeiro.

Evandro do Bandolim

por Yves Finzetto

Nos anos 1970, Evandro tocava no famoso Bar Jogral, em São Paulo, reduto de jornalistas, boêmios, artistas e intelectuais, considerado um "mini templo da cultura brasileira", fundado pelo músico Luiz Carlos Paraná. O publicitário Marcus Pereira, dono da gravadora Marcus Pereira, entrou na sociedade um tempo depois, e declarou numa entrevista:
"Evandro do Bandolim é há anos um dos músicos do Jogral, e, se depender de mim, nunca sairá, pois é um dos maiores instrumentistas de cordas do Brasil e, no gênero, do mundo. Recentemente, um musicólogo brasileiro que passara seis anos nos Estados Unidos comentou com entusiasmo uma das apresentações do Evandro e seu bandolim que, tocando um instrumento com braço muito estreito, não 'sujou' uma nota sequer durante uma hora de apresentação. E chamou nossa atenção para o fato de que Evandro não fica nada a dever aos grandes instrumentistas de corda do mundo."

Josevandro Pires de Carvalho, mais conhecido como Evandro do Bandolim, começou a tocar aos treze anos de idade, tendo como primeiro professor o bandolinista pernambucano Luperce Miranda. Morando no Rio, atuou em diversas rádios, como a Tupi e a Mayrink Veiga. Aos trinta e quatro anos, mudou para São Paulo, fato que impulsionou sua carreira.

Em 1978, com seu grupo, o famoso Regional do Evandro, acompanhou Cartola, em show no Ópera Cabaré, resultando no disco *Cartola ao Vivo*, lançado pela gravadora RGE. Estabeleceu uma relação de confiança com Fernando Faro, diretor do programa Ensaio da TV Cultura. O Regional do Evandro foi convidado para gravar diversas edições do programa, nas quais acompanhou os artistas Antônio Almeida, Blecaute, Cartola, Claudionor Cruz, Cyro Monteiro, Germano Mathias, Henricão, Joel de Almeida, Lupicínio Rodrigues, Manezinho Araújo, Mário Lago, Roberto Martins, Roberto Paiva e Roberto Silva.

A formação do Regional do Evandro variou muito. Por ele passaram músicos importantes da cena do Choro da capital paulista, como Manezinho da Flauta, Luizinho 7 Cordas, Gentil do Pandeiro, Carlos Poyares (flauta), Lúcio França (cavaquinho), José Pinheiro (violão de sete cordas), Zequinha (pandeiro) e Silvio Modesto (percussão). Gravou vinte discos, sendo quatro deles editados no Japão, pela gravadora Tartaruga: *Evandro e o Conjunto Roda de Choro* (1991), *Valsas Brasileiras* (1992), *Memórias* (1993) e *Memórias Volume 2* (1994). Após seu falecimento, o espaço onde eram realizadas as rodas de Choro da loja Contemporânea – a mais longeva roda de Choro da capital paulista até o momento – foi batizado de Sala Evandro do Bandolim.

João Pessoa, PB, 19/3/1932 – São Paulo, SP, 30/10/1994

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Garoto

por Lucas Nobile

Apesar de sua curta vida, Aníbal Augusto Sardinha marcou seu nome na história do choro e da música brasileira. Como instrumentista, foi considerado um fenômeno; como compositor, um revolucionário.

Aos cinco anos, experimentou os primeiros acordes no violão. Logo passou a tocar violino, guitarra portuguesa, cavaquinho e, principalmente, banjo. Ainda muito jovem, integrou conjuntos e começou a se apresentar nas rádios paulistanas. Por causa da pouca idade, era chamado de Garoto do Banjo. Como não demorou para que ele dominasse um sem fim de instrumentos, com especial destaque para o violão tenor dinâmico, seu nome artístico foi simplificado e, assim, Aníbal Augusto Sardinha ficou conhecido apenas como Garoto.

"Só no Brasil um compositor/violonista dessa importância fica tantos anos no anonimato."(Paulo Bellinati)

Além de tocar com nomes como Radamés Gnattali, Luiz Gonzaga, Dorival Caymmi, Orlando Silva e Carmen Miranda, Garoto criou mais de duzentos composições, muitas delas ligadas ao choro e ainda hoje bastante interpretadas. Dentre seus clássicos, destacam-se *Gente Humilde* (que anos após a morte de Garoto ganhou letra de Vinicius de Moraes e Chico Buarque), *Sorriu para Mim*, *Duas Contas* (samba-canção harmonicamente rico, uma das grandes influências para a bossa nova), *Reloginho da Vovó* (em interpretação com o Trio Surdina, formado por Garoto, no violão, Fafá Lemos, no violino, e Chiquinho do Acordeom), *Amoroso*, *Desvairada* e *São Paulo Quatrocentão*.

Nos últimos anos de vida, Garoto se dedicou a compor obras que se tornariam marcos na história do violão brasileiro moderno. Ao criar temas como *Lamentos do Morro*, *Jorge da Fusa*, *Tristezas de um violão (Choro triste nº 1)*, estabeleceu uma nova linguagem, influenciando nomes de diferentes gerações: de Baden Powell a Paulo Bellinati, de Luiz Bonfá a Raphael Rabello, de João Gilberto a Yamandu Costa, de Zé Menezes a Turíbio Santos.

São Paulo, SP, 28/6/1915 – Rio de Janeiro, RJ, 3/5/1955

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / ACERVO VIOLÃO BRASILEIRO / ACERVO DA FAMÍLIA

Israel Bueno de Almeida

por Vitor Lopes

"Eu tive três influências principais: João Gilberto, pelo seu jeito inconfundível ao violão, Garoto, pelas harmonias muito avançadas para a época em que viveu e, no sete cordas, claro, o mestre Dino. [...] O choro deveria ser como o jazz, que é tocado por músicos de todo o mundo. Mas, infelizmente, o Brasil não teve a força de mídia que tiveram os norte americanos ao lançar discos de jazz pelo mundo inteiro. Mas os estrangeiros já estão ouvindo e tocando um pouco mais de choro." (Entrevista para o Clube do Choro de Santos)

Nascido no bairro da Casa Verde e irmão mais novo de Izaías do Bandolim, Israel desde cedo seguiu os passos do irmão. Literalmente. Assíduo frequentador de rodas de choro, Izaías participava de todos os encontros dos chorões da cidade e Israel ia junto. Foi assim que conheceu a célebre roda de choro de Antonio D'Áuria.

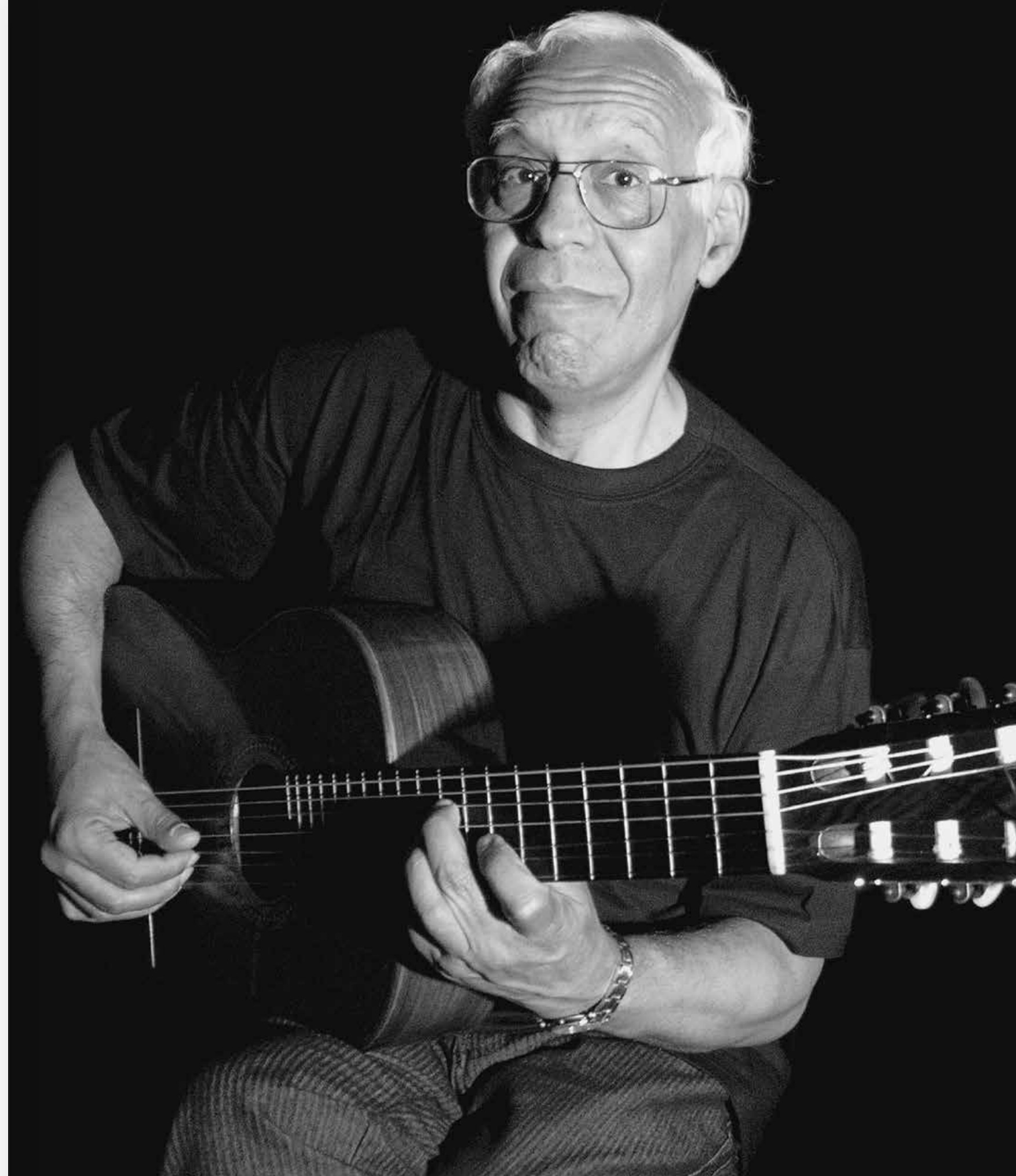
No começo, dedicou-se ao cavaquinho, integrando o grupo Bola Preta, criado por seu irmão. No final dos anos 1950, surgiu um novo estilo musical que arrebatou o jovem cavaquinista, a bossa nova. Encantado com aquela sonoridade tão moderna, Israel trocou o cavaquinho pelo violão.

O contato com a bossa nova foi decisivo na construção do seu jeito de tocar. Israel gosta de acordes dissonantes e procura sempre por caminhos harmônicos ricos em ornamentação. Certa vez, acompanhou Jacob do Bandolim em *Ingênuo*, de Pixinguinha. Jacob, que detestava a bossa nova, não conseguiu tocar, ficou irritado com o jovem violonista e pediu para que nunca mais o levassem lá. Mas Israel manteve-se fiel ao seu estilo e hoje é reconhecido exatamente pelo tratamento harmônico requintado de seu acompanhamento.

Por volta de 1965 passou a integrar o Conjunto Atlântico, que marcou época, fez inúmeras aparições na TV e ajudou na preservação da memória do choro num tempo em que o gênero estava fora da grande mídia. Permaneceu no grupo até o seu término, na década de 80, quando ajudou a criar o grupo Izaías e seus Chorões. Foi somente então que passou a tocar o violão de sete cordas.

Companheiro inseparável de seu irmão, Israel conseguiu desenvolver uma maneira única de tocar, utilizando o rigor da música erudita, que estudou na juventude, com o balanço do choro e as dissonâncias da bossa nova. Teve uma de suas composições, o *Choro Manco*, gravada pelo grupo Panorama do Choro Paulistano Contemporâneo. E continua espalhando sua música pela noite paulista.

São Paulo, SP, 1/11/1943

FOTO: STELA HANDA

Izaías do Bandolim

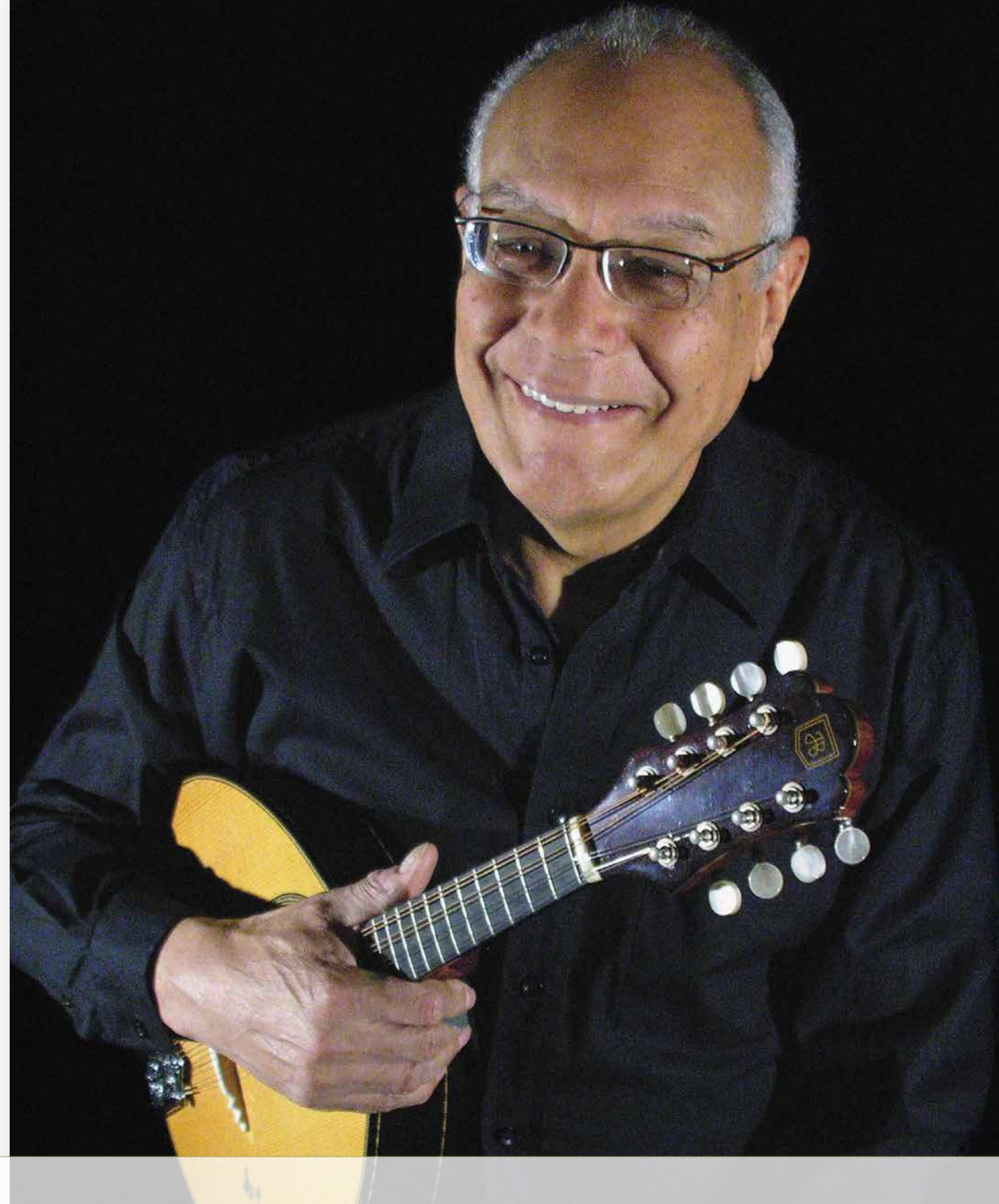
por Yves Finzetto

"O Choro tem sotaques. É como quando nós conversamos... o paulista tem um sotaque, o carioca tem outro, você sabe quando é um carioca tocando ou quando é um paulista. Os cariocas tiveram muita influência rítimica dos baianos, africanos e portugueses. São Paulo teve muita influência dos italianos e espanhóis, então é outra linguagem." (Depoimento concedido ao pesquisador José de Almeida Amaral Júnior)

Um dos maiores chorões em atividade no país, iniciou os estudos musicais por incentivo de seu pai, clarinetista amador. O pai desejava que Izaías tocasse violino, pois "choro não dava futuro". Porém, Izaías, ao ouvir Jacob do Bandolim tocar, não teve dúvida: o bandolim seria seu instrumento. Aos doze anos, tocou seu primeiro choro, *Flamengo*, de Bonfiglio de Oliveira. Em 1955, participou da *Noite dos Choristas*, na TV Record, programa comandado por Jacob. Após executar *Cabuloso*, de autoria do próprio Jacob, obteve o incentivo do mestre. Contudo, nem sempre foi assim. Certa vez, ao tocar a música *Doce de Coco*, fazendo uso de criativas variações, ouviu do bandolinista: "A música já é bonita por si só. Eu não preciso de parceiros. Limite-se a tocar o choro como ele é". Para o bem da música brasileira, Izaías não levou a ferro e fogo a bronca de Jacob. Caso contrário, o público teria sido privado de ouvir as maravilhosas interpretações de Izaías, as quais marcaram sua carreira e influenciaram as gerações seguintes.

Tocou com Pixinguinha, Benedito Lacerda, Garoto, Luperce Miranda, Waldir Azevedo, Copinha, Sivuca, Altamiro Carrilho, Orlando Silveira, K-Ximbinho, Radamés Gnattali, Paulinho da Viola, entre outros grandes nomes da música brasileira. Por muitos anos, Izaías liderou o programa *A Alegria do Choro*, na TV Cultura, produzido por Júlio Lerner. Como compositor, possui centenas de músicas, 25 delas reunidas no *songbook Choros e Valsas de Izaías do Bandolim*, lançado pela editora *Choro Music*. Com mais de 80 anos, mantém uma roda de choro no Estúdio do Silvinho, na Pompeia, – ponto de encontro dos chorões da capital paulista – e seu grupo, Izaías & Seus Chorões, em plena atividade. Possui um acervo de, aproximadamente, 1,2 mil partituras, escritas por ele próprio, hábito iniciado em um tempo em que o acesso a partituras era escasso.

São Paulo, 7/6/1937

FOTO: STELA HANDA

Jacaré

por Anna Paes

Nascido no bairro de Cordeiro, Recife, Antônio da Silva Torres, o Jacaré, começou a tocar cavaquinho aos nove anos de idade, por influência do pai, Josias, barbeiro e boêmio, que o levava para as rodas de seresta. Músico intuitivo, em 1957 integrou o regional da Rádio Clube de Pernambuco, ao lado de Felinho, China, Otacílio Feitosa, Nelson Miranda, Martins da Sanfona, onde permaneceu até 1964. Após o apogeu do Rádio passou a tocar na noite recifense.

Em 1982, aos 53 anos de idade, trabalhando no Bar do Bispo, foi apresentado a Hermínio Bello de Carvalho e Mauricio Carrilho pelo maestro e violinista Cussy de Almeida. Encantados com o refinamento de suas composições e com a precisão de suas execuções, Hermínio e Mauricio encamparam o projeto de gravar o primeiro e único disco de Jacaré. O álbum, intitulado *Choro Frevado*, foi produzido em 1985 pela Funarte, apresentando 13 composições de Jacaré com arranjos e direção artística de Mauricio Carrilho. Entre elas estão choros como *Saudoso cavaquinho*, *Saudade de Limoeiro*, *Pro Hermínio*, os frevos *Jacaré de Saiote* e *Jacaré voador*, as valsas *Silvana* e *Jaciara*, dedicadas às suas filhas, e o baião *Galho Seco*. Participam do disco grandes nomes da música instrumental do Rio de Janeiro e de Recife, como João Lyra, Mauricio Carrilho, Adelmo Arcoverde, Marco César, Ivanildo Maciel, Rossini Ferreira, Henrique Annes, entre outros. Jacaré faleceu em 2005, aos 75 anos de idade.

Recife, PE, 12/6/1929 – 1/4/2005

Sobre o seu estilo, Hermínio observou: “sua palheta faz tirar do cavaquinho um som que é um pouco de Waldir Azevedo com Jacob do Bandolim”.

FOTO: BETO FIGUEIROA /
JC IMAGEM /
ACERVO JORNAL PERNAMBUCO

Jacob do Bandolim

por Roberta Valente

"Jacob era um homem sério e muito exigente. Mas dentro de toda aquela seriedade pomposa vivia uma grande criança. Escrivão de uma vara criminal, expediu certa vez uma intimação para o cantor e compositor Luiz Vieira. Quando este, apavorado, chegou ao foro e viu Jacob, foi logo falar com ele para saber do que se tratava, se estava envolvido em algum caso sem saber ou se havia alguma acusação séria contra ele:
– Nada disso. É só para você autografar esse seu disco aqui que, aliás, está muito bom – disse-lhe Jacob." (Sérgio Cabral, Instituto Jacob do Bandolim)

Considerado um dos melhores bandolinistas da história da MPB, Jacob Pick Bittencourt é autor de obras-primas como *Noites Cariocas* e *Doce de Coco*. Aos 12 anos, fascinado ao ouvir um vizinho francês cego tocar violino, Jacob pediu pra mãe lhe dar esse instrumento, mas não se adaptou ao arco. Passou a usar grampos de cabelo como palheta e, depois de várias cordas arrebentadas, uma amiga da família disse: "...o que esse menino quer é tocar bandolim...".

Jacob foi autodidata, tirava as músicas de ouvido. Na década de 30 passou a tocar em diversas emissoras radiofônicas, e sua carreira deslanchou. Casou-se e teve dois filhos, Sergio e Elena. Mas o que ganhava não era suficiente para sustentar a família, então Jacob seguiu o conselho de um amigo, o compositor e violonista Donga, e prestou concurso público para poder ter estabilidade financeira. Foi aprovado e trabalhou como Escrevente da Justiça do Rio de Janeiro, paralelamente à sua atividade musical.

Além de brilhante compositor e instrumentista com aguçada sensibilidade, Jacob teve papel fundamental como pesquisador. Sua preocupação com a preservação da música era tanta que ele fez microfilmagem de milhares de partituras, e deixou um rico acervo com documentos, fotos, revistas, livros, discos e partituras relacionados a seus ídolos. Muitos desses itens podem ser vistos no excelente Instituto Jacob do Bandolim, gerido por músicos apaixonados pelo compositor. Resgatou e regravou choros de alguns de seus mestres, como o pianista Ernesto Nazareth, considerado por ele o Chopin brasileiro.

Extremamente disciplinado e exigente, Jacob buscava a perfeição. Quando montou seu conjunto, o Época de Ouro, ainda hoje em atividade, marcava longos ensaios antes de qualquer apresentação. Eram famosos os saraus que promovia em sua casa. Músicos de diversas localidades iam lá pra conhecê-lo. Jacob dizia: "Estão faltando quintais. Choro precisa antes de tudo de quintal para ser gostoso e levar a gente ao canto e à sua dança".

Sofreu seu terceiro e fatal infarto quando vinha da casa de Pixinguinha, sua maior inspiração. Morreu sem ter consciência de sua importância para as futuras gerações de instrumentistas. Hoje temos dezenas de bandolinistas que sofreram influência direta de Jacob. Como escreveu o jornalista Sérgio Bittencourt, seu filho, na canção imortalizada por Elizeth Cardoso: "Naquela mesa tá faltando ele e a saudade dele tá doendo em mim..."

Rio de Janeiro, RJ, 14/2/1918 – 13/8/1969

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / INSTITUTO JACOB DO BANDOLIM

João Macacão

por Roberta Valente

João sempre foi atento aos novos talentos que surgiam na música. Apoiou muitos deles no início de carreira, e serviu de inspiração para outros tantos, como o violonista Zé Barbeiro, o clarinetista Alexandre Ribeiro, o cavaquinista Ildo Silva, a pandeirista Roberta Valente e muitos mais.

João Nicolau de Almeida, mais conhecido como João Macacão, começou sua carreira musical tocando bongô na orquestra de sua cidade natal. Seu pai tocava violão, pandeiro e cantava. Sua mãe também cantava e tocava acordeom. Moravam num sítio e costumavam fazer serenata pela vizinhança. Como as casas eram distantes umas das outras, iam de caminhão, de casa em casa.

Essa lembrança marcou pra sempre a vida de João, que é atualmente um dos maiores seresteiros do Brasil.

Violonista, cantor, chorão, sambista, extremamente ativo aos 78 anos, João tem uma memória invejável. Conta que chegou em São Paulo no dia 9/6/1956. Foi morar em Osasco e começou a tocar bateria num conjunto de baile. Depois, passou para o pandeiro, flertou com o cavaquinho, até se deparar com o violão de um primo, que estava ali sem uso. Ele comprou um método e passou a estudar por conta própria. Ficou chateado quando suas irmãs falaram que ele "não saia do tum tum tum...". Conheceu alguns músicos do bairro, começou a frequentar as melhores rodas de choro da cidade, como a que acontecia na casa do violonista Antonio D'Áuria, passou para o violão de sete cordas e, de lá pra cá, nunca mais parou.

Montou o Conjunto Amapá e, quando esse se desfez, criou o Conjunto Paulistano, ao lado de Milton de Mori, Stanley Carvalho, Tigrão e Joãozinho do Cavaco.

De 1975 a 1998, João acompanhou um dos maiores cantores do Brasil, o Sílvio Caldas, inicialmente como integrante do Regional do Esmeraldino Salles. Foi uma parceria longa que gerou muitos frutos. A partir daí, trabalhou com Orlando Silva, Nelson Gonçalves, Altamiro Carrilho, dentre outros. Dono de repertório imenso, João tem sempre na ponta da língua uma música para cada pessoa que conhece e para cada evento ou situação. Seu filho, André Fajersztajn de Almeida, é um excelente clarinetista e faz parte da nova geração de chorões de São Paulo.

Presidente Bernardes, SP, 11/7/1940

FOTO: STELA HANDA

João Pernambuco

por Lucas Nobile

Difícil encontrar frase melhor que sintetize e defina com tamanha precisão a obra de João Teixeira Guimarães, o João Pernambuco, quanto a proferida por Heitor Villa-Lobos, um dos maiores compositores da história do Brasil: “Bach não se envergonharia de assinar seus estudos”.

Autor de clássicos até hoje muito executados como *Sons de Carrilhões*, *Graúna*, *Interrogando* e *Dengoso*, o autodidata João Pernambuco nasceu em Jatobá, no sertão pernambucano e se fixou no Rio de Janeiro a partir de 1904. Autor de mais de trezentas composições, é considerado um dos fundadores do violão popular brasileiro.

Antes de criar uma extensa obra que se tornaria praticamente obrigatória no repertório do violão, Pernambuco integrou alguns conjuntos no início do século 20, entre eles o Grupo Caxangá e o lendário Os Oito Batutas, ao lado de nomes como Pixinguinha e Donga. Estes dois últimos, aliás, foram parceiros do violonista pernambucano em composições como *Estou Voltando*.

Ao compor temas que mesclavam o balanço do choro carioca com motivos e inspirações nordestinas, João Pernambuco escreveu obras-primas consideradas extremamente modernas não apenas para sua época, mas até os dias atuais. Tanto que suas criações foram gravadas por grandes nomes como Turíbio Santos, Baden Powell, Raphael Rabello, Laurindo Almeida, Jacob do Bandolim, Dilermando Reis e Yamandu Costa. E, não à toa, o musicólogo Mozart de Araújo também definiu Pernambuco à perfeição, dizendo que ele “está para o violão assim como Ernesto Nazareth está para o piano”.

Além das composições associadas ao repertório de violão, João Pernambuco é autor também de obras popularíssimas no cancioneiro brasileiro, como *Estrada do Sertão* (letrada por Hermínio Bello de Carvalho anos depois da morte do violonista) e *Luar do Sertão*, em parceria com Catulo da Paixão Cearense.

Jatobá, PE, 2/11/1883 – Rio de Janeiro, RJ, 16/10/1947

“João Pernambuco é um enigma. Como pôde ele fazer toda aquela obra, ter aquela consistência harmônica que ele tinha, naquela época? Considerando a sua formação, que era de esquina, de rua, João prova aquela tese de que o autodidata vai mais longe. Ele era uma antena, captava tudo que podia ouvir, e aplicava tudo com a maior naturalidade. (...) João Pernambuco passou pela peneira do tempo, que só passa e fica quem é de verdade”. (Raphael Rabello, em depoimento para o livro *João Pernambuco, Arte de um Povo*).

FOTO: STUDIO TEX / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Os Oito Batutas. Em pé, da esquerda para a direita: José Alves (bandolim e ganzá), Pixinguinha (flauta), Luiz de Oliveira (reco-reco) e Jacob Palmieri (pandeiro). Sentados: China (violão), Nelson Alves (cavaquinho), João Pernambuco (violão), Raul Palmieri (violão) e Donga (violão), 1920.

Joel Nascimento

por Yves Finzetto

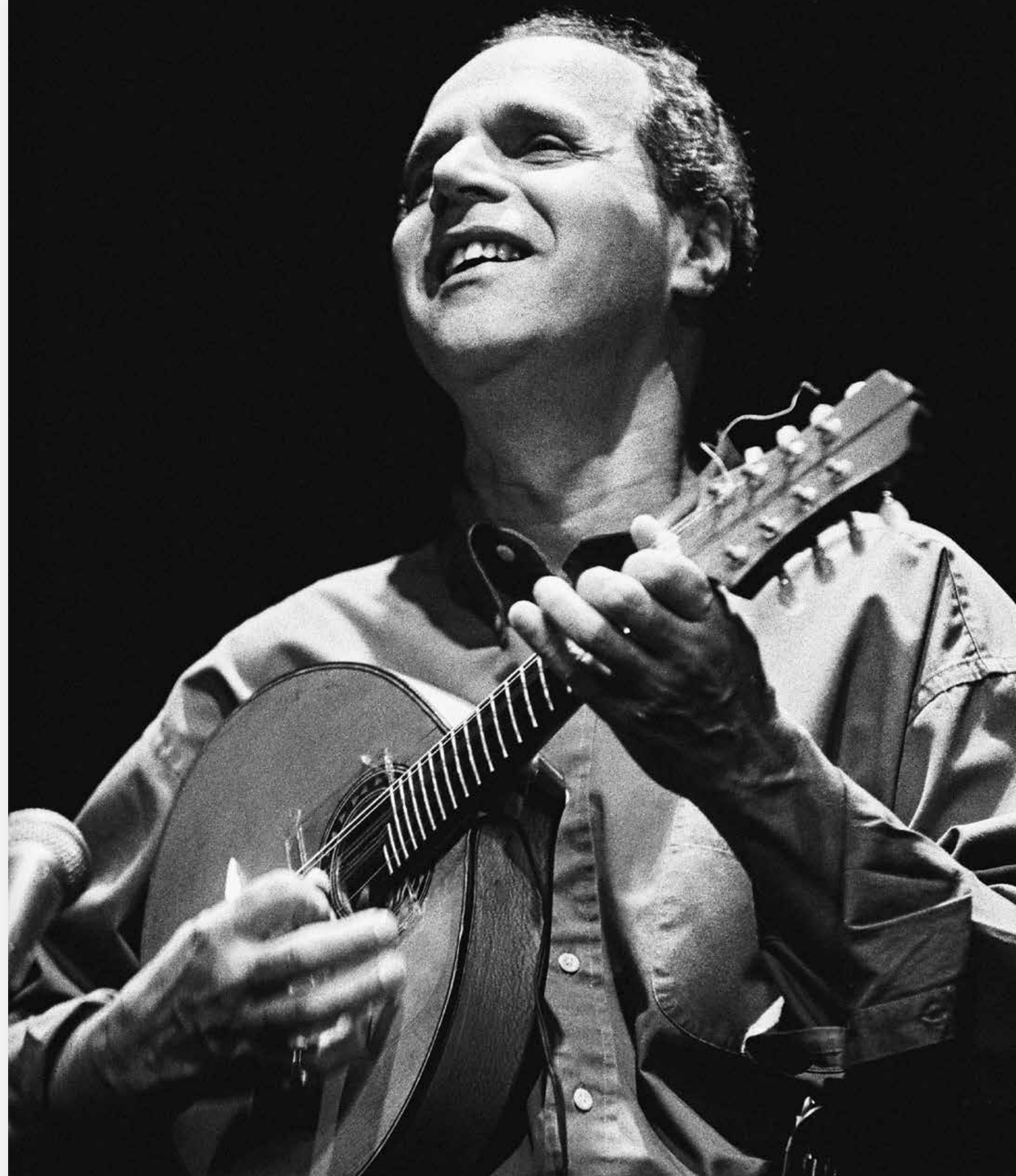
"Joel toca colorido.
Os outros tocam
em preto e branco."
(Radamés Gnattali)

Multi-instrumentista (piano, violão, cavaquinho, bandola, viola de dez cordas e acordeom). Aos dez anos de idade, começou a tocar piano e cavaquinho. Aos quatorze, ingressou na famosa Academia Mário Mascarenhas, para estudar acordeom. Abandonou a música aos vinte e dois anos, em decorrência de problemas auditivos – otosclerose que levou à surdez total em um dos ouvidos. Profissionalizou-se como técnico em radiologia, chegando a trabalhar, como ele mesmo diz, como "fotógrafo de presunto", no Instituto Médico Legal (IML) do Rio de Janeiro.

A partir de 1968, passou a ter, novamente, contato com a música, por meio das rodas realizadas na casa do amigo Oraci, advogado e músico amador. Encantado com a musicalidade de Joel, Oraci presenteou-o com um bandolim da loja Ao Bandolim de Ouro, renomada pela qualidade de seus *luthiers*. Em 1974, convidado pela filha de Donga, Lygia Santos, teve sua primeira experiência em estúdio, gravando o disco *A Música de Donga*. Além do próprio Donga, o disco teve as participações de Elizeth Cardoso, Altamiro Carrilho, Abel Ferreira, Dino, Meira, Canhoto, Marçal, Jorginho do Pandeiro, Almirante, entre outros nomes do primeiro time da música brasileira. A partir daí, sua carreira musical decolou.

Gravou mais de uma dezena de discos como solista, contando com a participação de Waldir Azevedo, Radamés Gnattali, Copinha, Abel Ferreira, Zé da Velha e Época de Ouro. Travou amizade com o maestro Radamés Gnattali, para quem pediu uma adaptação da suíte *Retratos*, a fim de que esta pudesse ser tocada por um conjunto regional. Feita a nova versão, Joel montou um grupo para executá-la, a Camerata Carioca, cuja formação original contou com Mauricio Carrilho, Raphael Rabello, Luciana Rabello, Celso Silva e Luiz Otávio Braga. Foi um dos precursores das rodas de Choro no Sovaco de Cobra, botequim da Zona Norte do Rio. Nos anos 1970, o bar era o reduto dos chorões e obteve grande sucesso na mídia, auxiliando na difusão do gênero. Na Rádio Globo AM, era comum ouvir a chamada do radialista Adelson Alves: *Alô, Joel do Bandolim! Alô Sovaco de Cobra!*

Rio de Janeiro, 13/10/1937

FOTO: MARCO AURÉLIO OLÍMPIO

Jonas Silva

por Anna Paes

"Jonas 'centrando' cavaquinho é simplesmente impressionante. Conhecemo-lo solista e ótimo. Mas numa roda de choro, observando e absorvendo as palhetadas do nosso bandolim, revelou-se em tempo grande acompanhador. E, graças a Deus, não toca 'atravessado'." (Jacob do Bandolim, na contracapa do LP *Chorinhos e Chorões)*.

Jonas Pereira da Silva aprendeu a tocar cavaquinho como autodidata na adolescência em Niterói. Destacou-se como solista tocando em festas sociais e programas de rádio e TV nos anos 1950, paralela à atividade de funcionário público.

Em 1961 integrou o conjunto que acompanha Jacob do Bandolim no LP *Chorinhos e Chorões*. Participou de seis LPs ao lado de Jacob, incluindo o famoso *Vibrações*, um verdadeiro marco na história do choro, e do memorável show do Teatro João Caetano, ao lado de Elizeth Cardoso e Zimbo Trio. Após a morte de Jacob, Jonas permaneceu no Conjunto Época de Ouro participando da gravação de mais três discos.

Tocou em importantes discos como *Bonfiglio de Oliveira interpretado por Copinha e seu conjunto*, *Valsas e Choros*, ao lado de Turíbio Santos, *Chorando Callado*, primeiro disco a resgatar a obra do flautista Joaquim Callado, *Canhoto da Paraíba – O Violão Brasileiro Tocado Pelo Avesso, Paulo Moura – Mistura e Manda*.

Em 1982 participou do espetáculo *One Night of Brazil*, realizado no Lincoln Center, em Nova York, reunindo músicos de formação erudita e popular, como Arthur Moreira Lima, Norton Morozowicz, Paulo Moura, João Pedro Borges, César Faria e Raphael Rabello, apresentando composições de Nazareth, Jacob, Pixinguinha, Patápio Silva, Waldir Azevedo, João Pernambuco e Garoto.

Nos últimos anos de vida, Jonas frequentava aos domingos o Bar Orquídea, reduto de resistência do choro em Niterói. Faleceu aos 63 anos de idade, em decorrência de um enfarte. O carro funerário que levava o seu corpo parou em frente ao bar e seus amigos Silvério Pontes, Zé da Velha, Márcio Almeida, Ronaldo Souza, Rogério Souza e Márcio Gomes prestaram-lhe uma homenagem comovente, tocando os seus choros favoritos. Sobre ele, Waldir Azevedo disse: "*Eu gostaria de tocar com a emoção de Jonas*. Alguns choros de sua autoria, como *Meu chorinho* e *Dengoso*, tornaram-se clássicos do repertório das rodas".

Rio Bonito, RJ, 11/4/1934 – Niterói, RJ 14/9/1997

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / INSTITUTO JACOB DO BANDOLIM

Em pé, da esquerda para a direita: César Faria (violão) e Carlinhos Leite (violão). Sentados, da esquerda para a direita: Dino Sete Cordas (violão de sete cordas), Jonas Silva (cavaquinho) e Jacob do Bandolim (bandolim). Ausente da foto: Giberto D'Ávila (pandeiro).

Luizinho Sete Cordas

por Vitor Lopes

Luiz Araújo Amorim cresceu na cidade de Santos, no litoral paulista. Seu pai era músico amador e trazia sua banda para ensaiar em casa todos os finais de semana. O pequeno Luizinho ficava até tarde ouvindo os ensaios, encantado. O pai, atento, percebeu o interesse do menino e lhe ensinou alguns acordes. Em pouco tempo, começaram a frequentar uma roda de choro num morro da cidade. O jovem Luiz ficava ali, tocando com os chorões sem conseguir acompanhá-los. Foi seu Jacobzinho quem lhe falou, com toda a ternura, que ele precisava estudar mais. Chateado, Luizinho foi estudar num conservatório. Quando encontrava alguém daquela turma, desconversava, dizia que estava ajudando o pai, nunca revelou que estava estudando duro. Somente depois de três anos sentiu-se preparado para voltar. E quando voltou, que alegria! Todos ficaram felizes em ver como o pequeno Luizinho tinha evoluído no violão, agora já com sete cordas.

Foi em Santos que Luizinho desenvolveu sua habilidade musical. Tocou guitarra, acompanhou cantores, fez bailes. Certa vez, foi chamado para uma serenata. Os músicos, todos elegantes e arrumados, esperavam a luz da janela acender para começar a tocar. Finalmente a luz se acende e eles começam. Mas, ao invés da moça cortejada, é o pai quem abre a veneziana e despeja um balde cheio de excrementos nos músicos. Foi a última serenata dele.

Músico impecável e dono de um bom humor inabalável, Luizinho é amado por todos, conhecido tanto por seu talento quanto por sua alegria e bondade. Dizem que é impossível não gostar dele. E, com certeza, impossível não gostar de sua música. O famoso Dino Sete Cordas dizia que, quando morresse, Luizinho seria seu sucessor.

Mudou-se para a Terra da Garoa, e passou a acompanhar os maiores músicos do Brasil, como Beth Carvalho, Clara Nunes, Altamiro Carrilho, Paulinho da Viola, entre muitos outros. Tocou no Japão, nos Estados Unidos e na Europa. Foi pioneiro no uso da leitura musical no choro e transcreveu inúmeros choros para partitura. Aliás, sua caligrafia é tão bonita que foi o responsável por escrever, à mão, todas as partituras do *songbook* de Arismar do Espírito Santo.

Marília, SP, 31/10/1946

FOTO: STELA HANDA

Luperce Miranda

por Roberta Valente

Luperce Bezerra Pessoa de Miranda foi um dos maiores bandolinistas da história e um virtuose das cordas: tocava cavaquinho, violino, violão, guitarra portuguesa, violão tenor, viola e piano. Seus dez irmãos e seus pais também tocavam. Chegaram a montar uma orquestra caseira. Passou a tocar profissionalmente aos doze anos e, por volta dos quinze, criou seu primeiro conjunto, onde tocava piano, o Jazz Band Leão do Norte, que se apresentava na badalada Confeitaria Glória, local frequentado por intelectuais, artistas, políticos, escritores. De passagem pela cidade, Pixinguinha foi assistir ao grupo e, impressionado com Luperce, perguntou se ele não queria juntar-se aos Oito Batutas no Rio, mas o bandolinista recusou o convite.

Casou-se em 1923 e teve quatro filhos. Em 1926 integrou um novo grupo, o Turunas da Mauricéia, que foi para o Rio em 1927, sem Luperce, que preferiu ficar no Recife. Os Turunas fizeram um sucesso estrondoso, influenciando músicos como Noel Rosa, Almirante e João de Barro. A música *Pinião*, parceria de Luperce com o cantor Augusto Calheiros, foi o maior sucesso do carnaval de 1928 na Cidade Maravilhosa, fato que convenceu Luperce a ir para o Rio, acompanhado de seu novo grupo, A Voz do Sertão, que tinha músicos maravilhosos como o violonista Meira e o cantor Minona Carneiro. O conjunto gravou 32 músicas, mas não durou muito. Foi então que Luperce montou seu próprio regional, que tocou em diversas emissoras de rádio com os maiores nomes da música popular da época. Seu bandolim pode ser ouvido em clássicos como *No Tabuleiro da Baiana*, de Dorival Caymmi, na voz de Carmen Miranda, ou *Com que Roupa*, de Noel Rosa. Em 1932 Luperce foi pra Argentina ao lado de Francisco Alves e Carmen Miranda, dentre outros, e ficou consagrado.

De volta ao Rio conheceu sua segunda esposa, Floripes, com quem teve mais três filhos. Ela morreu cedo e Luperce não perdeu tempo, logo foi morar com Luiza, comadre de Floripes, com quem teve mais dois filhos. Luperce ia sempre ao Recife, e ficava na casa de uma sobrinha, Estael, a Tezinha, doze anos mais nova que Luperce, filha de seu irmão Romualdo Miranda, violonista. Apaixonados, casaram-se em 1941 e tiveram dez filhos.

"A minha admiração por Luperce não tem limite. Sou seu fã, admirador, coleciono suas músicas... Se tivesse sido aluno de Luperce estaria sobremodo honrado, porque teria sido pra mim um diploma, porque ele tem uma técnica, uma agilidade até agora não atingidas por quem quer que seja." (Jacob do Bandolim)

Em 1947 Luperce voltou para Recife, trabalhou em diversas emissoras de rádio, deu aulas e fez apresentações. Em meados da década de 1950 fez uma turnê pela Alemanha e mudou–se com a família para Nilópolis, no Rio. No ano seguinte, montou uma escola de música, a Academia Luperce Miranda, em sua casa, e passou a dar aulas, mesmo sem conhecer teoria musical.

Luperce influenciou muitos músicos, como Evandro do Bandolim, Déo Rian e Rossini Ferreira: "*Não vai aparecer outro igual. Na sua época, Luperce era o maior do Brasil. Ou do mundo mesmo"*; Sivuca: "*Luperce era um dos mais completos instrumentistas brasileiros. Na minha opinião, o melhor. Uma técnica impecável, o Paganini Caboclo, uma máquina tocando o instrumento. Toquei com ele por três ou mais anos e nunca o vi errar uma nota";* Hamilton de Holanda: "*Conhecia muito bem os acordes. Sabia usar o virtuosismo em prol de sua música. Cito como exemplo a valsa concerto* Quando me lembro. *Os dedos percorrem praticamente toda a extensão possível. E que beleza de obra. Linda, difícil, alegre, triste. Considero esta música um desafio para o bandolinista que quer atingir o nível máximo de técnica, se é que isso existe"*.

Luperce morreu do coração. Deixou cerca de 500 músicas e participou de cerca de 700 gravações.

Recife, PE, 28/7/1904 – Rio de Janeiro, 5/4/1977

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / ACERVO DA FAMÍLIA

Mário Cavaquinho

por Anna Paes

"O Anacleto de Medeiros o levava para o Corpo de Bombeiros e ele ficava lá semanas inteiras, dando até palpite em várias orquestrações. Era um homem que podia sentar-se no Municipal e dar um concerto sozinho. Mário foi uma coisa! Merecia uma estátua." (Donga)

Mário Álvares, também conhecido como Mário Cavaquinho, foi considerado pelos antigos um compositor e músico excepcional. Foi o criador do cavaquinho de 5 cordas e da bandurra de doze cordas (zebróide ou "bando", segundo Alexandre Gonçalves). Seu mestre foi Galdino Barreto, o Galdino Cavaquinho, outro grande cavaquinista e compositor da primeira geração do choro. Pixinguinha, que teve o cavaquinho como seu primeiro instrumento, foi aluno de Mário Álvares. Ernesto dos Santos, o Donga, que também iniciou suas atividades musicais com o cavaquinho, declarou sobre seu aprendizado: "Ouvia as músicas do falecido Mário do Cavaquinho. Todos nós que pegamos esse instrumento devemos tudo a essa escola do Mário, que foi um dos maiores compositores e solistas que já tivemos por aqui. O Anacleto de Medeiros o levava para o Corpo de Bombeiros e ele ficava lá semanas inteiras, dando até palpite em várias orquestrações. Era um homem que podia sentar-se no Municipal e dar um concerto sozinho. Mário foi uma coisa! Merecia uma estátua."

Em seu depoimento ao Museu da Imagem e do Som, Donga contou a história de uma reunião musical em que Mário Álvares foi desafiado por Catulo da Paixão Cearense a compor, ali de improviso, uma música inspirada no tango *Brejeiro*, de Ernesto Nazareth, que havia sido tocado repetidas vezes, por conta de seu recente sucesso. O resultado foi o tango *Sertanejo*, que levou Nazareth, que estava presente, às lágrimas. Um CD da coleção *Princípios do Choro* (Acari Records/Biscoito Fino) foi inteiramente dedicado à sua obra, com 14 músicas gravadas em 2002. Acreditava-se que as datas de nascimento e morte de Mário Álvares eram 1861 e 1905, respectivamente. Entretanto, a descoberta recente de um caderno de choro centenário, datado de 1908, recebido pela Casa do Choro, revela que seu nascimento ocorreu 32 anos antes, em 1844, e sua morte em 1909. O caderno ainda traz sete músicas inéditas de sua autoria.

Rio de Janeiro, RJ 1844 – 10/1/1909

IMAGEM: AUTOR DESCONHECIDO / ACERVO DIGITAL MÁRIO ALVARES / GUSTAVO CÂNDIDO

Regional do Canhoto. Ao fundo: Carlos Poyares (flauta), Canhoto (cavaquinho) e Jorginho do Pandeiro.
À frente: Meira (violão), Orlando Silveira (acordeom) e Dino Sete Cordas (violão).

Meira

por Marquinho Mendonça

Seu nome artístico vem do apelido de infância: Jaimeira

O violonista Jayme Thomás Florence, o Meira, começou a tocar profissionalmente com o bandolinista Luperce Miranda. No início da década de 30, já morando no Rio de Janeiro, passou a fazer apresentações com seu vizinho, o fantástico compositor Noel Rosa. Em 1937 entrou para o regional do flautista Benedito Lacerda, que acompanhava todos os grandes intérpretes da época, como Nelson Gonçalves, Linda Batista, Ataulfo Alves e o gigante Pixinguinha. Com a saída de Benedito Lacerda, o grupo passou a se chamar Regional do Canhoto e continuou acompanhando solistas e cantores.

Ao lado de Dino Sete Cordas (Horondino Silva), Meira formou uma dupla que desenhou a linguagem desse instrumento no choro e no samba. Juntos, gravaram muitos sucessos, como os discos do Cartola.

Meira registrou também muitas peças clássicas do violão brasileiro com o genial violonista e compositor Dilermando Reis. Compôs canções de sucesso, entre elas *Molambo* (com Augusto Mesquita), que foi gravada por vários intérpretes. Seu choro mais conhecido é o *Arranca Toco*, gravado por Benedito Lacerda, Garoto ao bandolim, Banda Mantiqueira, dentre outros.

Excelente professor de violão, Meira foi forte referência para outros mestres, como Baden Powell, Raphael Rabello e Mauricio Carrilho.

Paudalho, PE, 1/10/1909 – Rio de Janeiro, RJ 8/11/1982

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Nelson Alves

por Anna Paes

Um dos principais cavaquinistas das primeiras décadas do século XX, é autor de clássicos do repertório do choro como *Mistura e Manda, Serpentina* e *Nem Ela Nem Eu*. A partir da década de 1910, esteve presente em diversas gravações feitas para a Casa Edison como acompanhador de grupos instrumentais que marcaram época na história da música popular brasileira. Ao lado do violonista Tute, fez parte do Grupo Carioca (que tinha como solista o trombonista Candinho Silva) e do Grupo Chiquinha Gonzaga, cujo solista era o flautista Antônio Maria Passos.

Nelson Alves foi integrante do grupo Oito Batutas, criado em 1919 com a finalidade de tocar na sala de espera do elegante Cinema Palais, na Av. Rio Branco, onde apenas músicos eruditos tocavam. A formação inicial do conjunto era Pixinguinha (flauta), Donga (violão), Nelson Alves (cavaquinho), José Alves de Lima (bandolim e ganzá), Raul Palmieri (violão), Jacob Palmieri (pandeiro) e Luís de Oliveira (bandola e reco-reco). Apesar das críticas ao repertório popular de choros, maxixes, sambas e emboladas, o conjunto teve o apoio de figuras importantes da sociedade carioca. Em 1921, o milionário Arnaldo Guinle, encantado com a apresentação do conjunto no cabaré Assírio ao lado da dupla de bailarinos Duque e Gaby, resolveu patrocinar uma viagem do grupo a Paris. De volta ao Brasil em 1922, participaram das comemorações do Centenário da Independência, mas logo em seguida empreenderam mais uma viagem à Argentina, onde realizaram 20 gravações mecânicas em 78 rpm pela Victor de Buenos Aires. Nelson Alves revelou-se exímio solista de cavaquinho (de quatro e cinco cordas) gravando choros de sua autoria para a Victor e a Brunswick, em 1929 e 1930. Em 1931, ao lado de músicos veteranos como Donga e Pixinguinha, fez parte do Grupo da Guarda Velha.

Rio de Janeiro, RJ, 1895 – 1960

"Exímio tocador de cavaquinho, porém hoje dá preferência ao banjo, armado em bandolim, onde ele fez diabruras de assombrar, tal a sua agilidade e proficiência no saber tocar este divinal instrumento, tornando-se deste modo um profissional artista, de mérito nas rodas dos chorões de sua classe, onde ele é aclamado com muito entusiasmo e admiração." (Alexandre Gonçalves Pinto, no livro *O Choro*, de 1936).

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO PIXINGUINHA / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Os Oito Batutas: Jacób Palmieri (pandeiro), Donga (violão), José Alves (bandolim e ganzá), Nelson Alves (cavaquinho), Raul Palmieri (violão), Luís de Oliveira (reco-reco e bandola), China (violão) e Pixinguinha (flauta), 1919

Quincas Laranjeiras

por Anna Paes

Violonista e compositor pernambucano, Joaquim Francisco dos Santos se tornou conhecido como Quincas Laranjeiras. Com apenas seis meses de idade foi morar no Rio de Janeiro, onde permaneceu por toda a vida. Aos onze anos iniciou seu aprendizado musical com o maestro João Elias, regente da banda do estabelecimento onde trabalhava: a Fábrica de Tecidos Aliança, situada no bairro de Laranjeiras. Nessa época tocava flauta quando um de seus irmãos começou a aprender violão. Ficou tão fascinado pelo instrumento que passou a se dedicar exclusivamente a ele, tornando-se um excelente acompanhador de modinhas.

Aos dezesseis anos começou a trabalhar como funcionário público e passou a frequentar os célebres saraus da casa O Cavaquinho de Ouro, onde conviveu com Villa-Lobos, Catulo da Paixão Cearense, Anacleto de Medeiros, Irineu de Almeida, Juca Kalut, José Rebelo da Silva (Zé Cavaquinho) e João Pernambuco. Quincas se aprofundou no estudo do instrumento e, além de grande acompanhador, tornou-se solista de rara habilidade. Tocava com desembaraço polcas, valsas e o repertório violonístico da época (Carcassi, Castellati, Cano, entre outros).

Foi pioneiro no ensino do violão "por música" no Rio de Janeiro, adotando os métodos de Dionísio Aguado e F. Tárrega. Ampliou o repertório do instrumento escrevendo transcrições e arranjos para violão solo. Seu choro *Sabará* foi gravado em 2002 na coleção de CDs *Princípios do Choro* (Acari Records/ Biscoito Fino).

Olinda, PE, 8/2/1873 – Rio de Janeiro, RJ 3/2/1935

"Homem consciente, modesto e probo, fez disso sacerdócio, ministrando a seus discípulos seus criteriosos ensinamentos, com aquela simplicidade que o tornou querido de toda a nossa sociedade. Pode-se, por isso, dizer com justiça que Quincas Laranjeiras é o avô do violão moderno. A ele se devem, mais do que a qualquer outro, os primeiros passos no estudo do violão." (Revista "O Violão", 1928 – Livro *Violões do Brasil*)

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / ACERVO DIGITAL BIBLIOTECA NACIONAL

Quincas Laranjeiras (sentado, com o violão), ao lado de Catulo da Paixão Cearense (em pé), 1919.

Raphael Rabello

por Lucas Nobile

Raphael redimensionou o choro e, sobretudo, o seu instrumento, cumprindo a missão, a que disse ter se proposto, de dar ao violão o seu lugar merecido." (Luciana Rabello, livro *Violões do Brasil*)

Nascido num ambiente familiar musical, Raphael Baptista Rabello teve como primeira influência seu avô José de Queiroz Baptista, que tocava violão, piano e cavaquinho (não profissionalmente). Logo após a morte do avô, Raphael começou a tocar violão aos sete anos.

Com grande bagagem de peças eruditas e de música popular brasileira, Raphael ampliou substancialmente seus conhecimentos a partir dos treze anos, quando passou a ter aulas com o violonista Jayme Florence, o Meira (também professor de Baden Powell).

Por meio de discos de choro – *Vibrações* (Jacob do Bandolim, 1967) e dos dois volumes de *Choros Imortais* (Altamiro Carrilho, 1964 e 1965) –, Raphael descobriu o violão de sete cordas e, por consequência, aquele que se tornaria sua maior referência no instrumento: Dino Sete Cordas (Horondino José da Silva).

A partir de 1976, quando fez sua primeira gravação, num compacto da cantora Gisa Nogueira, Raphael iniciou extensa atividade profissional. No ano seguinte, além de integrar o *Choros do Brasil*, do violonista Turíbio Santos, gravou o primeiro e único disco com seu próprio conjunto, Os Carioquinhas. Em 1979, com a Camerata Carioca, tocou no antológico *Tributo a Jacob do Bandolim*, ao lado de Joel Nascimento e Radamés Gnattali.

Exímio acompanhador, atuou em cerca de seiscentas faixas de álbuns dos mais diversos artistas como Dona Ivone Lara, Chico Buarque, Nara Leão, Elizeth Cardoso, Ney Matogrosso, Paulo Moura e Paulinho da Viola.

Em 1982, com seu primeiro disco solo, escreveu um novo capítulo na história do violão de sete cordas. Pela primeira vez o instrumento, até então utilizado apenas para fazer acompanhamentos, foi alçado à condição de solista. Morto aos 32 anos, Rabello lançou 19 álbuns – além de outros seis comercializados após sua morte – e tornou-se referência fundamental para gerações seguintes.

Petrópolis, RJ, 31/10/1962 – Rio de Janeiro, 27/4/1995

FOTO: MARCO AURÉLIO OLÍMPIO

Toco Preto

por Vitor Lopes

Em 2011, foi homenageado no CD *Tributo a Toco Preto*, onde teve suas composições interpretadas por ele mesmo, ao lado do regional de Agnaldo Luz e Luizinho Sete Cordas.

Ormindo Fontes de Melo mudou-se ainda criança para Jacarepaguá, onde foi criado. Seu pai tocava cavaquinho e o garoto pegava o instrumento escondido para aprender sozinho, tornando-se autodidata. Quando adolescente, gostava de deixar a cabeça raspada e os amigos não o perdoaram: criaram o apelido Toco Preto, que acabou se transformando em seu nome artístico. Em 1980 mudou-se para São Paulo.

Aos 20 anos foi convidado por Ary Barroso para integrar o grupo do seu programa *A hora do calouro*, um dos mais importantes do país. Sua versatilidade musical permitiu que acompanhasse artistas muito diferentes entre si, como Cartola, Luiz Gonzaga e Ademilde Fonseca, entre muitos outros. Na década de 1970, gravou nove discos por várias gravadoras diferentes.

Em 1977, Hermínio Bello de Carvalho coordenou um projeto no Teatro João Caetano do Rio de Janeiro chamado "Projeto seis e meia", para o qual um grupo de bambas foi reunido. Depois que o projeto acabou, o público pediu para que o conjunto continuasse. E assim nasceu o grupo Chapéu de Palha, formado por Toco Preto, Zé da Velha, Valdir Sete Cordas, entre outros. Eles interpretavam tanto o choro como o samba, em arranjos cheios de balanço, onde a conversa entre cavaquinho, flauta, trumpete e trombone cativava a plateia. Toco Preto era o principal compositor do grupo, além de solar alguns temas, como o balançado *Sobe e Desce,* de Waldir Azevedo. Compositor inspirado, alguns temas de sua autoria são tocados regularmente em rodas de choro, como *De sol a sol, Gingadinho e Chapéu de Palha*, feito em homenagem ao grupo.

São João do Meriti, RJ, 7/6/1933 – São Paulo, 28/3/2019

FOTO: AGNALDO LUZ

Tute

por Lucas Nobile

"O Tute foi o primeiro que eu vi tocar um sete cordas. Eu ficava fascinado com o som daquelas baixarias, mas achava impossível vir a tocar um. Tute tocava com Pixinguinha, na antiga Rádio Mayrink Veiga e, com sua morte, resolvi experimentar o instrumento. Encomendei um violão idêntico ao seu e iniciei um auto-aprendizado. Levei uns três meses e, por fim, consegui domá-lo." (Dino Sete Cordas)

Tocador de banjo, de bandolim, de bombo e de prato ainda no início do século 1920, Arthur de Souza Nascimento, o popular Tute, escreveu seu nome na história da música brasileira com outro instrumento e por uma simples razão: ele foi o principal precursor do violão de sete cordas no país.

Além disso, por volta de 1921, foi o responsável por indicar o ainda desconhecido e jovem flautista Pixinguinha para integrar a orquestra dirigida por Paulino Sacramento, no Cineteatro Rio Branco, no Rio de Janeiro.

Com toda formação e experiência adquiridas na Banda do Corpo de Bombeiros, sob regência de Anacleto de Medeiros, Tute adaptou ao violão de sete cordas as funções de contrapontos que até então ficavam a cargo de instrumentos de sopro, como o bombardino, o oficleide e a tuba.

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / ACERVO DIGITAL BIBLIOTECA NACIONAL

Dono de uma linguagem considerada simples – com baixos "obrigatórios", acentuações e divisões rítmicas pouco complexas e um tanto quanto rígidas, que lhe renderam o apelido de "pé de boi", dado pelo bandolinista Luperce Miranda –, Tute fez suas primeiras e antológicas gravações ao violão de sete cordas no início da década de 1930. Em registros históricos, marcou presença em duas composições de Luiz Americano: o choro *É do Que Há*, registrado em março de 1931, com o autor no saxofone, e a valsa *Lágrimas de Virgem*, de julho do mesmo ano, com o compositor no clarinete.

Pioneiro no uso do violão de sete cordas ao lado de nomes como Otávio da Rocha Vianna, o China, Manoel de Lima, o Manequinho, e Jacy Pereira, o Gorgulho, Tute legou uma contribuição inestimável para o choro e para a música brasileira por outro importante motivo: foram ele e seu violão a primeira e fundamental referência para que Dino Sete Cordas fundamentasse, consolidasse e disseminasse a linguagem do instrumento no Brasil a partir da década de 1950.

Rio de Janeiro, 1/7/1886 – 15/6/1951

Villa-Lobos

por Yves Finzetto

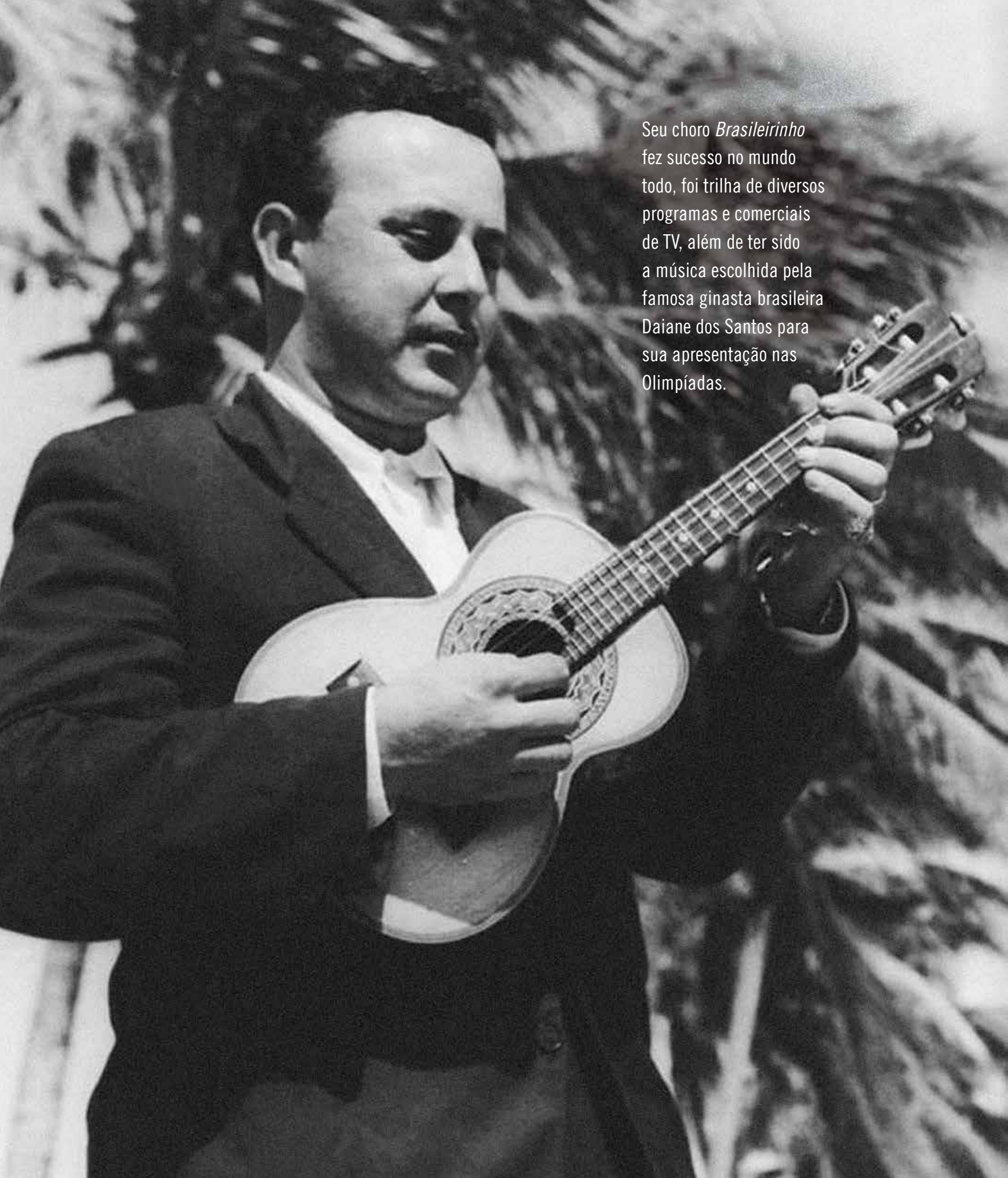
Considerado um dos maiores compositores da história da música brasileira, na data de seu nascimento é celebrado o Dia Nacional da Música Clássica. O compositor, multi-instrumentista e maestro Heitor Villa-Lobos possui uma vasta e interessante biografia, como a participação na Semana de Arte Moderna de 1922; a relação com grandes nomes da música mundial, como Ravel, Stravinsky e Prokofiev; e a implementação de um grande movimento de educação musical nas escolas públicas, por meio da introdução do canto orfeônico.

Os detalhes de sua biografia extrapolam os limites deste verbete. Aqui, nos concentramos em sua relação com o choro. Seu contato com o gênero, deu-se ainda adolescente, época em que frequentava uma loja de instrumentos na região central da capital carioca. A loja era um reduto de chorões, onde se encontravam Quincas Laranjeiras, Irineu de Almeida, Anacleto de Medeiros, entre outros. Nesse ambiente, Villa-Lobos tocava, ao violão, peças de Joaquim Callado, Luís de Souza, Viriato e Ernesto Nazareth.

A influência do choro pode ser encontrada em grande parte de sua obra, especialmente na série *Choros* e na fuga da *Bachiana Brasileira nº1*. No primeiro livro dedicado a biografar os chorões (1936), Alexandre Gonçalves Pinto, vulgo Animal, descreveu Villa-Lobos como "um exímio chorão". "Tocando em seu violão o que é muito nosso com perfeição e gosto de um exímio artista, em companhia do grande cantor e poeta Catulo, de quem ele é dedicado amigo".

Rio de Janeiro, RJ, 5/3/1887 – 17/11/1959

Quando nasci, em 1927, Villa-Lobos já era objeto da galhofa nacional. Quando eu era garoto, em Ipanema, escutava as piadas e gozações a respeito do ensandecido maestro, demente mesmo, um tal de Vira-Loucos. Consta que era maluco. Um dia, mais tarde, apareceu lá em casa um disco, estrangeiro, dos *Choros Nº10*, regido pelo maestro Werner Jansen, peça sinfônica com coral misto, obra erudita. Quando o disco começou a tocar eu comecei a chorar. Ali estava tudo! A minha amada floresta, os pássaros, os bichos, os índios, os rios, os ventos, em suma, o Brasil. Meu pranto corria sereno, abundante, chorava de alegria, o Brasil brasileiro existia e Villa-Lobos não era louco, era um gênio." (Tom Jobim)

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / MUSEU VILLA-LOBOS

Seu choro *Brasileirinho* fez sucesso no mundo todo, foi trilha de diversos programas e comerciais de TV, além de ter sido a música escolhida pela famosa ginasta brasileira Daiane dos Santos para sua apresentação nas Olimpíadas.

Waldir Azevedo

por Vitor Lopes

Ainda criança manifestou interesse pela música e, aos sete anos, juntou dinheiro capturando passarinhos para conseguir comprar uma flauta. Apresentou-se em público pela primeira vez aos dez anos durante o Carnaval, tocando sua flauta. Na adolescência trocou a flauta pelo bandolim e, um pouco mais tarde, finalmente abraçou o cavaquinho, instrumento cuja execução iria revolucionar.

Waldir queria ser piloto de avião, mas problemas cardíacos o impediram de realizar esse sonho. Trabalhou na companhia elétrica do Rio de Janeiro, a Light. Aos 22 anos, no meio de sua lua de mel, recebeu um telefonema que mudaria sua vida: um amigo o avisava que havia uma vaga de cavaquinista no regional de Dilermando Reis, o prestigioso violonista. Tocou no grupo durante dois anos, ao final dos quais assumiu a liderança por conta da saída do próprio Dilermando.

Um dia, ao chegar em casa, o primo de sua esposa, de nove anos, estava com um cavaquinho de brinquedo na mão. O instrumento era muito precário e tinha apenas uma corda. O menino lhe pediu que tocasse alguma coisa no seu pequeno brinquedo e Waldir improvisou uma melodia nessa única corda. Mais tarde, desenvolveu a composição e nomeou-a em homenagem ao garoto: *Brasileirinho* foi gravada no lado B de seu disco de estreia, em 1949, e se tornou seu maior sucesso e um dos maiores clássicos da história do choro.

Waldir emplacou uma série de sucessos como *Delicado, Pedacinhos do Céu* e *Vê se Gostas*, tornando-se o chorão mais famoso e bem-sucedido de todos os tempos. O compositor João de Barro, o Braguinha, contava uma história que, algum tempo após o lançamento de *Brasileirinho*, encontrou Waldir e perguntou se ele já tinha recebido pela gravação. Ao ouvir que não, disse para Waldir passar na gravadora. Alguns dias depois, o cavaquinista aproveitou sua pausa de almoço na Light e passou na gravadora para receber seu dinheirinho:

– Boa tarde, sou Waldir Azevedo.

– E daí? – respondeu o funcionário mal-educado

– Bem, é que o João de Barro disse que eu tinha um dinheirinho para receber...

O funcionário entrou e desapareceu. O tempo passava e nada. Waldir já estava aflito pois precisava voltar para o batente. Quando o funcionário retornou, Waldir não acreditou no que viu. Nunca tinha recebido tanto dinheiro na sua vida! Saiu, comprou um jornal, que usou para embrulhar a bolada, e foi direto pra casa, mostrar a pequena fortuna para sua esposa.

Mas nem tudo foram flores na vida de Waldir. Em 1964 morreu sua filha Myriam, então com 18 anos, vítima de um acidente de carro. Traumatizado, Waldir abandonou a carreira por alguns anos. Em 1971, mudou-se para Brasília, onde nova fatalidade o acometeu: um dia, aparava a grama de seu jardim com um cortador de grama. O telefone tocou e ele foi atender. Ao voltar para o jardim, atrapalhou-se com o aparelho e enfiou sua mão nas lâminas, que deceparam a falange de um de seus dedos. Desesperado, levou o pedaço decepado para um cirurgião, que milagrosamente conseguiu reimplantá-lo à sua mão. Esse episódio virou outro clássico do choro: *Minhas mãos, meu cavaquinho*.

De volta à atividade artística, foi a São Paulo para gravar seu novo disco. Alguns dias antes de iniciar as gravações, passou mal e foi internado no Hospital Beneficência Portuguesa, onde morreu na madrugada do dia 20 de setembro de 1980.

Rio de Janeiro, RJ, 27/2/1923 – São Paulo, SP, 20/9/1980

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / INSTITUTO WALDIR AZEVEDO

Xixa

por YVES FINZETTO

Conhecido por sua versatilidade e competência ao cavaquinho, além de tocar banjo, Bernardo Cascarelli Jr. foi um músico extremamente requisitado. Integrante do Regional do Caçulinha, participou dos programas *Esta Noite se Improvisa* e *Bossaudade*, da TV Record. Tocou com grandes artistas, como Elizeth Cardoso, Cristina Buarque, Cyro Monteiro, Paulinho Nogueira, Roberto Silva, Roberto Carlos e Nat King Cole. Gravou o programa *Ensaio*, da TV Cultura, com os artistas Marçal e Orlando Silva, e também o antológico disco *São Paulo no Balanço do Choro*, de Laércio de Freitas.

Expandiu os limites de seu instrumento, geralmente utilizado no samba e no choro, ao gravar discos de música sertaneja: *Caipira* (1981) e *Violeiro* (1982), de Rolando Boldrin; e *Pena Branca e Xavantinho – Uma Dupla Brasileira*, de Pena Branca e Xavantinho (1994). Obteve sucesso como compositor, especialmente na parceria com Júlio Nagib (letra), com o samba-choro *Lua de Mel* e com o bolero *Um milhão de Estrelas*, gravados, respectivamente, por Heleninha Silveira e Neide Fraga. Lançado pela Odeon, o disco contendo as duas músicas rendeu-lhe, em direitos autorais, uma quantia suficiente para comprar um apartamento na Rua Diógenes Ribeiro de Lima, zona nobre da capital paulista.

São Paulo, SP, 19/6/1926 – 20/1/2000

"Xixa era uma pessoa maravilhosa. Sempre ajudava a todos, me ajudou demais. Seu filho também é músico, o famoso baixista Celso Pixinga". (Milton de Mori)

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / ACERVO DA FAMÍLIA

Zé Menezes

por Marquinho Mendonça

"Acho que a gente vive aprendendo sempre o que a gente gostaria de ser. Se eu pudesse, começava tudo outra vez porque tive pouco tempo para estudar violão. Todo mundo sabe que o violão é um instrumento fácil de tocar mal, por isso eu acho que o dia deveria ter mais horas. Deveria ter 24 horas no dia e mais oito horas pra gente dormir, e tocar violão de novo no outro dia." (Depoimento concedido para o livro *Violões do Brasil*)

José Menezes de França atuou profissionalmente na música durante oitenta e seis anos. Multi-instrumentista das cordas, compositor e arranjador, tocava de forma expressiva e virtuosa o violão, a guitarra, o violão tenor, o bandolim, o cavaquinho e a viola de dez cordas. Aos oito anos compôs sua primeira música no cavaquinho, *Meus oito anos*, e começou a tocar no cinema de Juazeiro do Norte. Foi abençoado pelo Padim Ciço e viu o bando de Lampião passar por sua cidade. Mais adiante atuou como músico na Ceará Rádio Clube, antes de ser contratado em 1943 pela Rádio Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro. Em 1947 foi chamado pela Rádio Nacional, aonde passou a gravar programas ao lado do grande músico Garoto, além de atuar como solista e acompanhar os cantores e orquestras.

Tocou nos grupos de Radamés Gnattali, com quem gravou alguns discos e fez turnê pela Europa. Compôs e gravou músicas de diversos gêneros: choros, gafieiras, valsas, peças clássicas, forrós, sambas e músicas latinas. Na década de 1960 montou o grupo *Os Velhinhos Transviados*. Fizeram muitos shows pelo país e gravaram treze LPs.

Suas músicas em parceria com Luis Bittencourt foram gravadas por Tom Jobim, João Gilberto, Elis Regina, Os Cariocas, Joyce, entre outros. Seu sucesso mais conhecido foi a música de abertura do programa *Os Trapalhões*, que tocou semanalmente na TV durante décadas.

A partir dos anos 1970 passou a atuar como primeiro guitarrista e arranjador na orquestra da TV Globo, criando também várias trilhas de programas. Zé Menezes talvez tenha sido o músico de cordas que mais gravou no Brasil. Quando trabalhava em algumas rádios e gravadoras participou dos discos de Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Roberto Carlos, Chico Buarque, Bola Sete, Sivuca, dentre tantos outros. Gravou entre os anos 2005 e 2011 três discos com cerca de quarenta músicas que representam bem boa parte de sua obra autoral. Zé Menezes nunca deixou de tocar e manteve a destreza técnica e ótima performance musical até 2014. Poucos meses antes de sua partida, ainda realizava shows e gravações de extrema beleza.

Jardim, CE, 6/9/1921 – Teresópolis, RJ, 31/7/2014

FOTO: JULIANA ZORZANELO / ACERVO DE FAMÍLIA

Abel Ferreira

por Vitor Lopes

Seus filhos, a cantora Vânia Ferreira e o maestro Leonardo Bruno, herdaram a musicalidade e o talento do pai. Isso pode ser comprovado, dentre outros, no maravilhoso disco Abel Ferreira e Filhos.

Abel Ferreira foi um dos maiores chorões de seu tempo. Começou pela flauta de bambu e logo conheceu a sua paixão maior, o clarinete. Ainda viria a dominar o sax alto e o soprano, transformando-se num músico muito requisitado para formações orquestrais.

Abel nasceu predestinado para a música: tinha ouvido absoluto mas sua família não o deixava estudar. Assim, conta-se que aprendia sozinho, às escondidas. O começo da carreira não foi fácil e, após uma temporada em Belo Horizonte, foi obrigado a voltar para a cidade natal junto com sua esposa, Maria Auxiliadora, onde tentou administrar uma sorveteria. Depois de quase ir à falência, Abel um dia encontrou sua esposa encolhida dentro de casa, "chorando baixinho", como ele próprio disse certa vez. Desse sentimento melancólico veio a inspiração para a sua obra mais conhecida. Resolveu tentar a carreira musical mais uma vez. E dessa vez, tudo deu certo. De Minas veio para São Paulo, onde profissionalizou-se e gravou suas primeiras composições, *Chorando Baixinho* e *Vânia*, em 1942. Viajou por todo o Brasil e, por que não, por todo o mundo. Tocou e gravou com os grandes de seu tempo: Pixinguinha, Waldir Azevedo, Carmen Miranda, Paulo Moura, Chico Buarque e muitos, muitos outros. E, apesar de ter uma obra relativamente pequena, suas composições estão entre as mais preciosas do gênero. Impossível uma roda de choro sem *Acariciando, Chorando baixinho* ou *Doce melodia*.

Deixou sua marca na história do choro como um intérprete suave, cujo timbre aveludado era rapidamente reconhecido, e como compositor e arranjador de grande talento.

Coromandel, MG, 15/2/1915 – Rio de Janeiro, 13/4/1980

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Altamiro Carrilho

por Vitor Lopes

"Eu conheço muitos músicos diplomados pela Escola Nacional de Música ou pela universidade não sei do quê e que não tocam muito bem. E muitos outros que não têm diploma, como é o meu caso, eu sou autodidata. Quer dizer, o diploma não toca. Quem toca é o músico".

Altamiro Aquino Carrilho foi um dos flautistas mais importantes da história do choro. Seu avô materno era tão apaixonado por música que sua primeira filha, mãe de Altamiro, recebeu o nome Lyra. Aliás, Lyra de Árion era o nome da banda que sua família tinha em sua cidade natal. Foi nessa banda que o pequeno Altamiro, ao lado de seus primos, tios e irmãos, teve seus primeiros contatos com a música, tocando caixa. Seu irmão Álvaro foi também um grande flautista e é pai de Mauricio Carrilho, um dos maiores chorões em atividade.

Anos mais tarde, já morando nos subúrbios cariocas, Altamiro trabalhava como farmacêutico e estudava música à noite. Finalmente, conseguiu comprar uma flauta de segunda mão, e não parou mais. Iniciou sua carreira no programa de calouros de Ary Barroso, onde ganhou o primeiro prêmio. A partir daí, começou a atuar regularmente em gravações e shows com os maiores nomes de seu tempo.

Em 1951 substituiu Benedito Lacerda no regional do Canhoto, um dos mais importantes e atuantes grupos de choro do Rio de Janeiro. Foi contratado da Rádio Mayrink Veiga e atuou em diversas formações orquestrais. Em 1957, formou o grupo Altamiro Carrilho e sua Bandinha, com o qual gravou muitos discos e comandou um programa na extinta TV Tupi.

Altamiro foi um excelente intérprete do choro, influenciando toda uma geração de músicos brasileiros. Por muitos é considerado o maior flautista brasileiro de todos os tempos. Era também um compositor criativo e surpreendente. Certa vez, ao passar pelo aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, ouviu as quatro notas musicais utilizadas pelo sistema de alto-falantes do aeroporto como preparação para os anúncios de voos e resolveu compor um choro a partir delas. Durante sua viagem para Fortaleza, improvisou um pentagrama num pedaço de papel e assim nasceu *Aeroporto do Galeão*, um de seus mais celebrados clássicos.

Além disso, Altamiro foi um dos principais nomes na valorização do choro, por conta do desinteresse que se abateu sobre o gênero a partir dos anos 70. Com a morte de Jacob e Pixinguinha, e o advento da bossa nova e da jovem guarda, o choro perdeu popularidade e espaço no mundo fonográfico. Nesse cenário desanimador Altamiro usou toda sua criatividade e versatilidade musical para renovar o gênero, lançando discos em que tocava bossa nova e música erudita em ritmo de choro.

Alegre e animado, Altamiro manteve sua atividade até o fim da vida. Seus shows eram recheados com as histórias que tinha vivido ao lado dos grandes nomes da música popular brasileira. Gravou mais de 100 discos, compôs cerca de 200 choros e tocou em quase 50 países.

Santo Antônio de Pádua, RJ, 21/12/1924 – Rio de Janeiro, 15/8/2012

FOTO: MARCO AURÉLIO OLÍMPIO

Anacleto de Medeiros

por Anna Paes

"O legado musical do maestro Anacleto de Medeiros serve não apenas como ponto de partida para a pesquisa fonográfica do repertório das bandas de música, como também para a identificação dos gêneros e estilos musicais que contribuíram para a formação da cultura musical brasileira."

Anacleto Augusto de Medeiros foi um dos maiores compositores de choro de todos os tempos. Nasceu em Paquetá, Rio de Janeiro, filho natural de uma escrava liberta. Começou a estudar música aos nove anos de idade na Banda do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro com o maestro Antônio dos Santos Bocot. Trabalhando como tipógrafo, ingressou no Conservatório de Música e se formou em 1886, tendo sido contemporâneo de Francisco Braga. Já então tocava vários instrumentos de sopro. Passou a se dedicar à composição e à organização de conjuntos instrumentais como o Clube Musical Guttemberg e a Banda da Sociedade Recreio Musical Paquetaense.

Aos trinta anos de idade, Anacleto já era conhecido como regente e compositor quando foi convidado para organizar a Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. Reuniu antigos colegas da Banda do Arsenal de Guerra, integrantes da Banda de Paquetá e seus companheiros de choro, compondo a melhor banda da cidade. Sob sua direção, a Banda do Corpo de Bombeiros ficou famosa ao participar das primeiras gravações feitas no Brasil para a Casa Edison, em 1902.

A música de Anacleto inspirou vários compositores, que fizeram uso de seus temas na criação de obras de concerto. Villa-Lobos utiliza o tema do schottisch *Iara (Rasga o coração,* com letra de Catulo da Paixão Cearense) no *Choro nº 10* para coro e orquestra. Radamés Gnattali compôs um schottisch no terceiro movimento da *Suíte Retratos*, intitulado *Anacleto de Medeiros*, em sua homenagem. São exemplos que confirmam a importância de Anacleto de Medeiros para a música brasileira.

Ilha de Paquetá, RJ, 13/7/1866 – 14/8/1907

IMAGEM: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO PIXINGUINHA / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Benedito Lacerda

por Anna Paes

Começou a aprender flauta, de ouvido, aos oito anos de idade. Aos dezessete, mudou-se para o Estácio, reduto de sambistas. Ao lado de Ismael Silva, Bide, Nilton Bastos, entre outros, integrou a Deixa Falar, primeira escola de samba, fundada em 1928, tocando surdo de lata de manteiga. Aos dezenove anos ingressou na Polícia Militar tocando bumbo na banda do batalhão, e logo depois flauta. Estudou no Instituto Nacional de Música, onde formou-se em flauta e composição. Em 1927 pediu baixa do serviço militar e passou a viver profissionalmente de música, tocando em orquestras e teatros até fundar o grupo Gente do Morro, em 1930, formado por flauta/voz, dois violões, cavaquinho e um forte naipe de percussão. O grupo realizou gravações instrumentais e vocais, tendo entre os cantores, o próprio Benedito. Já nesse período destacou-se como notável líder de conjunto. Exigente e disciplinado, contribuiu para consolidar o formato dos conjuntos regionais, orientando a função de cada instrumento. Quando o Gente do Morro se desfez, Benedito montou o Conjunto Regional Benedito Lacerda, cuja formação definitiva consolidou-se em 1937, com os violonistas Dino 7 Cordas e Meira, Canhoto (cavaquinho) e Popeye (pandeiro). O regional se consagrou como o principal conjunto no acompanhamento de astros da MPB até 1950, quando Benedito se retirou do conjunto e os demais integrantes formaram o famoso Regional do Canhoto.

Além de exímio flautista, Benedito é autor de choros, valsas, sambas e marchinhas de sucesso, como *A Jardineira* (com H. Porto), gravada por Orlando Silva. Considerado um inovador na construção de fraseados melódicos cheios de bossa e lirismo, teve papel fundamental na introdução de células rítmicas do samba no universo do choro. Tornou-se referência de estilo não só para novas gerações de flautistas (da qual Altamiro Carrilho foi o maior expoente), mas para instrumentistas de choro de forma geral.

Benedito Lacerda (flauta) e Pixinguinha (sax) formaram um dos mais importantes duetos da música instrumental brasileira.

Em 1947 Benedito (flauta) e Pixinguinha (sax tenor) formaram uma dupla antológica, com o objetivo de lançar uma série de discos para a gravadora Victor. Acompanhados pelo Conjunto Regional Benedito Lacerda, figuraram no programa semanal *O pessoal da velha guarda*, produzido por Almirante para a Rádio Tupi. Os solos de flauta e os contrapontos do saxofone formavam diálogos harmônicos que tornaram-se referência estilística do gênero.

Faleceu um mês antes de completar 55 anos de idade, vítima de câncer no pulmão. Em 2005 o selo Revivendo lançou o CD *Minha flauta de prata*, com gravações originais de Benedito Lacerda. No ano seguinte, a gravadora Maritaca homenageou-o lançando a primeira de três caixas contendo quatro CDs, do projeto *Benê, o flautista – Trilogia musical da obra do polêmico (e genial) Benedito Lacerda.*

Macaé, RJ, 14/3/1903 – Rio de Janeiro, RJ 16/2/1958

Benedito Lacerda e Pixinguinha

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Bonfiglio de Oliveira

por Anna Paes

Começou a estudar música com o pai, contrabaixista da Banda Mafra de Guaratinguetá. Aperfeiçoando-se com o maestro Acosta, foi logo incorporado à banda como trompetista. Passou a organizar bandas de colégios que apresentavam-se nas cidades do Vale do Paraíba. Em uma dessas apresentações o maestro e violinista Lafaiete Silva convidou-o para ir para o Rio de Janeiro atuar como trompetista da orquestra do Cinema Ouvidor, da qual era diretor. Transferindo-se para o Rio, foi morar na casa de Pixinguinha, a famosa Pensão Viana, conhecida por hospedar músicos amigos.

Atuou como trompetista e contrabaixista em diversas orquestras de teatros e realizou com Pixinguinha várias gravações no início da década de 1910 para a Casa Faulhaber como solista e integrante do conjunto Choro Carioca (Pixinguinha no flautim, Irineu de Almeida no oficleide e bombardino, Bonfiglio de Oliveira no trompete, Léo e Otávio Viana nos violões e Henrique Viana no cavaquinho). Teve participação ativa nos carnavais cariocas integrando o Grupo Caxangá em 1917, compondo marchas-rancho, e atuando como diretor de harmonia do rancho Ameno Resedá em 1919. Na década de 1930, fez parte do Grupo da Guarda Velha e da Orquestra Diabos do Céu. Foi nessa época que a maior parte de seus choros, marchas, maxixes, sambas e valsas foi gravada. Algumas de suas obras são em parceria com figuras de destaque como Lamartine Babo, Orestes Barbosa, Cândido das Neves, Hervé Cordovil, Herivelto Martins, entre outros. Em 2018, o Cordão Carnavalesco Assim é que é & Izaías do Bandolim lançaram o CD *O Bom Filho à Casa Torna*, com dez composições de Bonfiglio.

Guaratinguetá, SP, 27/9/1894 – Rio de Janeiro, RJ 16/5/1940

Após uma turnê na Europa como integrante da Orquestra do Cassino Atlântico, Bonfiglio foi considerado por críticos europeus como um dos maiores trompetistas do mundo.

FOTO: STUDIO TEX / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Candinho Silva

por Anna Paes

A obra do trombonista Cândido Pereira da Silva, Candinho Silva ou Candinho Trombone, como se tornou conhecido, abrange mais de 230 composições (das quais pouquíssimas foram editadas), entre elas a polca *O Nó*, que se tornou, por suas modulações imprevistas, um clássico do repertório do choro. Com seu ponto (grafia musical) inconfundível, Candinho escreveu não só suas próprias composições como também as de diversos chorões que não sabiam música. Dessa forma foi uma figura decisiva na preservação do trabalho desses artistas para as gerações futuras.

Iniciou suas atividades como músico na Banda da Fábrica de Tecidos Confiança, em Vila Isabel, onde chegou a contramestre. Aos dezenove anos de idade passou a integrar a Banda da Polícia Militar, também como contramestre. Tocava, além de trombone, bombardino e bombardão. Em 1916, com o grupo O Passos no Choro, gravou na Odeon uma de suas músicas mais conhecidas: a polca *Soluçando*. Em 1918 participou do Conjunto Carioca, ao lado de Antônio Maria Passos (flauta), Nelson Alves (cavaquinho) e Donga (violão). Outros grandes chorões desse tempo foram seus companheiros, entre eles Irineu de Almeida, Licas do Trombone, Mário Álvares, Luiz Gonzaga da Hora (tuba), Anacleto de Medeiros, Albertino Pimentel, Luiz de Souza, Pixinguinha, Quincas Laranjeiras, Juca Kalut, Nolasco, Amora Cavaquinho e Catulo.

Em 1924 fez parte, ao lado do cavaquinista e compositor Eurico Batista, do grupo Africanos de Vila Isabel, além de integrar a Sociedade Carnavalesca Pragas do Egito, cujo presidente era Alexandre Gonçalves Pinto, carteiro e cavaquinista amador, autor do livro *O Choro, Reminiscências dos Chorões Antigos*, um livro da maior importância para a história do choro (publicado em 1936, o livro resgata a memória de instrumentistas e chorões do Rio de Janeiro da *belle époque*, período entre 1870 e 1930).

Já nessa época fazia parte da Sociedade de Concertos Sinfônicos do Rio de Janeiro e integrava a Orquestra do Teatro São José. A partir da década de 1930, passou a trabalhar como primeiro trombonista da Orquestra Sinfônica Brasileira. Em 1959, já doente, doou seu arquivo musical a Jacob do Bandolim. Hoje esse tesouro faz parte do acervo do Museu da Imagem e do Som. Em 1979 sua obra foi revivida no LP *Candinho na interpretação de Nelsinho*, produzido por Elton Medeiros para a série Revivendo (FEMURJ). Na coleção de CDs *Princípios do Choro*, gravada em 2002 (Acari Records/Biscoito Fino), teve um disco inteiramente dedicado à sua obra.

Rio de Janeiro, RJ, 30/1/1879 – 12/12/1960

Candinho escreveu não só suas próprias composições como também as de diversos chorões que não sabiam música. Dessa forma foi uma figura decisiva na preservação do trabalho desses artistas para as gerações futuras.

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / ACERVO OSMÁRIO ESTEVAM JUNIOR

Banda Militar da época de Pixinguinha, com Candinho, assinalado pela seta.

Carlos Poyares

por Vitor Lopes

Além de sua excelência como flautista, Poyares foi um artista de grande quilate e um divertido contador de causos.

A mãe de Carlos Câncio Poyares era concertista e lhe ensinou os fundamentos da música numa pequena flauta de lata, quando este tinha apenas cinco anos de idade. O pequeno instrumento marcou tanto a sua vida que, já adulto, viria a gravar três discos, o utilizando de maneira profissional. Um desses trabalhos tornou-se um clássico: *Som de prata em flauta de lata*.

Aos oito anos já se apresentava profissionalmente pelos palcos do Brasil. Atuou como solista de vários conjuntos e orquestras, como na Rádio Mayrink Veiga. Foi o substituto de Altamiro Carrilho quando este saiu do Regional de Canhoto para formar seu próprio grupo. Gravou mais de oitenta discos como solista.

Morou no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Brasília, sempre com muito sucesso. Em Brasília, foi um dos apoiadores do Clube do Choro de Brasília, hoje um dos principais polos de formação de músicos de choro do Brasil.

Poyares era um artista notável. Hipnotizava a plateia tanto com sua flauta como com suas histórias. Dono de um carisma único, vivia como um personagem de cinema, extravagante e vaidoso. Suas interpretações eram poderosas, cheias de balanço e sentimento. Muitas vezes se emocionava tanto ao tocar que chorava com a flauta na mão. Inventava histórias com a mesma facilidade com que inventava melodias. Certa vez contou que, ao tocar para a Rainha Elizabeth, que estava à bordo de um navio ancorado em Santos, uma onda o teria levado ao mar. Ele, então, teria se erguido das águas usando apenas a força de seus pés, e não havia perdido um só compasso da música que tocava. Esse era Poyares, o tipo de artista que busca sempre encantar sua audiência.

Colatina, ES, 5/12/1928 – Brasília, 5/5/2004

FOTO: MARCO AURÉLIO OLÍMPIO

Copinha

por Vitor Lopes

Nicolino Copia, filho de imigrantes italianos, começou a tocar ainda criança, sempre ajudado pelos irmãos mais velhos. Seu pai era músico e passou o seu gosto a toda a família Copia, que chegou a formar a Orquestra Irmãos Copia. Aos dez anos, Copinha já participava de rodas de choro tocando flauta, clarinete e saxofone.

Sua carreira começou em 1924, fazendo o acompanhamento de filmes mudos nos cinemas de São Paulo e São Bernardo do Campo. Formou-se em Engenharia e chegou a trabalhar na profissão, mas logo decidiu pela música. Frequentava as rodas de choro e trabalhou com Garoto, Moreira da Silva e Aymoré, entre muitos outros.

No final da década de 1930, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde desenvolveu uma carreira brilhante, tocando com todos os grandes nomes do choro como o próprio Pixinguinha, além de criar sua própria orquestra, a Copia e sua orquestra.

Atuando como músico de estúdio, realizou gravações com os mais importantes nomes da MPB, de Tom Jobim a Carmen Miranda, passando por Roberto Carlos e Chico Buarque. Em 1958, participou da gravação do antológico disco *Canção do Amor Demais*, de Elizeth Cardoso, considerado por muitos como o marco inaugural da bossa nova. É sua a famosa flauta da introdução do clássico *Chega de Saudade*.

Participou de diversos encontros antológicos de chorões, ao lado de Abel Ferreira, Paulo Moura, Waldir Azevedo e Joel Nascimento.

São Paulo, 3/3/1910 – Rio de Janeiro, 4/3/1984

É sua a famosa flauta da introdução do clássico *Chega de Saudade*.

Copinha e César Faria

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Irineu de Almeida

por Anna Paes

Um dos pioneiros do trombone no choro, Irineu de Almeida tocava diversos instrumentos de sopro e foi professor do mestre Pixinguinha.

Ficou conhecido nas rodas musicais como Irineu Batina, pois sempre usava uma sobrecasaca comprida. Mestre na linguagem do contraponto (melodia de acompanhamento que dialoga com a melodia principal), Irineu tocava oficleide, instrumento de sua predileção (corpo de chaves similar ao saxofone, e bocal similar ao de um trombone). Pertenceu à Banda do Corpo de Bombeiros desde a sua fundação, em 1896, tocando bombardino sob a batuta de Anacleto de Medeiros, que muito o admirava. Nas companhias líricas de teatro era um trombonista requisitado. Fez parte do grupo que frequentava a tradicional loja O Cavaquinho de Ouro, ao lado de outros chorões como Quincas Laranjeiras, Villa-Lobos, João Pernambuco, Luiz de Souza, Satyro Bilhar, entre outros. Também foram seus companheiros os chorões Albertino Pimentel (trompetista, sucessor de Anacleto de Medeiros na regência da Banda do Corpo de Bombeiros), Lica (executante de bombardão), João dos Santos (clarinetista), os flautistas Henriquinho Dourado e Irineu Pianinho, os cavaquinistas Galdino Barreto e Mário Álvares, além dos violonistas Neco e Henrique Rosa.

Por volta de 1911 tornou-se professor de Pixinguinha, quando passou a frequentar a casa de seu pai, Alfredo da Rocha Viana. Em 1913, integrando o conjunto Choro Carioca, gravou várias de suas composições para a Casa Faulhaber, entre as quais o schottisch *Os Olhos Dela*, o tango *Aí, Morcego* (dedicado a um famoso carnavalesco e boêmio desse tempo, o Amaral dos Correios) e o tango brasileiro *São João Debaixo D'Água*, com a participação de Pixinguinha, que fazia sua primeira gravação. No carnaval desse mesmo ano foi diretor de harmonia do Rancho Filhas das Jardineiras da Cidade Nova, competindo com o rancho Ameno Resedá.

Deixou mais de 30 obras impressas. Na coleção de CDs *Princípios do Choro* (Acari Records/Biscoito Fino, 2002) teve um disco inteiramente dedicado à sua obra. Irineu de Almeida é um dos sete mestres do choro na foto histórica do piquenique na Ilha de Paquetá, em 1º de novembro de 1906, na residência do General Costallat, ao lado de João dos Santos (clarinete), Luiz de Souza (pistom), Luiz Gonzaga da Hora (bombardão), Horácio Theberge, Estulano (violões) e Jataí (trombone).

Rio de Janeiro, RJ, 1873 – 1916

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Grupo de chorões. Piquenique na residência do General Costallet em Paquetá, Rio de Janeiro, 01/11/1906

João Dias Carrasqueira

por Vitor Lopes

Seu pai, Antônio Dias Carrasqueira, passou para seu filho a paixão pela música. João iniciou seus estudos musicais ainda criança. Passava horas imitando os sons de pássaros e insetos em sua flauta. Aos oito anos, mudou-se com a família para São Paulo, mais precisamente para a Lapa, onde passou o restante de sua vida. Mais tarde seria conhecido como o Canarinho da Lapa.

João Dias dividiu a atividade profissional de ferroviário com a atividade musical, dedicando-se exclusivamente à música somente depois de aposentar-se. Músico muito requisitado e extremamente respeitado pelo seu meio musical, atuou em várias orquestras profissionais de São Paulo. Em 1933 formou um trio com os violonistas Garoto (Aníbal Augusto Sardinha) e Aymoré, companheiros nas rodas de choro da Terra da Garoa!

A partir da década de 1950, passa a dedicar mais tempo à música erudita, chegando a se apresentar ao lado de Camargo Guarnieri e da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo. Seu amor pela música era tão grande que não via divisões entre o popular e o erudito, transitando com naturalidade entre esses dois mundos aparentemente intransponíveis. Recebia o prestigioso prêmio APCA por seu trabalho executando sonatas de Bach e, ao mesmo tempo, classificava seus choros nos Festivais de Choro promovidos pela TV Bandeirantes no final dos anos 70. De sua autoria, *Chorinho Triste* é uma das mais belas melodias do choro e peça tocada em todas as rodas paulistas.

Depois de se aposentar do trabalho ferroviário, pôde dedicar-se com mais atenção à tarefa de transmitir seus conhecimentos para os músicos mais jovens. Dono de uma didática única, acreditava que cada aluno tinha sua própria voz e dizia que a música devia servir para o desenvolvimento do ser humano, chegando a cunhar o termo "flautosofia", segundo o qual o objetivo final da música era a confraternização humana. Passou para seus filhos sua fé no poder transformador da música: Maria José, grande pianista e educadora, e Antônio Carlos Dias Carrasqueira, um dos maiores flautistas brasileiros, herdaram do pai o amor sem distinções à música e, em especial, pelo choro.

Seu amor pela música era tão grande que não via divisões entre o popular e o erudito, transitando com naturalidade entre esses dois mundos aparentemente intransponíveis.

O Canarinho da Lapa morreu em São Paulo, em 2000, aos 92 anos.

Paranapiacaba, Santo André, 4/4/1908 – São Paulo, SP, 15/5/2000

FOTO: EDELTON GLOEDEN / ACERVO DIGITAL VIOLÃO BRASILEIRO

Joaquim Callado

por Roberta Valente

Considerado o “Pai do Choro”, o flautista Joaquim Antônio da Silva Callado aprendeu a tocar ainda na infância com seu pai, professor de música e mestre de banda. Estudou regência e composição com Henrique Alves de Mesquita (1830-1906), criador do tango brasileiro (gênero que ajudou a formar as bases do maxixe) e importante instrumentista, admirado por músicos do quilate de Anacleto de Medeiros, Ernesto Nazareth e Chiquinha Gonzaga.

Carismático e talentoso, Callado profissionalizou-se muito cedo, tocando em festas, bailes e salas de concerto. Foi considerado pela flautista Odette Ernest Dias como um dos fundadores da escola da flauta brasileira.

Precursor sob vários aspectos, Callado foi o principal responsável pela nacionalização da nossa música, ao tocar as polcas e quadrilhas européias com uma roupagem brasileira, criando praticamente um novo gênero. Além disso, fundou o primeiro grupo de choro de que se tem notícia: “O Choro do Callado” ou “Choro Carioca”, como também era conhecido, inicialmente com ele na flauta de ébano, dois violões e um cavaquinho (posteriormente sua amiga, a pianista Chiquinha Gonzaga, a quem Callado dedicou a polca *Querida Por Todos*, juntou-se ao grupo). Foi a primeira vez que se utilizou o nome “Choro” para designar um grupo. A palavra “Choro” seria utilizada como gênero só a partir da década de 1910.

Em 1873, Callado lançou seu *Lundu Característico*. O fato de um lundu, música popular, de escravos, ter sido apresentado como peça de concerto gerou bastante polêmica, mas o flautista tinha tanto prestígio que as críticas não lhe afetavam. Tanto que foi convidado para assumir a cadeira de flauta do Imperial Conservatório de Música e, em 1879, condecorado com a Ordem da Rosa, no grau de Comendador, a mais alta condecoração oferecida pelo Império.

Morreu ao contrair meningite, aos 31 anos. Deixou a esposa e quatro filhos. Sua obra como compositor conta com pouco mais de sessenta músicas. Seu maior sucesso é a polca *Flor Amorosa*, editada logo após sua morte.

Rio de Janeiro, RJ, 11/7/1848 – 20/3/1880

Precursor sob vários aspectos, Callado foi o principal responsável pela nacionalização da nossa música, ao tocar as polcas e quadrilhas européias com uma roupagem brasileira, criando praticamente um novo gênero.

IMAGEM: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

K-Ximbinho

por Anna Paes

Segundo Paulo Moura, K-Ximbinho "foi o mais original dentre os instrumentistas que se dedicaram à orquestra popular urbana".

Uma das grandes referências do saxofone e do clarinete no choro, a atuação de K-Ximbinho (Sebastião de Barros) foi marcada pela fusão de linguagens, trazendo para o gênero um conceito de improvisação do jazz, sem desvirtuar a sua essência. Segundo Paulo Moura, K-Ximbinho "foi o mais original dentre os instrumentistas que se dedicaram à orquestra popular urbana".

Iniciou seus estudos de clarinete na banda da sua cidade. Alistou-se no exército para continuar a estudar, pois acreditava que as bandas militares eram as melhores escolas de música. Foi lá que conquistou o seu apelido, pela semelhança do saxofone com um cachimbo. A grafia K-Ximbinho foi criada por ele mesmo, "para diferenciar de um cachimbo qualquer", dizia.

Em 1938, passou a integrar a Orquestra Tabajara de Severino Araújo, permanecendo até 1942, quando transferiu-se para o Rio de Janeiro, desligando-se do serviço militar. No Rio de Janeiro, além de integrar a Orquestra do Maestro Fon-Fon, atuou também como músico de estúdio e acompanhando cantores. Em 1943 integrou a Orquestra de Napoleão Tavares.

Quando a Orquestra Tabajara transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1945, K-Ximbinho passou a integrá-la novamente como primeiro saxofonista. Em 1946 a orquestra foi a primeira a gravar uma composição de sua autoria, *Sonoroso* (com Del Loro), até hoje um clássico do repertório do choro. Em 1948, o seu choro *Sonhando* foi gravado por Ademilde Fonseca. Entre outras composições de sua autoria que tornaram-se clássicos do gênero estão *Ternura* (dedicada à sua esposa, Lilia), *Sempre* e *Eu quero é sossego*.

Taipu, RN, 20/1/1917 – Rio de Janeiro, RJ 26/6/1980

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / ACERVO DA FAMÍLIA

Luiz Americano

por Anna Paes

Luiz Americano foi um notável compositor, autor de sucessos como o choro *É do que há*, e um dos grandes nomes do clarinete e do sax.

Iniciou os estudos de clarineta aos treze anos com o pai, o mestre de banda Jorge Americano. Foi músico do Exército em Maceió e, em 1921, transferiu-se para o Rio de Janeiro, passando a atuar como músico profissional em diversas orquestras, entre elas as de Romeu Silva, Simon Bountman e Justo Nieto. Começou a participar, como solista de clarineta e saxofone, de várias gravações realizadas na Odeon, tocando choros, polcas, maxixes e valsas de sua autoria e de outros autores como Freire Júnior e Júlio Casado.

Em 1932 integrou o Grupo da Guarda Velha de Pixinguinha e, continuando a realizar gravações como solista de suas músicas, firmou-se, na década de 1930, como grande compositor e um dos maiores clarinetistas brasileiros. Nesta época acompanhou dezenas de cantores em arranjos de Pixinguinha e Radamés Gnattali. Participou do Trio Carioca com Radamés ao piano e Luciano Perrone na bateria. Atuou também no teatro de revista e em *dancings*.

De 1939 até 1950, foi músico de estúdio das orquestras da Rádio Mayrink Veiga e, de 1950 até a sua morte, da Rádio Nacional. Entre suas músicas estão alguns clássicos do repertório do choro como *É do que Há*, *Assim Mesmo*, *Sorriso de Cristal*, *Numa Seresta*, *Intrigas no Boteco do Padilha*, além das valsas *Lágrimas de Virgem*, *Minha Lágrima* e *Ao Luar*.

Itabaiana, SE, 27/2/1900 – Rio de Janeiro, RJ 29/3/1960

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / BIBLIOTECA NACIONAL

Patápio Silva

por Roberta Valente

Considerado um dos maiores nomes da história da flauta no Brasil, Patápio Silva teve uma breve e brilhante carreira. Após a separação de seus pais, ele foi morar em Cataguases, Minas Gerais, onde seu pai montou uma barbearia. Precoce ao extremo, aos cincoanos de idade Patápio impressionava os frequentadores da barbearia tocando uma flautinha feita por ele.

Na adolescência, entrou para a banda de música de Cataguases, o que deixou seu pai bastante contrariado, pois este queria que o filho seguisse a profissão de barbeiro, e Patápio decidiu sair de casa. Participou de diversas bandas de música do interior de Minas Gerais e do Rio de Janeiro e, em 1900, foi para a capital para estudar no famoso Instituto Nacional de Música, com o conceituado compositor, flautista e professor Duque Estrada Meyer, que ficou extasiado com o talento do jovem flautista. Patápio se formou com nota máxima e na metade do tempo previsto.

Decidido a estudar em Paris, Patápio resolveu fazer uma turnê pelo Brasil pra levantar fundos para a viagem. Quando estava em Florianópolis, contraiu difteria e faleceu cinco dias depois. Sua partida prematura causou verdadeira comoção, não só na cidade como em todo o Brasil. Sua morte foi considerada misteriosa e surgiram várias versões, como a de que ele teria sido envenenado, mas nada foi comprovado.

Pioneiro, Patápio foi o primeiro flautista a gravar no Brasil: nos primeiros anos do século XX, registrou em disco diversas músicas na Casa Edison, a convite de Fred Figner, dentre elas algumas de suas composições, como *Primeiro Amor e Zinha*.

Itaocara, RJ, 22/10/1880 – Florianópolis, SC, 24/4/1907

"Ele é nosso espelho, nossa força maior. Se vivesse hoje, certamente estaria no nível dos grandes flautistas eruditos, como Rampal e Moyse. Patápio significa a imagem perfeita de um herói, admirado, seguido, respeitado e idolatrado por mim e pela grande maioria dos flautistas brasileiros." (Altamiro Carrilho)

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / INSTITUTO HISTÓRICO DE GEOGRAFIA DE SANTA CATARINA

Paulo Moura

por Yves Finzetto

"É bom recordar que Paulo Moura tinha a preocupação de trazer a ancestralidade dos choros, sambas e outros ritmos populares para a sua música. O encontro com a matriz ancestral foi marcante no pensamento de Paulo Moura." (Letieres Leite)

O clarinetista e saxofonista Paulo Moura pode ser considerado um dos músicos mais versáteis da história da música brasileira. O instrumentista destacou-se nos cenários da música erudita, do jazz e da música popular brasileira.

Nasceu em 15 de julho de 1932; contudo, devido à Revolução Constitucionalista de 1932, seu pai só o registrou em 17 de fevereiro de 1933. Por isso, até os dias atuais, encontram-se datas de nascimento divergentes em biografias e *websites* dedicados à vida do músico. Paulo Moura sempre celebrou seu aniversário no dia 15 de julho.

Iniciou sua carreira aos doze anos, em um baile de gafieira, em São José do Rio Preto, na banda liderada pelo pai. Alavancou sua vida profissional ao mudar-se para o Rio de Janeiro, tocando em bailes de classe média, gafieiras e orquestras no fim dos anos 1940. Na Orquestra Oswaldo Borba, da Rádio Globo, ocupou o posto de primeiro saxofone alto (solista), o que lhe rendeu sua primeira carteira assinada.

Em 1956, Paulo Moura desenvolveu uma técnica própria, semelhante à técnica da respiração circular, para gravar *Moto Perpétuo*, de Paganini, em seu primeiro disco de 78 rotações. A música, originalmente composta para violino, não possui pausa, daí o "perpétuo". Assim, tornou-se desafiadora para músicos de sopro dada a impossibilidade de respirar durante sua execução. Moura realizou uma preparação de atleta para poder gravar a música: passou a correr na praia de Copacabana, levantar peso, praticar ioga, mas, principalmente, elaborou a técnica de acumular o ar nas bochechas, o que lhe permitiu gravar a peça de, aproximadamente, cinco minutos.

Com a experiência acumulada pelo trânsito nos universos popular – choro e jazz – e erudito, Paulo Moura acabou se destacando no cenário musical nacional e internacional, especialmente a partir do lançamento do álbum *Confusão Urbana, Suburbana e Rural* (RCA Victor – 1976). Foi autor de diversas trilhas para cinema e televisão. Sua obra sinfônica *Arredores da Lapa*, cujo destaque são os instrumentos de percussão popular atuando como solistas, foi composta a convite do governo federal para a comemoração do centenário de abolição da escravatura realizada no Teatro Nacional de Brasília, em 1988. Em 2000, ganhou o Grammy Latino para Música de Raiz, com o disco *Pixinguinha: Paulo Moura e os Batutas*.

Após seu falecimento, o Congresso Americano lhe homenageou erguendo a bandeira americana em meio mastro e lhe conferiu o Certificado de Mérito por sua luta contra o racismo ao reunir a música erudita à música das ruas do Rio de Janeiro e ao jazz americano, criando um estilo próprio.

São José do Rio Preto, SP, 15/7/1932 – Rio de Janeiro, RJ, 10/7/2010

FOTO: ALEX ALMEIDA / ACERVO INSTITUTO PAULO MOURA

Pixinguinha

por Felipe Soares

Considerado o maior nome do choro de todos os tempos, Alfredo da Rocha Viana Filho foi responsável pela consolidação do gênero entre outras inúmeras contribuições para a música brasileira. Em seu dia de nascimento se comemora o Dia Nacional do Choro, é também Dia de São Jorge e Ogum. Autor de mais de 2 mil composições, entre choros, polcas, valsas, maxixes, sambas, lundus, cantos africanos e outros gêneros musicais.

Iniciou-se ao cavaquinho, aprendendo com os irmãos Leo e Henrique, e posteriormente com Mário Álvares. Aprendeu flauta ainda bem jovem, por influência de seu pai, Alfredo da Rocha Viana, flautista amador e funcionário dos Correios. Compôs sua primeira música aos 13 anos de idade, o choro *Lata de Leite*. Anos mais tarde passou a tocar saxofone, desenvolvendo fundamentos da linguagem do choro e improviso de contracantos, prática ensinada por um de seus mestres, Irineu de Almeida, que tocava oficleide e bombardino. Foi Irineu quem o convidou para participar do Rancho Filhas da Jardineira, estreando Pixinguinha no carnaval aos 14 anos.

Liderou conjuntos como Os Oito Batutas (importante formação que saiu em turnê pela Europa em 1922), a Orquestra Pixinguinha-Donga (que realizou a primeira gravação de *Carinhoso*, em 1928), Diabos do Céu (ativa a partir de 1932), Pessoal da Velha Guarda (que realizou importantes registros no Programa do Almirante, entre 1947 a 1952), entre outras.

Pixinguinha é o pai do arranjo e da orquestração brasileira, trabalhando na rádio por muitos anos. Autor de arranjos para bandas e orquestras, acompanhou famosos cantores de rádio, como Carmen Miranda, Francisco Alves e Mário Reis.

Seu apelido vem de Pizindim, como sua avó o chamava, que em dialeto africano significa “menino bom”. Ainda bem jovem contraiu bexiga (varíola) e alguns amigos o apelidaram de Alfredo da Bexiguinha. Dizem que pela mistura dos dois apelidos surgiu Pixinguinha.

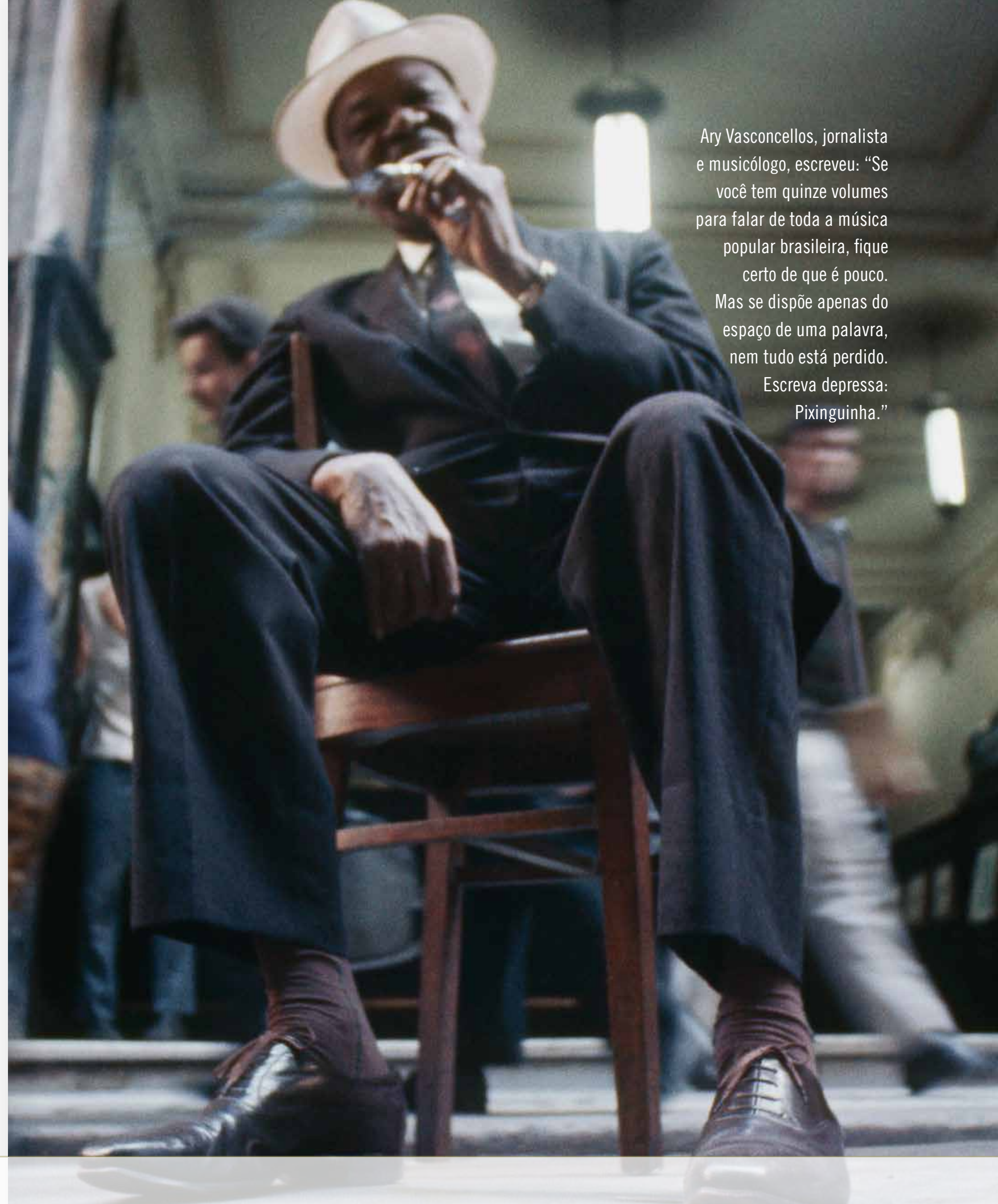
Pixinguinha foi sempre admirado por sua genialidade e bondade. Certa vez, voltando de uma apresentação, ao sofrer uma tentativa de assalto, foi reconhecido por um dos ladrões. Envergonhados pelo incidente, os bandidos logo se desculpam, devolvendo sua flauta, e resolvem escoltá-lo até sua casa. Durante o trajeto, encontram um boteco. Pixinguinha então faz as honras da casa, oferecendo cerveja, cachaça e música.

Outro caso famoso foi quando sua esposa, D. Beti, teve que ser internada. Pixinguinha logo em seguida passa mal, sentindo dores no peito, e acaba sendo internado no mesmo hospital. Para não abalar a saúde de sua companheira, ele resolve guardar segredo. Assim, todos os dias, no horário de visita, vestia um belo terno e chapéu, indo gentilmente visitar sua esposa em um quarto próximo, como se nada houvera, voltando em seguida para o seu leito para continuar seu tratamento.

Considerado por muitos como um santo, Pixinguinha, aos 75 anos, foi convidado para participar do batizado do filho de um amigo, na Igreja Nossa Senhora da Paz, em plena época de carnaval. Ao se aproximar do altar, sofreu um ataque do coração fulminante e morreu. Naquele instante caiu um grande temporal. O regente da Banda de Ipanema, que saía no dia e tinha a Igreja como parte do roteiro, ao saber da notícia, guardou o segredo o quanto pôde, não deixando a música parar. Ao chegar em frente à Igreja, quando todos, tristes, já sabiam do acontecimento, prestaram uma homenagem ao mestre tocando *Carinhoso*.

Rio de Janeiro, 23/4/1897 – 17/2/1973

FOTO: DAVID ZINGG / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Ary Vasconcellos, jornalista e musicólogo, escreveu: “Se você tem quinze volumes para falar de toda a música popular brasileira, fique certo de que é pouco. Mas se dispõe apenas do espaço de uma palavra, nem tudo está perdido. Escreva depressa: Pixinguinha.”

Raul de Barros

por Lucas Nobile

Além de sua atuação como exímio instrumentista, Raul de Barros é até hoje muito lembrado em rodas de todo o país por ser autor de um dos clássicos mais executados: o choro *Na Glória*.

Considerado um dos maiores trombonistas da história da música brasileira, Raul Machado de Barros iniciou seus estudos na década de 1930, tocando sax-horn (espécie de bombardino contralto). Em pouco tempo, já com o trombone de vara, passou a tocar em gafieiras, gênero este que se tornaria sua marca registrada.

Atuando em boates – os chamados *dancings* – como o Eldorado e o Carioca, logo passou a fazer parte do elenco de rádios importantes e de orquestras renomadas e dirigidas por ícones como Pixinguinha, Ary Barroso, Radamés Gnattali e o maestro Carioca (Ivan Paulo da Silva).

Com extensa carreira discográfica, que despontou a partir dos anos 1950 com LPs de dez polegadas, Raul de Barros tornou-se um arranjador requisitado, além de ser convidado a gravar e a participar de espetáculos com artistas como Cartola, Elizeth Cardoso, Chico Buarque, Candeia, Paulinho da Viola, Elton Medeiros, Abel Ferreira, Conjunto Época de Ouro, João Bosco, Dilermando Pinheiro, Altamiro Carrilho, Sergio Mendes, Cyro Monteiro e Roberto Silva.

Muito identificado por seu "balanço", por seus contrapontos e fraseados extremamente originais, serviu como referência para outros grandes trombonistas brasileiros, como Zé da Velha, Nelsinho e, principalmente, Raul de Souza (cujo nome artístico foi inspirado em seu antecessor "de Barros").

Além de sua atuação como exímio instrumentista, Raul de Barros é até hoje muito lembrado em rodas de todo o país por ser autor de um dos clássicos mais executados: o choro *Na Glória* (composto em parceria com Ary dos Santos e Felipe Tedesco, no fim da década de 1940). Tema de grande sucesso, a composição foi gravada por Paulo Moura, Yamandu Costa, Altamiro Carrilho, Carlos Poyares, Maestro Cipó, Nilze Carvalho, Abel Ferreira, entre outros.

Rio de Janeiro, RJ, 25/11/1915 – Itaboraí, RJ, 8/6/2009

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO /
ACERVO DE FAMÍLIA /
ACERVO PARTICULAR DE MARCO PARANÁ

Severino Araújo

por Lucas Nobile

Requisitado como grande arranjador, o clarinetista Severino Araújo teve atuação de destaque nas rádios mais importantes do país, à frente daquela que é tida como a big band mais marcante da história do Brasil: a Orquestra Tabajara.

Um dos pioneiros e mais relevantes nomes da tradição e da formação de big bands no Brasil, Severino Araújo de Oliveira, eternizado ao lado de sua Orquestra Tabajara, nasceu em Limoeiro (PE) e foi criado em um ambiente familiar musical. Filho do mestre Cazuzinha (figura importante na história das bandas musicais militares do Nordeste), Severino e seus irmãos – entre eles Zé Bodega, que futuramente se destacaria como um grande saxofonista – cresceram rodeados por instrumentos de sopro.

Severino Araújo escolheu o clarinete. Compôs aos 12 anos sua primeira música, um dobrado interpretado pela Banda Municipal de Chã do Roda, cidade localizada na divisa entre Pernambuco e Paraíba. Aos 16, começou a escrever seus primeiros arranjos. Com o clarinete, seria lembrado como um dos maiores na literatura daquele instrumento.

Exímio instrumentista, Severino se consagrou também como excepcional compositor. Até os dias de hoje, temas de sua autoria como o complexo e virtuoso *Espinha de Bacalhau*, *Um Chorinho em Aldeia*, *Um Chorinho pra Você* e *Oh! Clarinete Gostoso* são praticamente matéria obrigatória do repertório para os clarinetistas brasileiros.

Requisitado como grande arranjador, mudou-se da Paraíba para o Rio de Janeiro, na década de 1940, e teve atuação de destaque nas rádios mais importantes do país. Isso, à frente daquela que é tida como a big band mais marcante da história do Brasil: a Orquestra Tabajara. Influenciada por famosas big bands norte-americanas – como as de Benny Goodman, Glenn Miller, Duke Ellington e Tommy Dorsey –, a Tabajara tinha os fundamentos do jazz e soava com uma musicalidade essencialmente brasileira. Virou referência para muitas gerações seguintes.

Com sua sonoridade rica e singular, além de se destacar em suas atuações instrumentais, a Tabajara se notabilizou como "orquestra" de acompanhamento de grandes cantores do país, como Jamelão, Elizeth Cardoso e Miltinho.

Limoeiro, PE, 23/4/1917 – Rio de Janeiro, RJ, 3/8/2012

FOTO: MARCO AURÉLIO OLÍMPIO

Zé da Velha

por Yves Finzetto

Zé da Velha tocou com os maiores nomes da música brasileira, de Pixinguinha e Jacob do Bandolim a Paulo Moura e Silvério Pontes, com quem tem um duo, "a menor *big band* do mundo".

Quando tinha apenas 17 anos, José Alberto Rodrigues Matos ingressou no conjunto Velha Guarda, no qual tocavam Pixinguinha, Donga e João da Baiana. Daí surgiu seu nome artístico, Zé da Velha, apesar da pouca idade. Tocou ao lado dos maiores nomes do choro, entre eles Jacob do Bandolim, Waldir Azevedo, Joel Nascimento, Déo Rian, Altamiro Carrilho, Abel Ferreira, Paulo Moura e Hermínio Bello de Carvalho. Participou da gravação de discos históricos, como o *Chorando Baixinho*, com Arthur Moreira Lima, Abel e Época de Ouro, e o *Noites Cariocas*, com o grupo Seleção Brasileira de Chorões. Gravou com grandes artistas, entre eles Dona Ivone Lara, Ney Matogrosso, Beth Carvalho e Luiz Melodia.

Nos anos 1990, iniciou a parceria com o trompetista Silvério Pontes, formando, como eles gostam de se autodenominar, a "menor *big band* do mundo". Nos mais de 25 anos de carreira da dupla, gravaram diversos discos que apresentam a vertente gafieirística do choro, com muito suingue, entre os quais destacam-se *Só Gafieira* (1996), *Tudo Dança* (1998) e *Ele e Eu* (2000). Em 2020, Zé da Velha celebrará 60 anos de carreira. Pode-se afirmar que o músico é a maior expressão viva da linguagem do contraponto no choro, no que diz respeito aos instrumentos de sopro, linguagem sedimentada por Pixinguinha, tocando sax tenor, em sua parceria com o flautista Benedito Lacerda.

Aracaju, SE, 4/4/1942

FOTO: FELIPE TEMPONI / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Carolina Cardoso de Menezes

por Anna Paes

Carolina nasceu em uma família de grandes pianistas e compositores. Seu avô Antônio Frederico Cardoso de Menezes (1848-1915) foi um dos mais populares musicistas do Segundo Império, escrevendo música para o teatro de revista. Sua avó, a pianista virtuose e compositora portuguesa Judith Ribas (1846 – 1928), já era uma concertista admirada quando conheceu Antônio Frederico em turnê pelo Rio de Janeiro e São Paulo. Os dois chegaram a se apresentar em recital a quatro mãos para o imperador D. Pedro II. Tiveram seis filhos, dos quais cinco tornaram-se músicos, entre eles, Oswaldo Cardoso de Menezes (1893-1935), o pai de Carolina, que destacou-se como pianista e compositor, integrando várias sociedades carnavalescas.

Aos 14 anos, Carolina participou da histórica gravação do samba *Na Pavuna,* de Almirante, e, aos 16, teve sua primeira composição gravada. Atuou em várias rádios cariocas (Sociedade, Educadora, Philips, Mayrink Veiga, Tupi) e em 1944 transferiu-se para a Rádio Nacional, onde permaneceu até se aposentar, em 1968. Gravou muitos discos, onde além de suas próprias composições, divulgou a obra de mestres como Ernesto Nazareth. Com o genial multi-instrumentista Garoto, gravou três 78rpm antológicos.

Foi a mulher instrumentista mais atuante no universo do choro desde Chiquinha Gonzaga. O seu toque balançado era inconfundível e contribuiu decisivamente para a popularização do piano como instrumento de choro e de samba.

Rio de Janeiro, RJ, 27/5/1913 – 31/12/1999

Recebeu algumas músicas em sua homenagem, como o fox *Carol*, do pianista Bené Nunes, e a peça *Matintaperera* (n. 4 da série *Lendas amazônicas*), de Waldemar Henrique e Antonio Tavernard.

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Chiquinha Gonzaga

por Roberta Valente

"Quem visse aquela morena faceira, cheia de vida e de entusiasmo, animando as festas do povo, metida nos teatros, discutindo como um homem, e vivendo a vida a seu modo, pensaria, por certo, que tal criatura tivesse uma origem baixa e vulgar." (Luiz Iglezias, teatrólogo)

Francisca Edwiges Neves Gonzaga foi uma das mulheres mais importantes da história da MPB. De família aristocrática, casou-se aos 16 anos com um oficial da marinha escolhido por seu pai. Aos 29, tinha quatro filhos e dois ex-maridos, num tempo em que não havia divórcio. Marginalizada pela sociedade preconceituosa e considerada "morta" por seu pai, Chiquinha decidiu se profissionalizar como musicista para sobreviver, fato inédito para as mulheres até então: passou a frequentar o ambiente artístico, dar aulas de piano, tocar em festas, bares e lojas de instrumentos, além de ingressar no grupo do chorão mais importante desse período, o flautista Joaquim Callado.

Corajosa, ousada e determinada, depois de muitas tentativas frustradas foi aceita como compositora do teatro de revista, o maior meio de divulgação musical na época, o que lhe trouxe prestígio e reconhecimento: Chiquinha tornou-se a primeira maestrina do Brasil, termo criado para ela pela imprensa, ao reger a Banda da PM em sua segunda peça.

Abolicionista convicta, vendia suas partituras de porta em porta para angariar fundos e alforriar escravos. Lutou pelo fim da monarquia e defendeu várias causas sociais. Foi uma das responsáveis pela nacionalização da música brasileira, num tempo em que a música estrangeira é que era valorizada. O musicólogo Edigar de Alencar declarou que Chiquinha "foi a Princesa Isabel da nossa alforria musical." Já Mário de Andrade afirmou: "quem quiser conhecer a evolução das nossas danças urbanas terá sempre que estudar muito atentamente as obras dela."

Pioneira em todos os campos em que atuava, criou a primeira música de carnaval, a marcha-rancho *Ó Abre Alas*, e foi uma das fundadoras da primeira sociedade protetora de direitos autorais do país, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT). Dona de personalidade criativa e revolucionária, Chiquinha, sempre à frente de seu tempo, rompeu com diversos padrões estabelecidos pela sociedade patriarcal e, por suas ideias liberais e sua independência, sofreu discriminação, enfrentou todos os tipos de preconceito e foi considerada subversiva.

Aos 52 anos, Chiquinha conheceu seu terceiro marido, com quem ficou até o fim da vida, o jovem português João Batista, de 16 anos. Ela era 36 anos mais velha do que ele. Para evitar comentários e críticas devido à grande diferença de idade, Chiquinha apresentava Joãozinho como seu filho adotivo. A vida de Chiquinha já foi retratada em biografias, minisséries, musicais, cinema e teatro. No dia de seu aniversário é comemorado o Dia Nacional da MPB.

Rio de Janeiro, RJ, 17/10/1847 – 28/2/1935

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO CHIQUINHA GONZAGA / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Chiquinho do Acordeom

por Felipe Soares

Chiquinho tinha muita afinidade com os músicos nordestinos. Gravou com Trio Nordestino, Sivuca e Luiz Gonzaga, que lhe apelidou de "Gaúcho da Cabaceira". Dominguinhos dedicou a ele o choro *Homenagem a Chiquinho do Acordeom*.

Romeu Seibel foi um grande acordeonista, se destacando a partir da Era do Rádio. Nascido em uma família de origem alemã, a música esteve sempre presente em seu lar. Sua mãe tocava cítara e, seu pai, bandonéon e clarinete. Aos quatro anos tocava piano com a irmã. Aos seis, ganhou o seu primeiro acordeom. Seu apelido Chiquinho vem de "Chico Bóia", comediante da época.

Em 1949 se transfere para o Rio de Janeiro. A partir de 1950, realiza as primeiras gravações. Durante essa década, trabalhou com grandes músicos, com especial destaque para o Trio Surdina, que integrou a partir de 1952, ao lado de Garoto e Fafá Lemos, cujas sonoridades modernas prenunciavam a bossa nova. Logo a seguir formou o "Chiquinho e seu conjunto" e, ainda nessa mesma fase, o maestro Radamés o convida para tocar com o Quarteto Continental, originando-se o Quinteto Radamés Gnattali. Tornam-se Sexteto em 1960, quando viajam em turnê pela Europa.

Chiquinho era sempre solicitado para as gravações com orquestra. Escrevia arranjos para muitos artistas, além de jingles e trilhas para filmes. Foi um dos músicos contratados da Rádio Nacional, a mais importante da época. Entre 1963 e 1967, foi diretor musical da TV Excelsior.

Sua musicalidade impressionou Radamés, que mudou a forma de ver o acordeom, escrevendo em sua homenagem uma das obras mais importantes para o instrumento: o *Concerto para Acordeom, Tumbadoras e Cordas* (1977). A peça foi regravada com Orquestra de Cordas Dedilhadas, no álbum *Retratos* (1990), com participação de Raphael Rabello na *Suíte Retratos*.

Suas composições mais famosas foram *Esquina da Saudade*, em gravação de Jamelão, e *São Paulo Quatrocentão*, parceria com Garoto e grande sucesso de vendas. Chiquinho acompanhou importantes cantores como Elizeth Cardoso, Aracy de Almeida, Carmélia Alves, Carlos Lira, Maria Creusa, entre outros.

Santa Cruz do Sul, RS, 7/11/1928 – Rio de Janeiro, RJ, 13/2/1993

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / ACERVO DA FAMÍLIA

Cristóvão Bastos

por Felipe Soares

Cristóvão da Silva Bastos Filho iniciou cedo a sua carreira musical: com 13 anos já tocava acordeom na banda de baile liderada por seu primeiro professor, Creso Augusto. Nos anos 60 fez parte de algumas formações dançantes como o Fórmula 7 e Aristides Santos e seu conjunto. Em 1976 participou como tecladista da banda Black Rio em sua primeira fase, gravando no LP *Maria Fumaça*, e também do disco *Memórias Chorando*, de Paulinho da Viola.

Sua trajetória traz diferentes influências musicais, (como choro, samba, bossa nova, samba jazz, música erudita e outros), revelando uma musicalidade eclética, característica marcante em sua produção.

Sua obra é conhecida por brilhantes parcerias em canções e arranjos que se eternizaram em discos de Chico Buarque, Paulinho da Viola, Edu Lobo, Elton Medeiros, Gal Costa, João Nogueira, Nana Caymmi, entre outros artistas. Além de famosas canções como *Todo o Sentimento* e *Tua Cantiga* (parcerias com Chico Buarque), *Resposta ao Tempo* e *Suave Veneno* (parcerias com Aldir Blanc), Cristóvão também se destaca na produção de músicas instrumentais, compondo choros e outros temas brasileiros trazendo sempre elementos como modernidade, criatividade e equilíbrio. Recebeu diversos prêmios ao longo de sua carreira.

Em sua discografia se destacam: *Bons Encontros* (com Marco Pereira, 1992), *Avenida Brasil* (primeiro disco solo, 1997), *Domingo na Geral* (com Nó em Pingo D'água, 2001), *Bossa Nova–Delicado* (com Quarteto Brasil, 2007), *Curtindo a Gafieira* (2008) e *Dino 50 anos* (com Época de Ouro, 1987). Trabalha como compositor para teatro e filmes, destacando-se a criação da trilha original de *Zuzu Angel* (filme de Sérgio Rezende) .

Participou ao lado de Mauricio Carrilho, Luciana Rabello e outros músicos da Escola Portátil em gravações da coleção *Princípios do Choro*, colaborando no registro de composições do início dessa linguagem brasileira. Em 2018 ganhou o Prêmio da Música Popular Brasileira na categoria Melhor Canção com *Tua Cantiga* (letra de Chico Buarque).

Rio de Janeiro, RJ, 3/12/1946

Cristóvão foi bastante premiado ao longo de sua carreira; Foi vencedor do Prêmio Sharp, do Prêmio Tim e do Prêmio da Música, em várias categorias, por anos seguidos.

FOTO: NADJA KOUCHI / FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA TV CULTURA

Dominguinhos

por Felipe Soares

José Domingos de Moraes é considerado um dos sanfoneiros mais completos e geniais de todos os tempos. Filho de Mestre Chicão, tocador e afinador de oito baixos, foi apadrinhado por Luiz Gonzaga. Logo que ouviu o menino Domingos tocando com os irmãos em frente ao hotel em que se hospedara em Garanhuns, o convidou para visitá-lo no Rio de Janeiro. Gonzagão impulsionou sua carreira, lhe dando uma sanfona e todo o apoio necessário, o incentivando a cantar. Trabalharam juntos por décadas. Criou o seu nome artístico Dominguinhos, até então conhecido como Neném do Acordeom.

Dominguinhos é dono de uma musicalidade versátil, e como a maioria dos sanfoneiros de sua época, acompanhou diversos cantores nas rádios, tocando em bares e clubes, variados estilos. Tinha amizade com Orlando Silveira, importante acordeonista que lhe deu algumas aulas e que sempre o convidava para substituí-lo, tocando no Regional do Canhoto.

Suas contribuições musicais vão além do universo do forró, gênero no qual se destacou brilhantemente. É autor de clássicos como *Tenho Sede* e *Eu só quero um Xodó*, em parceria com Anastácia, com quem conviveu por anos, e que rendeu mais de 200 canções. Outro grande parceiro foi Nando Cordel, com quem produziu *Gostoso Demais* e *De Volta pro Aconchego*. As canções *Abri a porta* e *Lamento Sertanejo* são frutos de uma bela parceria com Gilberto Gil.

É considerado um grande improvisador de melodias e raro acompanhador. Dono de uma alma generosa, Dominguinhos é unânime. Admirado pelos sanfoneiros e pelos músicos que o acompanhavam, deixa saudades, sendo grande referência. Seus baiões, choros, xotes e xaxados são clássicos do repertório brasileiro.

Garanhuns, PE, 12/2/1941 – São Paulo, SP, 23/7/2013

Sua ampla discografia, com mais de 40 discos próprios, passeia por diferentes gêneros e instrumentações, trazendo a presença de ilustres figuras da música instrumental como Hermeto Pascoal, Heraldo do Monte, Arismar do Espírito Santo, Gilson Peranzzetta, Yamandu, entre outros.

FOTO: MARCO AURÉLIO OLÍMPIO

Ernesto Nazareth

por Felipe Soares

Nas palavras de Villa-Lobos, Nazareth foi "a verdadeira encarnação da alma musical brasileira".

Ernesto Júlio de Nazareth é um dos célebres compositores de todos os tempos ligados ao gênero. Iniciou-se ao piano através de sua mãe, Carolina, amante da música clássica. Desenvolveu uma forma bem brasileira de se tocar piano, reinventando sonoridades a partir de instrumentações ligadas à roda de choro que o inspiravam, entre outras influências ligadas à música erudita, sobretudo a música de Chopin, que tanto estimava. Considerado o pai do choro moderno, foi responsável pela consolidação do tango brasileiro, gênero em que se destacou, influenciado por Henrique Alves de Mesquita e Chiquinha Gonzaga.

Aos 14 anos, escreveu sua primeira música, *Você bem sabe*, em homenagem ao pai. Próximo aos 17, apresentou-se em público pela primeira vez no Salão do Clube Mozart. Aos 18, compôs a polca *Não caio noutra*, atingindo muito sucesso. Algumas de suas músicas mais conhecidas são *Apanhei-te Cavaquinho, Brejeiro, Escorregando* e *Odeon*, nome do cinema onde tocava. Conta-se que, neste local, recebeu a visita do pianista Arthur Rubinstein, que apreciava suas composições.

Nazareth trabalhou na Casa Carlos Gomes como pianista, demonstrando as novas publicações em partituras. Era fã de Pixinguinha e, sempre que possível, o assistia tocando com os Oito Batutas no Cine Palais, próximo ao Cine Odeon. Segundo Mário de Andrade, foi "o fixador do Maxixe de caráter carioca", embora o próprio Nazareth afirmasse "os tangos não são tão baixos quanto os maxixes". Jacob do Bandolim teve um importante papel para que a música de Nazareth fosse redescoberta. Jacob gravou, com o Regional do Canhoto, em 1951, composições de Nazareth que deram origem a um importante LP lançado em 1955. Este repertório se tornou trivial entre os chorões. Nazareth foi homenageado por Radamés Gnattali através da *Suíte Retratos*, que o considerava um dos pilares da música brasileira. Faleceu próximo à Cachoeira dos Ciganos, por afogamento, após fugir de uma clínica em que esteve internado por problemas psíquicos. Deixou uma obra importante com mais de 200 composições publicadas, entre choros, polcas, tangos, valsas e outros.

Rio de Janeiro, RJ, 20/3/1863 – 1/2/1934

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO ERNESTO NAZARETH / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Laércio de Freitas

por Felipe Soares

Conhecido também por “Tio”, carinhoso apelido que circula no meio artístico. Filho de pai bandolinista e mãe violinista, foi por meio dela que aprendeu os primeiros fundamentos incluindo a alfabetização musical. Laércio vive atualmente em São Paulo.

Possui larga experiência como arranjador, trabalhando com importantes intérpretes da música brasileira em uma discografia que reúne mais de 50 Lps e Cds de artistas como João Donato, Elza Soares, Alaíde Costa, Pery Ribeiro, Marcos Valle, Emílio Santiago, Nailor Proveta, Panorama do Choro Paulistano Contemporâneo, Thalma de Freitas e outros. Escreveu para a Banda Mantiqueira e a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP), em três CDs produzidos entre 2003 e 2007, onde destacam-se seus arranjos orquestrais.

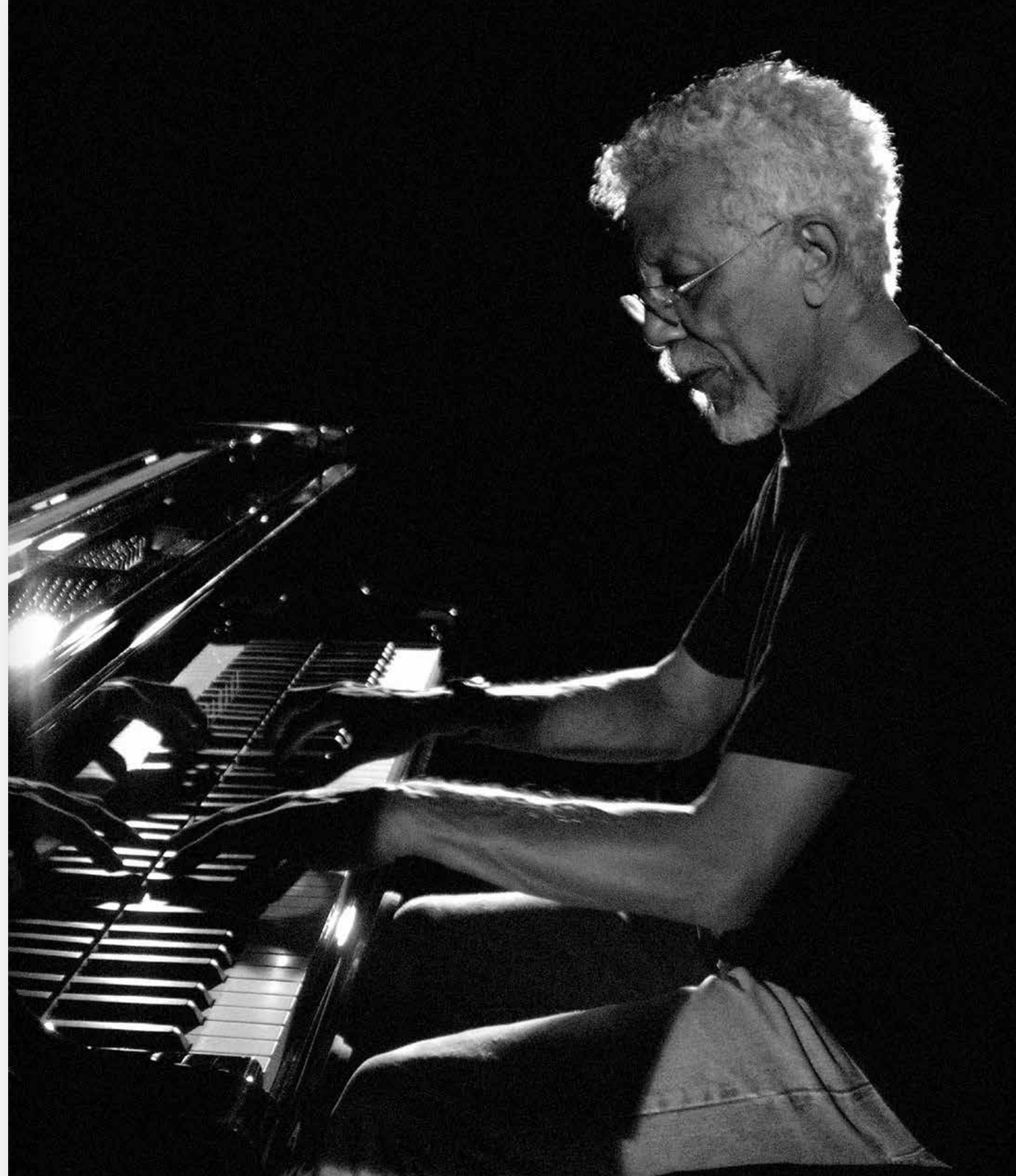
Trabalhou como pianista ao lado de Radamés Gnattali em seu sexteto, que realizou importante turnê europeia em 1960, e na Orquestra Tabajara, de Severino Araújo. Em 1969, integrou Tamba 4 em turnê pelo México, onde viveu por dois anos e aprimorou seus estudos de orquestração com o maestro José Sabre Marroquin. Fez sucesso com a moda de viola *Capim Gordura*, lançada em compacto e, posteriormente, no disco *O Som Roceiro*, de 1972, seu primeiro disco autoral.

Seus engenhosos e inventivos choros apontam inovações rítmicas e harmônicas, com influências do cavaquinista Esmeraldino Salles, com o qual tocou em trio formado para acompanhar cantores na rádio Tupi, ao qual Laércio dedica o disco *Ao Nosso Amigo Esmê*, lançado em 1980. Este álbum se tornou referência para os músicos do gênero, abrindo caminhos para uma linguagem de choro mais contemporânea.

Em 2002 gravou com J.T.Meirelles e os Copa 5 o CD *Samba Jazz*. Em 2006 gravou CD em homenagem a Jacob do Bandolim, ao lado do violonista Alessandro Penezzi.

Campinas, SP, 20/6/1941

Seu bom humor, generosidade e sabedoria são alguns traços de sua personalidade. Um encontro com o “Tio” sempre rende bons assuntos, e não é raro ouvir sua máxima: “Não é difícil, só dá trabalho…”; “A ideia é boa... e funciona!”.

FOTO: STELA HANDA

Lina Pesce

por Anna Paes

Lina gostava de batizar seus choros com nomes de pássaros: *Pintassilgo apaixonado, Sabiá feiticeiro, Bem-te-vi atrevido e muitos outros.*

Magdalena Cantarella Pesce, pianista e compositora paulista, conhecida como Lina Pesce, iniciou seu aprendizado musical com o pai, o maestro italiano Giacomo Pesce. Em 1933 casou-se com Vicente Vitale, um dos fundadores da editora Irmãos Vitale, e foi morar no Rio de Janeiro, onde estudou com Lorenzo Fernandez.

Tornou-se conhecida em 1942, quando o seu choro *Bem-te-vi atrevido* foi incluído na trilha sonora do filme americano *Dupla ilusão (Twice Blessed)*, na interpretação da famosa organista Ethel Schmidt. A partir daí, o choro foi regravado nos Estados Unidos, Argentina, Inglaterra, França, Itália, Rússia, entre outros países. No Brasil teve gravações de artistas como Altamiro Carrilho, Sivuca, Carolina Cardoso de Menezes, Irani Pinto e Heriberto Muraro.

Lina gostava de batizar seus choros com nomes de pássaros: *Pintassilgo apaixonado,* gravado pelo maestro Carioca e sua Orquestra, em 1949; *Sabiá feiticeiro,* gravado por Luiz Americano, em 1950; *Corruíra saltitante,* gravado pelo pianista Muraro, em 1951; *Canarinho Gracioso,* gravado por Irani Pinto ao violino, em 1958, são alguns exemplos. Nesse ano já contava com mais de 200 gravações de suas músicas. Ainda na década de 1950 compôs sambas-canções gravados por Agnaldo Rayol, Jairo Aguiar, Carminha Mascarenhas, Marion Duarte, Elizeth Cardoso e Dolores Duran. Gravou três LPs como solista de piano pela CBS na década de 1960: *Valsas bem brasileiras* (1961), todas de sua autoria; *Concerto em Ritmo* (1963), com arranjos de Lyrio Panicali; e *Chorinhos bem brasileiros* (1963), com arranjos e regência de Radamés Gnattali.

São Paulo, SP, 26/1/1913 – 30/6/1995

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / INSTITUTO PIANO BRASILEIRO

Luiz Gonzaga

por Felipe Soares

Conhecido também como Rei do Baião, ou Lua, apelido recebido por Dino Sete Cordas. Filho de Seu Januário, sanfoneiro de oito baixos e pai de Gonzaguinha, cantor e compositor. Luiz Gonzaga do Nascimento é uma figura emblemática da música nacional. É um dos artistas brasileiros mais representativos, compositor de pérolas da canção nordestina, considerado um divisor de águas na MPB. Gonzaga fugiu de sua terra natal ainda muito jovem, após se desentender com um coronel, pai de Nazarena, uma moça de família com quem queria se casar. Foi para o alistamento militar em plena Revolução de 1930. Durante anos serviu o exército sem dar notícias à família.

Chegando ao Rio de Janeiro em 1939, Gonzaga iniciou sua carreira profissional tocando choros e valsas, acompanhado pelo Regional do Canhoto. Deste período são suas composições mais conhecidas: *Araponga* e *13 de Dezembro*. Após obter êxito como instrumentista no programa de calouros de Ary Barroso, com *Vira e Mexe*, Gonzaga se lançou como cantor gravando *Dança Mariquinha* e, no ano seguinte, *No Meu Pé de Serra*, conquistando sucesso nacional. Tempos depois teve sua participação em alguns filmes.

Gonzagão inspirou-se na figura do cangaceiro para compor sua vestimenta por influência de Pedro Raimundo, acordeonista e autor de *Escadaria*, que se caracterizava como gaúcho. Trabalhou com grandes letristas que souberam traduzir a alma do povo nordestino, como Humberto Teixeira e Zé Dantas. Autor de *Asa Branca*, *Baião, Assum Preto, Qui nem Jiló, Olha pro céu* e muitos outros sucessos no universo musical do forró e seus gêneros relacionados (baião, xote, xaxado, arrasta-pé e quadrilhas juninas).

É o responsável pela criação da formação clássica do trio de forró, com sanfona, zabumba e triângulo; popularizou o baião em todo o país. Possui uma extensa discografia, boa parte dos álbuns acompanhado por Dominguinhos e/ou produzido pelo maestro e acordeonista Orlando Silveira.

Exu, PE, 13/12/1912 – Recife, PE, 2/8/1989

"Luiz Gonzaga foi o mais autêntico dos ídolos populares da música brasileira. Representou um povo e criou um estilo que virou uma nação nordestina", ressaltou o cantor e compositor Fagner, sobre a figura e o legado do Rei do Baião.

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Orlando Silveira

por Felipe Soares

O primeiro contato musical de Orlando Silveira de Oliveira foi fazendo aulas de cavaquinho, aos nove anos. Aos 12, começou a tocar acordeom, por influência de seu pai, Delfino. Somente aos 17 começou a estudar teoria musical.

Mudou-se para São Paulo em 1944, onde assinou contrato com a Rádio Tupi, por recomendação do acordeonista Arnaldo Meireles, integrando o Regional do Rago. Foi lá que conheceu Esmeraldino Salles, cavaquinista e exímio compositor paulistano. Juntos formaram uma grande dupla e compuseram belíssimos choros como *Perigoso* e *Dedilhando,* trazendo modernidade à linguagem.

Em 1951 Orlando foi levado por Luiz Gonzaga ao Rio de Janeiro, onde participou do Regional do Canhoto, um desdobramento do Regional de Benedito Lacerda, considerado um dos mais relevantes conjuntos de todos os tempos. Orlando Silveira tinha um papel fundamental nessa formação: solava melodias, fazia contrapontos e naipes ao lado do flautista Altamiro Carrilho (posteriormente Carlos Poyares). O Regional contava com Dino e Meira aos violões, Canhoto no cavaco e Gilson de Freitas no pandeiro (posteriormente Jorginho). Além de choros, o conjunto interpretou outros gêneros como o baião, samba e até sorongo, reinventando sonoridades e fazendo pontes entre gêneros musicais brasileiros. Nesta época aprimorou seus estudos com Koellreutter, Henrique Morelenbaum e Leo Peracchi.

Em 1962, excursionou pela Europa e o Oriente Médio ao lado de outros artistas, através da Lei Humberto Teixeira. Trabalhou na Gravadora Odeon entre 1956 a 1976, onde fez arranjos para Elza Soares, Miltinho, Raul Seixas, Marcos Valle, Clara Nunes e Elton Medeiros, entre outros artistas. Foi arranjador de Luiz Gonzaga em muitos discos, com quem compôs *Acácia Amarela*, sendo o último LP o *70 Anos de Sanfona e Simpatia,* de 1983. Fez arranjos para Pixinguinha, Waldir Azevedo, Abel Ferreira, Época de Ouro, Déo Rian, Dirceu Leite, Nelson Gonçalves, entre outros. Como instrumentista gravou em discos de Altamiro Carrilho, Jacob do Bandolim, Belchior, Guinga, Chico Buarque, entre outros.

Rincão, SP, 27/5/1922 – Rio de Janeiro, RJ, 22/12/1993

Orlando Silveira foi integrante do grande Regional do Canhoto, por indicação de Luiz Gonzaga.

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / STUDIO TEX / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Radamés Gnattali

por Lucas Nobile

Em matéria de composição, interpretação, instrumentação, orquestração e arranjos, poucos músicos brasileiros foram tão completos e tão revolucionários – em pé de igualdade com Pixinguinha e Heitor Villa-Lobos – quanto Radamés Gnattali.

Gestado em um ambiente familiar musical, com forte inclinação ao erudito – não à toa foi batizado com o nome do protagonista da ópera *Aída*, de Giuseppe Verdi –, começou a estudar piano aos seis anos com sua mãe, Adélia Fossati, e violino, com sua prima Olga Fossati. Em 1924 formou-se no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, no qual havia ingressado aos 14 anos.

Já como concertista de piano, mudou-se para o Rio de Janeiro no fim da década de 1920, cidade em que ele apresentaria suas primeiras composições e, posteriormente, desenvolveria sua longeva e produtiva carreira e se estabeleceria até sua morte, em fevereiro de 1988.

Não tardaria para que Radamés utilizasse sua enorme bagagem e conhecimento do erudito para revolucionar a música popular brasileira com orquestrações, que eram ao mesmo tempo modernas, acessíveis ao público e de extremo bom gosto. Tanto na Rádio Nacional, quanto na TV Globo e também em discos, escreveu arranjos para os maiores instrumentistas e intérpretes vocais do país. Em paralelo a isso, teve atuação de destaque no Brasil e no exterior com o Quarteto Continental, que, na década de 1960, se transformaria em sexteto. Como se não bastasse, ainda escreveu um sem-fim de obras ligadas ao erudito para as mais diversas formações – de quarteto de cordas a peças para orquestras sinfônicas completas, quase sempre com a marca da "hibridez", mesclando clássico e popular.

No universo do choro, sua produção também foi substancial. Além de ser um exímio intérprete da obra de Ernesto Nazareth, influenciou nomes que dispensam maiores apresentações, entre eles, Tom Jobim, Garoto, Jacob do Bandolim e Paulinho da Viola. Ademais, escreveu temas que são interpretados até hoje, como *Remexendo*, *Pé de Moleque*, *Conversa Mole* e *Papo de Anjo*. Em termos fonográficos, destaque para o disco que gravou em 1964 com Jacob do Bandolim e orquestra, interpretando a antológica *Retratos* – peça com quatro movimentos inspirados em composições de Pixinguinha, Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth e Anacleto de Medeiros. Nas décadas seguintes, também atuou em álbuns considerados históricos ao lado de Joel Nascimento e a Camerata Carioca (*Tributo a Jacob do Bandolim* e *Vivaldi & Pixinguinha*) e de Raphael Rabello (*Tributo a Garoto*).

Porto Alegre, RS, 27/1/1906 – Rio de Janeiro, RJ, 13/2/1988

FOTO: AUTOR DESCONHECIDOO / CEDOC FUNARTE

Sivuca

por Felipe Soares

Sivuca é considerado um dos maiores sanfoneiros e improvisadores de todos os tempos. Considerava Hermeto Pascoal como um irmão musical. Sua música não tem fronteiras: é brasileira e ao mesmo tempo universal.

Aos nove anos, num dia de Santo Antônio, Severino Dias de Oliveira e seu irmão ganham uma sanfona de dois baixos de presente do pai, que a trazia junto com um gatinho e um pote cheio de mangabas. Desde então não parou mais de tocar. Aos 15 anos, vai para Recife tentar a vida profissional e logo é contratado pela rádio Clube de Pernambuco. Após sua estreia no programa, o maestro Nelson Ferreira, então diretor da rádio, sugere a ele um nome artístico mais curto: Sivuca.

Nessa época, conheceu Luiz Gonzaga. Na mesma época, passou a ter aulas de teoria musical com Louro do Clarinete, integrante da orquestra, e com o maestro Guerra-Peixe, aprendendo os "mistérios" da orquestração. Iniciou suas primeiras gravações aos 21 anos, com as músicas *Carioquinha no Flamengo* (um arranjo próprio) e *Tico Tico no Fubá*, em discos 78 rpm.

Sivuca traz em sua ampla discografia muitos estilos e gêneros, em diferentes instrumentações: forró, frevo, samba de gafieira, choro, marchinhas, temas jazzísticos e arranjos sinfônicos. Destacou-se no Brasil e no exterior; viveu nos Estados Unidos por mais de 10 anos. Buscou ao longo de sua carreira elevar a importância do acordeom ao patamar de um instrumento concertista, e que notavelmente obteve êxito.

As canções *Feira de Mangaio*, *Adeus Maria Fulô* e *João e Maria* (letra de Chico Buarque) são algumas de suas mais famosas. Autor de choros imortais como *Homenagem à Velha Guarda*, *Músicos e Poetas*, e outros temas instrumentais como *Um Tom para Jobim*, com Oswaldinho do Acordon, *Energia* e *Cabaceira Mon Amour,* Sivuca encanta músicos de várias gerações. Tinha grande admiração por Dominguinhos, com quem participou, ao lado de Oswaldinho, do programa *Luiz Gonzaga Especial* (TV Globo), em 1984, e do CD *Cada um belisca um pouco*, pela Biscoito Fino, em 2004.

Itabaiana, PB, 26/5/1930 – João Pessoa, PB, 14/12/2006

FOTO: MARCO AURÉLIO OLÍMPIO

Tia Amélia

por Anna Paes

Amélia Brandão Néri revelou-se compositora aos 12 anos de idade com a valsa *Gratidão*. Casou-se aos 17, com noivo escolhido pelo pai e foi impedida pelo marido de seguir a carreira artística. Enviuvou aos 25 anos e decidiu tornar-se profissional, aceitando o primeiro contrato, oferecido pela Rádio Clube de Pernambuco. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1929, onde deu grande impulso à sua carreira tocando no Teatro Lírico, alcançando grande sucesso e chegando a ser chamada de "a coqueluche dos cariocas". Excursionou pelas Américas em 1933, a convite do Itamaraty, em companhia da filha, a cantora Silene de Andrade, apresentando composições inspiradas no folclore brasileiro.

Assinou contratos em Nova York e Nova Orleans, consolidando definitivamente a sua carreira. Resolveu retornar ao Brasil após recusar convite para participar de um filme da RKP, onde atuaria ao lado da Orquestra de Rudy Vallee. Recusou o contrato por não aceitar atuar também cantando, como era previsto. Com o casamento da filha, decidiu abandonar os palcos, só retornando 17 anos mais tarde por insistência da cantora Carmélia Alves. Voltou com o nome de Tia Amélia e fez vários programas de televisão, inclusive comandando o famoso *Velhas Estampas* (TV Rio), que foi mantido no ar por 14 meses, onde contava histórias dos chorões antigos e tocava choros seus e de outros autores. Gravou diversos discos pela Odeon e seu último trabalho foi o disco *A bênção, Tia Amélia*, lançado pelo selo independente Discos Marcus Pereira, em 1980, e em CD em 1994/95.

Deixou um repertório considerável de choros, valsas e canções variadas. Um de seus choros mais conhecidos, *Bordões ao luar,* teve regravações de Pedro Amorim, acompanhado por Mauricio Carrilho, Luciana Rabello e Celsinho Silva, no álbum *Mulheres do Choro* (Acari Records, 2001); além de André Mehmari no álbum *Suíte Policarpo*, e Choro das 3, no álbum *Escorregando*.

Jaboatão, PE, 25/5/1897 – Goiânia, GO, 18/10/198

"Quando se ouve o som de Tia Amélia, pode-se dizer que é toda a história do piano popular brasileiro que soa em sua interpretação". (José Ramos Tinhorão)

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Zequinha de Abreu

por Felipe Soares

Autor de *Tico-Tico no Fubá* (1917), um dos choros mais famosos da história. Gravado por Ademilde Fonseca, imortalizado por Carmen Miranda nos anos 1940, ganhou interpretações no mundo todo, incluindo as de Charlie Parker e Pixinguinha. O sucesso da composição deu origem ao filme homônimo de 1952. Entre as suas obras mais conhecidas estão: *Não me toques*, *Pintinhos no Terreiro*, *Sururu na Cidade*, feita por ocasião da Revolução de 22, e a valsa *Branca*.

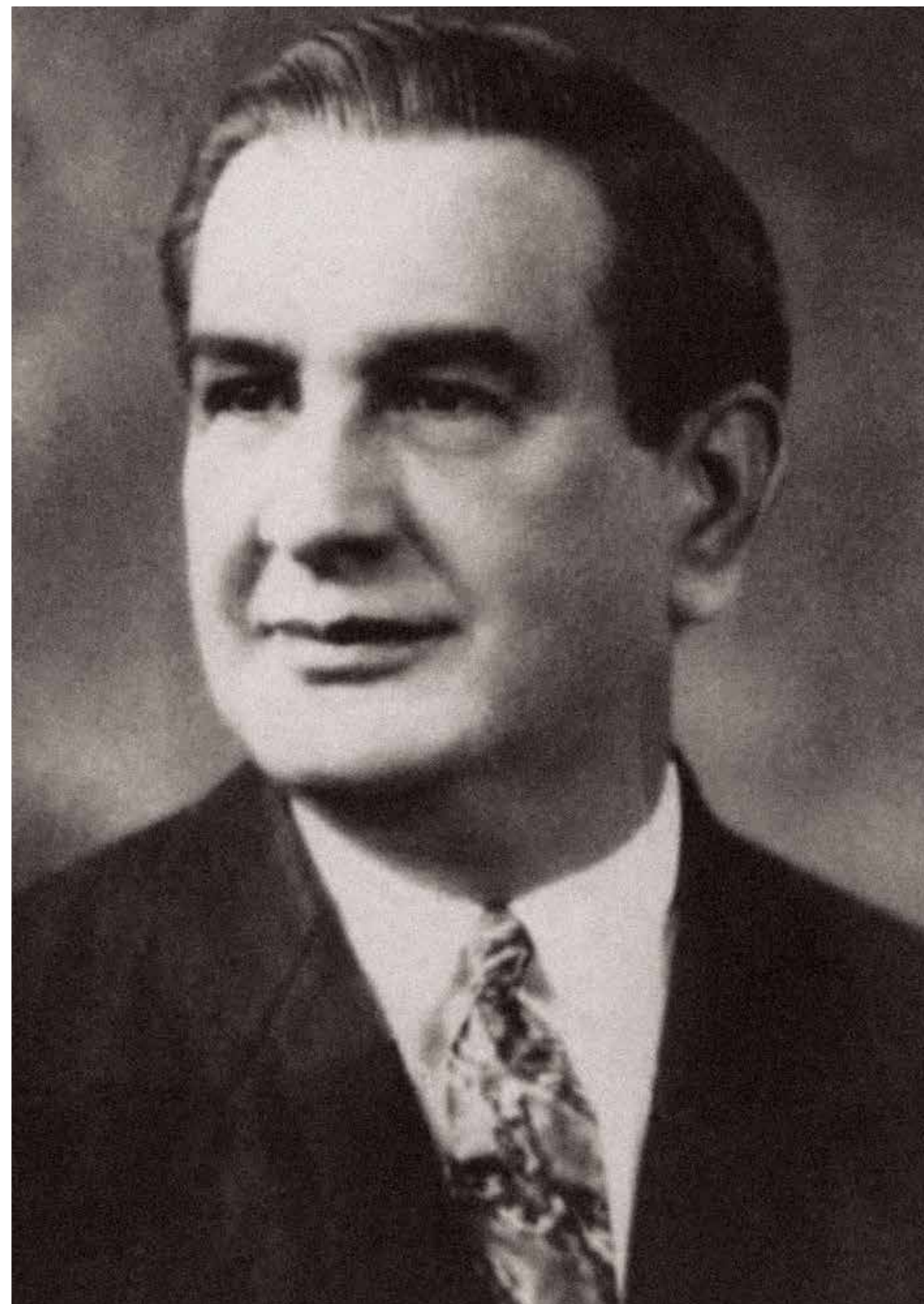
José Gomes de Abreu iniciou-se na música de forma autodidata através da flauta. Tinha muita facilidade com instrumentos e tocava ainda clarinete e requinta. A partir dos sete anos estudou com Dionísio Machado, na escola em São Simão. Aos dez, tocou na banda do José de Abreu. Dos 11 aos 13, mudou-se para Itu, onde inicia os estudos de piano com o padre Rossini e o maestro Giafarelli, no colégio São Luiz. Aos 14, seguiu para o Seminário Episcopal de São Paulo, prosseguindo seus estudos musicais com o maestro José Pinto Tavares e o padre Juvenal Kelly.

Sua mãe desejava muito que ele se tornasse padre, mas Zequinha acaba fugindo do Seminário. Conheceu Durvalina num baile em Santa Cruz da Estrela, com quem se casou em 1899. Passou a viver nesta cidade, onde abriu uma farmácia e fundou uma escola primária. Retornando à cidade natal, assumiu a farmácia do pai e entrou para a Banda Musical de Santa Rita, tocando requinta. Tornou-se o regente da banda, então renomeada *Sociedade Musical Lyra Santarritense*, compondo valsas, choros e maxixes. Criou a Orquestra do Cine Smart para acompanhar os filmes mudos, que acabou animando festas populares da região.

Zequinha mudou-se para São Paulo em 1919, especificamente para o bairro da Barra Funda. Era muito requisitado em bailes, casas dançantes entre outros locais frequentados pela elite paulistana, como o Bar Viaducto. Tocava também em cafés-cantantes próximos à Avenida São João, ponto de encontro das massas populares. Trabalhou na Casa Beethoven, demonstrando ao piano os lançamentos em partituras. Morreu numa noitada no Hotel Piratininga, de ataque cardíaco.

Santa Rita do Passa Quatro, SP, 19/9/1880 – São Paulo, SP, 22/1/1935

Seu choro *Tico-Tico no Fubá* foi regravado dezenas de vezes, por artistas de diversas partes do mundo.

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO / ACERVO DIGITAL ZEQUINHA DE ABREU

Gentil do Pandeiro (o primeiro à esquerda, em pé) e músicos não identificados. Gentil foi integrante do Grupo Brasil e dos conjuntos Atlântico, Bachorando e os Fenomenais.

Gentil do Pandeiro

por Yves Finzetto

Gentil foi um dos mais importantes pandeiristas de choro de São Paulo.

Gentil Bononi começou a tocar pandeiro aos oito anos de idade, em um instrumento feito de lata. Aos 12, teve seu primeiro conjunto musical, o Canarinho da Lapa, liderado pelo flautista João Dias Carrasqueira. Aos 17, já acompanhava artistas renomados, como Francisco Alves, Carlos Galhardo e Caco Velho.

Tocou em diversas rádios da capital paulista, entre elas a Cruzeiro do Sul, São Paulo, Panamericana, Bandeirantes e América. Gravou o programa *Ensaio*, da TV Cultura, com os artistas Henricão, Manezinho Araújo e Mário Lago, ao lado de Evandro do Bandolim. Integrando o conjunto vocal Bandeirantes do Ritmo, estudou preparação vocal com Garoto. Tocou no Conjunto Atlântico, renomado grupo de Choro paulistano, liderado pelo violonista Antônio D'Áuria.

A forma de tocar de Gentil influenciou as gerações seguintes de pandeiristas da cidade. Caracterizava-se por executar diversas variações rítmicas, dialogando com a melodia ou com os outros instrumentos acompanhantes, fato que, de certa maneira, era uma novidade para os chorões paulistanos da época, acostumados a uma levada de pandeiro mais linear. Como diríamos hoje, Gentil "quebrava tudo". Tanto é que, certa vez, o exigente Jacob do Bandolim foi a um ensaio do Conjunto Atlântico e, antes de tocar *Bonicrates de Muletas*, choro ligeiro que possui uma parte para solo de pandeiro, desafiou: "Quero ver esse pandeirista aqui sofrer!" Ao final, Jacob empolgou-se com a execução de Gentil e, em outras vindas a São Paulo, convidou-o para acompanhá-lo, como no show em comemoração ao aniversário da cidade, em 1954.

Bragança Paulista, SP, 30/9/1931 – São Paulo, SP, 20/10/2013

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

João da Baiana

por Yves Finzetto

João da Baiana é considerado como o introdutor do pandeiro no samba.

João Machado Guedes foi iniciado desde cedo no candomblé. Seus pais promoviam, frequentemente, festas de candomblé; sua mãe, Tia Perciliana, era uma tia baiana, assim como Tia Ciata; seus avós eram ex-escravos e possuíam uma quitanda de artigos afro-brasileiros no Largo da Sé. Começou a compor, tocar pandeiro – instrumento que aprendeu a tocar com a mãe – e prato e faca desde menino. Grande conhecedor dos ritmos e melodias de matriz africana, suas composições caracterizam-se pela presença desses elementos.

Atribui a si a introdução do pandeiro no samba. Foi parceiro de Donga e Pixinguinha em diversas músicas, como *Mulher Cruel* (1924). É autor do famoso samba *Batuque na Cozinha*. Com o Grupo da Guarda Velha, liderado por Pixinguinha, gravou com Carmen Miranda, Sílvio Caldas, Mário Reis, Jonjoca, Castro Barbosa, entre outros. Atuou nos grupos Conjunto dos Moles, Grupo do Malaquias, Grupo do Louro e Alfredinho no Choro. Recusou o convite de Pixinguinha para viajar à Europa, em 1922, com o grupo Os Oito Batutas, pois acabara de ser promovido ao cargo de fiscal no Cais do Porto.

A Constituição da República, de 1891, garantiu o exercício público e livre do culto religioso (art. 72, §3º); contudo, ainda assim, manifestações culturais como o samba e o candomblé eram reprimidas pela polícia, sob o argumento de se tratar de "vadiagem", contravenção penal à época.

Em 1908, durante apresentação na tradicional Festa da Penha, João da Baiana teve seu pandeiro apreendido. Ao saber do ocorrido, o senador Pinheiro Machado, admirador do músico, presenteou-o com um novo instrumento, contendo a seguinte dedicatória: "Com a minha admiração, ao João da Baiana – Pinheiro Machado". O pandeiro passou a servir de salvo-conduto diante dos abusos da polícia.

Em 1940, convidado por Villa-Lobos, ao lado de expoentes da música brasileira, como Pixinguinha, Donga, Cartola e Zé Espinguela, gravou o antológico disco – hoje raro – *Columbia presents – Native Brazilian Music – Selected and Recorded Under the Personal Supervision of Leopold Stokowski*, a bordo do navio norte-americano S.S. Uruguay. A iniciativa fazia parte da Política da Boa Vizinhança, por meio da qual os EUA buscaram evitar, especialmente pela via cultural, que os países sul-americanos se alinhassem aos países do Eixo na Segunda Guerra Mundial.

Rio de Janeiro, RJ, 17/5/1887 – 12/1/1974

FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Jorginho do Pandeiro

por Lucas Nobile

Alguns músicos desenvolvem uma relação tão simbiótica com seus instrumentos, criando uma assinatura e construindo uma "escola" e um estilo extremamente marcantes, que passam a carregar em seus codinomes artísticos o nome de tais instrumentos. É o caso de Jorge José da Silva, que assim foi batizado, mas, criado em um ambiente familiar musical, consagrou-se mesmo como Jorginho do Pandeiro.

Inicialmente observando e posteriormente já acompanhando seu pai, Caetano José, e seus irmãos Dino – futuramente conhecido como Dino 7 Cordas – e Lino (cavaquinho), Jorginho ouviu suas principais referências no pandeiro por meio das ondas do rádio ou até mesmo pessoalmente. Entre elas, João da Baiana (considerado o "pai do pandeiro brasileiro"), Popeye, Gilberto D'Ávila e Russo do Pandeiro.

Depois de absorver as diferentes nuances dos estilos de cada um de seus referenciais, Jorginho criou, sem exageros, um estilo absolutamente próprio e que influenciaria todas as gerações seguintes de pandeiristas ligados ao choro. Como principais características de sua maneira inovadora de tocar, podem-se destacar o balanço das platinelas, além das atentas e complexas acentuações e contratempos realizados no pandeiro, seguindo com originalidade o que era exigido e até mesmo sugerido pela riqueza da melodia.

Exatamente por isso, Jacob do Bandolim assim descreveu Jorginho, na contracapa do LP *Vibrações*: "Ouvido apurado, difícil de satisfazer, é o crítico do conjunto". E que conjunto era esse? Simplesmente o Época de Ouro, que acompanhou Jacob a partir da década de 1960 e é considerado – ao lado do Regional do Canhoto – o maior regional da história do choro.

Além de integrar o conjunto, Jorginho teve atuação de destaque nas rádios Nacional e Mayrink Veiga e emprestou seu talento – não apenas tocando pandeiro, mas outros instrumentos de percussão como reco-reco, caxixi, tamborim, entre outros – a gravações de nomes como Paulinho da Viola, Cartola, Pixinguinha, Paulo Moura, Beth Carvalho, Raphael Rabello, Chico Buarque, Alcione e Ney Matogrosso. E, como se não bastasse, também deixou algumas obras assinadas como compositor, tendo como parceiros figuras importantes como Cristóvão Bastos e Paulo César Pinheiro.

Jorginho criou, sem exageros, um estilo absolutamente próprio e que influenciaria todas as gerações seguintes de pandeiristas ligados ao choro.

Rio de Janeiro, RJ, 3/12/1930 – 6/7/2017

FOTO: CELSINHO SILVA

Zequinha do Pandeiro

por Yves Finzetto

Autodidata, José Reli começou a tocar ouvindo os grupos cariocas de choro pelo rádio. Tocou nos principais conjuntos regionais paulistanos de seu tempo: Conjunto do Rago, Conjunto Atlântico, Regional do Evandro e Izaías & Seus Chorões. Trabalhou nas rádios São Paulo, Piratininga, Bandeirantes e Tupi. Nesta última, onde permaneceu por 20 anos (1948-1968), ingressou para tocar no conjunto do violonista Antônio Rago, a convite de Esmeraldino Salles. Ao lado de Evandro do Bandolim, gravou o programa *Ensaio*, da TV Cultura, com os artistas Antônio Almeida, Blecaute, Cartola, Claudionor Cruz, Cyro Monteiro, Germano Mathias, Joel de Almeida, Lupicínio Rodrigues, Roberto Martins, Roberto Paiva e Roberto Silva.

Zequinha era conhecido por seu "pandeiro firme". Ou seja, seu estilo de tocar caracterizava-se pela manutenção do andamento – velocidade da música – e do padrão rítmico sem exageros nas variações. Dotado de uma personalidade forte, era comum ver Zequinha ajustando o andamento das músicas ao que ele considerava ser o ideal. Entretanto, o fazia de maneira sutil, gradativa, aumentando ou reduzindo, aos poucos, o andamento. Quando os músicos se davam conta, já estavam tocando na velocidade desejada por Zequinha.

Jaú, SP, 1/2/1930 – São Paulo, SP, 4/2012

Zequinha tocou com os maiores nomes do samba e do choro do Brasil. Era um dos principais pandeiristas de São Paulo.

FOTO: GAL OPPIDO

O samba-choro, a canção e os movimentos musicais

por Marquinho Mendonça

O choro, considerado o primeiro gênero brasileiro, é a matriz de muitos estilos e movimentos musicais que formaram e continuam redesenhando a cultura do país mais miscigenado e sincrético do mundo. Cento e cinquenta anos após seu surgimento, o choro continua se renovando, encantando gerações, influenciando e sendo influenciado por vários outros estilos, sem nunca perder suas características essenciais, que são a expressividade na interpretação, o ritmo sincopado, os contracantos e as improvisações.

Embora seja reconhecido como um gênero mais instrumental, que de fato é, a importância dos artistas de choro na canção e nas músicas dançantes é enorme. *Carinhoso* é uma das canções que melhor representam e emocionam o povo brasileiro, um choro de Pixinguinha, que anos depois de composto ganhou letra do João de Barro, o Braguinha. Carmen Miranda, que primeiramente cantou o Brasil para o mundo, era acompanhada por grandes chorões. Ela fez de *Tico-Tico no Fubá* (Zequinha de Abreu) um hino da música brasileira e mundial.

O samba, como estilo, também surgiu de um ambiente onde os choros e maxixes encontravam os jongos, batuques, congados e lundus, na "Pequena África", onde moravam as famosas tias baianas: Tia Ciata, a mais famosa delas, Tia Presciliana (mãe de João da Baiana), Tia Amélia (mãe de Donga) e local em que Pixinguinha, Donga, João da Baiana e tantos outros bambas celebravam as noites cariocas. Dizem que em algumas festas, enquanto o choro era tocado na sala, ao mesmo tempo acontecia o batuque sambado na cozinha e outras danças no terreiro do quintal.

O choro e o samba continuaram se misturando e, desse caldeirão, surgiram outros estilos, tanto instrumentais quanto poéticos. Nas décadas de 1920 e 1930, com o surgimento e a expansão do rádio, os letristas eram os cronistas da sociedade. As rádios se espalharam por todo o Brasil e aquela cultura primeiramente sudestina passou a ser apreciada e reproduzida em várias partes do país. Surgem o samba-choro, o samba-sincopado, o samba-de-breque, o samba-canção e outras variações. O choro e o samba, no fundo, são irmãos diferentes e parecidos.

A música era o acontecimento da vida. Numa época pré-televisores, os ouvidos eram atentos e os compositores, fruto desse ambiente, muito caprichosos na escolha das notas e dos versos para as canções. Autores geniais escreveram a história do samba-choro e do choro-canção, um tremendo sucesso na Era de Ouro do Rádio, que durou dos anos 1940 até meados dos anos 1960. Entre os grandes compositores desses gêneros podemos citar Noel Rosa, Pedro Caetano, Claudionor Cruz, Walfrido Silva, Gadé, Heitor Catumbi, Henricão, Zé da Zilda e Zilda do Zé, Geraldo Pereira, Assis Valente, Ary Barroso, Silvio Caldas, Roberto Martins e outros tantos. Todos escreveram canções clássicas que marcaram a época, muitas delas executadas até hoje.

Além dos autores, os grandes intérpretes levavam essas músicas para o ouvido do povo. Carmen Miranda, Aracy Cortes, Carmen Costa, Aurora Miranda, Francisco Alves, Orlando Silva, Dircinha Batista, Elza Soares, Joel e Gaúcho, o Bando da Lua, os Anjos do Inferno, Quatro Ases e um Coringa, Garotos da Lua, Mário Reis, Cyro Monteiro, Vassourinha, Luis Barbosa, Roberto Silva e Dilermando Pinheiro são alguns de muito talento e sucesso.

A bossa nova também bebeu no manancial do choro: Tom Jobim, para compor a melodia de

Chega de Saudade, música símbolo do movimento, se inspirou num método do violonista Canhoto (Américo Jacomino). Assim declarou Tom, que era vidrado no piano de Radamés Gnattali, nas melodias de Pixinguinha e principalmente no violão e nas harmonias do Garoto (Aníbal Augusto Sardinha). João Gilberto conta que, ao cair da tarde, ia ouvir a Rádio Nacional nos megafones da praça de Juazeiro, para aprender o jeito de Garoto tocar, e de fato ele captou o espírito da coisa: se Tom Jobim e João Gilberto são os pais da bossa nova, Garoto é o avô.

Muitos choros foram letrados depois de já serem considerados clássicos instrumentais, como *Rosa* (Pixinguinha e Otávio de Souza), *Gente Humilde* (Garoto, Vinicius de Moraes e Chico Buarque) e *Lamentos* (Pixinguinha e Vinicius de Moraes).

Poetas como Catulo da Paixão Cearense, Hermínio Bello de Carvalho, Aldir Blanc e Paulo César Pinheiro letraram lindas músicas de Pixinguinha, Jacob do Bandolim e outros chorões.

O choro, para ser cantado, exige uma grande habilidade. Cantoras como Ademilde Fonseca, Elizeth Cardoso, Isaurinha Garcia, Zezé Gonzaga e Amélia Rabello fizeram belas gravações no estilo.

Os mestres compositores e intérpretes da canção brasileira têm uma ligação direta ou indireta com o choro – Cartola, Nelson Cavaquinho, Tom Jobim, Paulinho da Viola, Chico Buarque de Hollanda, Guinga, Dominguinhos, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Luiz Melodia, Sivuca, Germano Mathias, Paulo Vanzolini e tantos mais.

A criatividade dos compositores e a destreza técnica dos intérpretes de choro também foram determinantes na formatação da música dançante de rua e dos salões.

A gafieira, que é um baile de danças brasileiras, promoveu um encontro do choro, maxixe e samba com o jazz e a música latina. As orquestras e os cantores das américas central e do norte que tocavam nas rádios na época foram inspiração para essas misturas e novas formas de arranjos.

A música clássica brasileira tem também muito do choro. Villa-Lobos, que foi nosso maior compositor, era um assíduo frequentador das rodas e admirador dos chorões. Escreveu obras-primas do gênero para violão e outras formações orquestrais, incluindo uma série sinfônica chamada *Choros*. Camargo Guarnieri é outro compositor clássico com essa influência.

As grandes festas populares também bebem nessa fonte. O trio elétrico surge em Salvador, na Bahia, quando Dodô e Osmar eletrificam o regional de choro e saem num calhambeque tocando temas instrumentais pelas ruas. É o princípio do moderno carnaval baiano. Em Recife o frevo foi influenciado pela escrita dos maestros e instrumentistas chorões, como Severino Araújo, Luperce Miranda e Felinho. Luiz Gonzaga, que foi o principal representante da cultura nordestina, tocou, compôs e gravou choros durante anos. A influência do gênero e dos regionais que gravavam com ele ajudaram o mestre compositor, cantor e sanfoneiro a organizar os arranjos de suas canções, que viriam a se tornar verdadeiros hinos brasileiros.

Nos anos 70, grupos como Os Novos Baianos e A Cor do Som misturam o choro aos gêneros regionais nordestinos e ao rock progressivo, juntando guitarra e bandolim, bateria e craviola, baixo, cavaquinho e uma poética tropicalista, rejuvenescendo o choro, que na época era considerado antigo e tradicionalista.

Pós anos 90, surge uma nova safra de geniais instrumentistas, cantores e compositores que misturam o choro num enorme caldeirão cultural, sendo capazes de manter as tradições, assim como também de reinventar esse gênero de várias maneiras, criando um sopro de renovação artística a partir de sua música matriz.

FOTO: CLÓVIS SCARPINO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Tom Jobim, Pixinguinha, João da Baiana e Chico Buarque na casa de Pixinguinha, Ramos, Rio de Janeiro, 1967.

Aldir Blanc

por Lucas Nobile

"Aldir Blanc é uma glória das letras cariocas, bom de ler e de ouvir, bom de se esbaldar de rir" (Chico Buarque)

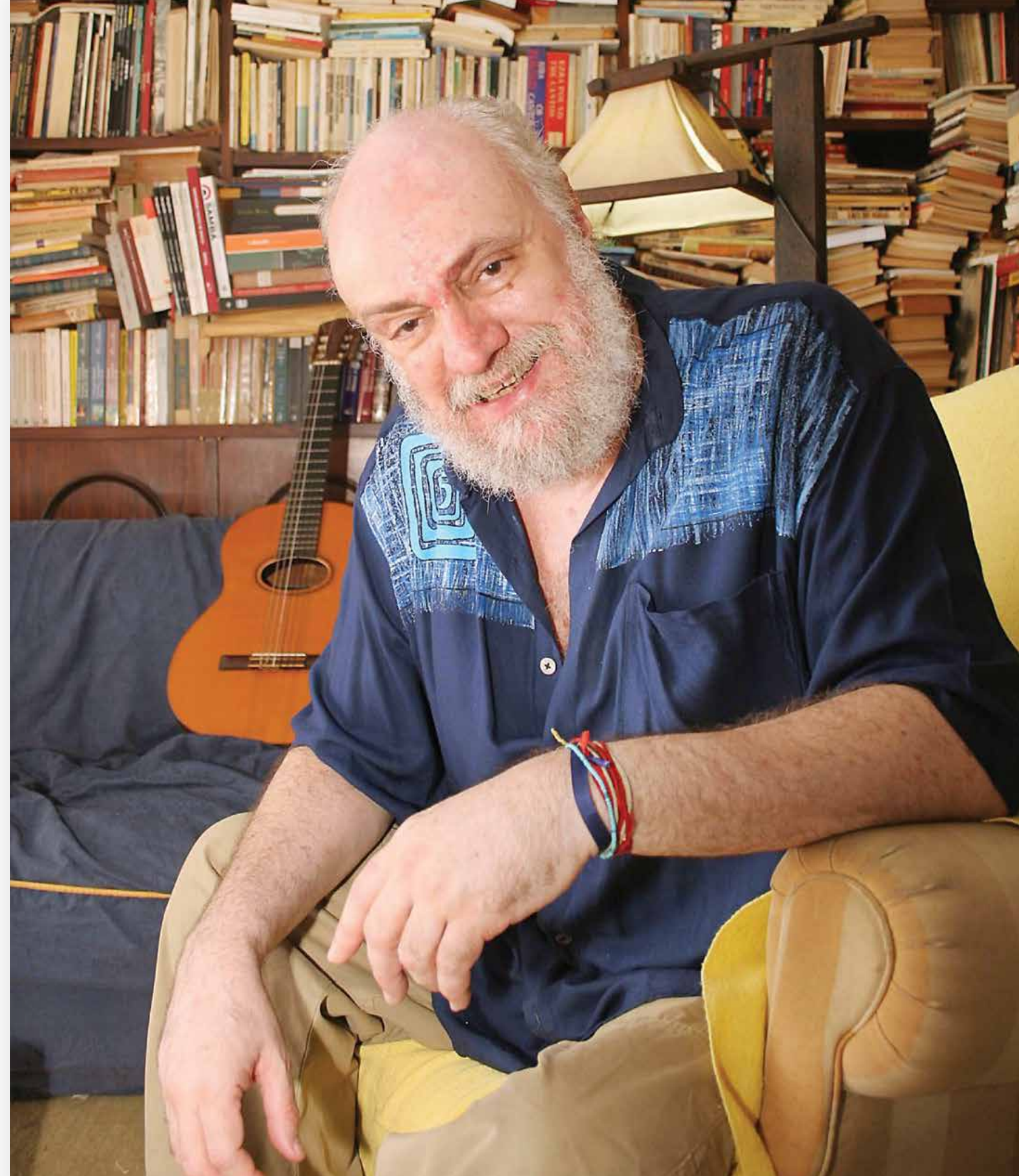
A arte de fazer canção – isto é, criar um enlace entre música e letra – é tão (ou mais) complexa quanto a feitura de poesia. Tudo porque tal exercício exige do autor conhecimento musical: de melodia, de harmonia e de ritmo.

A exemplo de diversos estilos musicais que foram concebidos com versos e palavras, o choro também ganhou criações letradas. Em tempo, é importante que se ressalte que em boa parte das tentativas, os resultados não soaram tão primorosos; em grande parte, pelo fato de muitas das letras terem sido escritas (e encaixadas) às ricas e complexas melodias dos choros apenas depois da morte dos autores de tais músicas.

Portanto, entende-se que para letrar um choro requer-se grande intimidade do autor com música e palavra. Dominando tal familiaridade, um dos maiores letristas da história do Brasil, que compôs para toda a sorte de estilos e gêneros musicais, também empenhou seu talento na elaboração de choros. Seu nome: Aldir Blanc.

Aldir, profundo conhecedor do jazz norte-americano, da alma carioca e um dos maiores cronistas de tipos e costumes do Brasil, não tem uma obra extensa dedicada ao choro. Todavia, suas incursões pelo gênero de Nazareth, Pixinguinha, Jacob e Garoto são antológicas. Além de compor choros com parceiros importantes como João Bosco (*Títulos de Nobreza – Ademilde no Choro*) e Moacyr Luz (*Choro das Ondas*), Aldir criou com Guinga (Carlos Althier de Souza Lemos Escobar) seus choros mais memoráveis, como, por exemplo, *Choro Perdido* (também assinado por Mariana Blanc), *Choro Réquiem* e o mais conhecido de todos, *Choro pro Zé*, gravado por nomes como Hamilton de Holanda, Zé Nogueira, Gabriele Mirabassi, Marco Pereira, Silvério Pontes e Grupo Água de Moringa. Destacam-se ainda *Bola Preta*, choro de Jacob do Bandolim letrado por Aldir, e *Santo Amaro*, parceria do letrista com Franklin da Flauta e Luiz Cláudio Ramos, gravado por Miúcha.

Rio de Janeiro, RJ, 2/9/1946

FOTO: ALEXANDRE CAMPBELL / FOLHAPRESS

Claudionor Cruz

por Roberta Valente

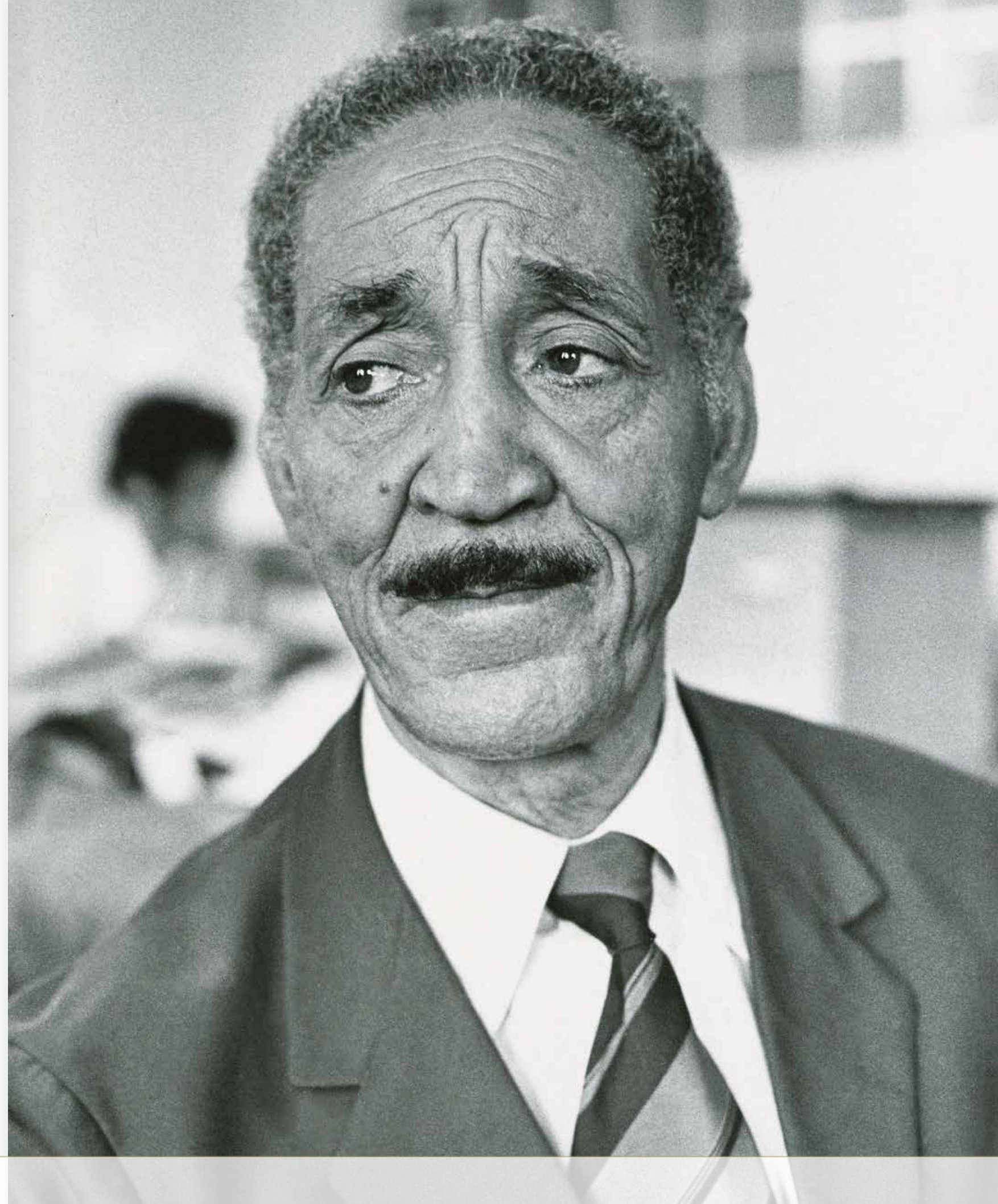
Claudionor Cruz foi um dos mais importantes representantes do samba-choro e do choro-canção. Suas músicas fazem parte da memória afetiva de toda uma geração e vêm sendo regravadas com sucesso.

Filho de um mestre de banda, Claudionor José da Cruz respirou música durante toda sua infância e adolescência. Tinha muitos irmãos, e vários tocavam. Segundo ele, “nós estávamos acostumados a passar fome, mas a música tinha que ter, todo dia tínhamos que tocar. Eu tocava o bombo na orquestra, mas queria mesmo era tocar cavaquinho...”.

Decidido a realizar seu sonho, Claudionor foi para o Rio de Janeiro, onde aprendeu a tocar cavaquinho e também violão, clarinete, bateria e violão tenor, seu instrumento principal durante toda a carreira. Em pouco tempo fundou seu próprio regional, que tinha uma sonoridade própria e era, ao lado do regional do flautista Benedito Lacerda, o mais disputado pelos cantores e pelas rádios de São Paulo e Rio de Janeiro. O Regional de Claudionor Cruz foi um dos primeiros a tocar na televisão e, diferentemente de todos os outros, este não tinha cavaquinho, Claudionor fazia o centro com o próprio violão tenor, com palheta. Diversos músicos fizeram parte dessa formação, dentre eles os talentosos instrumentistas Abel Ferreira, no clarinete e Bola Sete, no segundo violão. Participaram de mais de 400 gravações, com os grandes nomes da música brasileira da época, como Francisco Alves, Silvio Caldas, Ângela Maria, Dircinha Batista, Aracy de Almeida, Augusto Calheiros, Orlando Silva e Moreira da Silva.

Seu principal parceiro foi o compositor Pedro Caetano. Dentre as muitas músicas da dupla, destaque para a valsa *Caprichos do Destino*, gravada por Orlando Silva em 1938, a marchinha *Eu Brinco*, sucesso no carnaval de 1944 na voz de Francisco Alves, o samba-choro *Engomadinho*, de 1942, gravado por Aracy de Almeida, e o maior sucesso da dupla, o choro-canção *Nova Ilusão*, gravado em 1953 por Lúcio Alves. Foi regravado inúmeras vezes por intérpretes do quilate de Roberto Silva, Paulinho da Viola e Zélia Duncan. Com Ataulfo Alves, Claudionor Cruz compôs outro grande sucesso, o samba *Sei que é Covardia*, que estourou no rádio e recebeu várias regravações.

Paraibuna, MG, 1/4/1910 – Rio de Janeiro, RJ, 21/6/1995

FOTO: ADHEMAR VENEZIANO / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Hermínio Bello de Carvalho

por Vitor Lopes

Caçula de sete irmãos, Hermínio teve uma infância imersa na música: estudou Canto Orfeônico na escola e adorava música erudita. Seu avô era violeiro e sua única irmã estudou canto e piano. Villa-Lobos chegou a visitar a sua classe, para verificar o avanço dos alunos. Até seu pai, que não era músico, teve um contato inusitado com a música: ele era calista e cuidou dos pés de Carmen Miranda. Desde a adolescência, Hermínio ia a bares e casas noturnas para ver de perto seus ídolos. Frequentou o famoso Zicartola desde a sua fundação, em 1963.

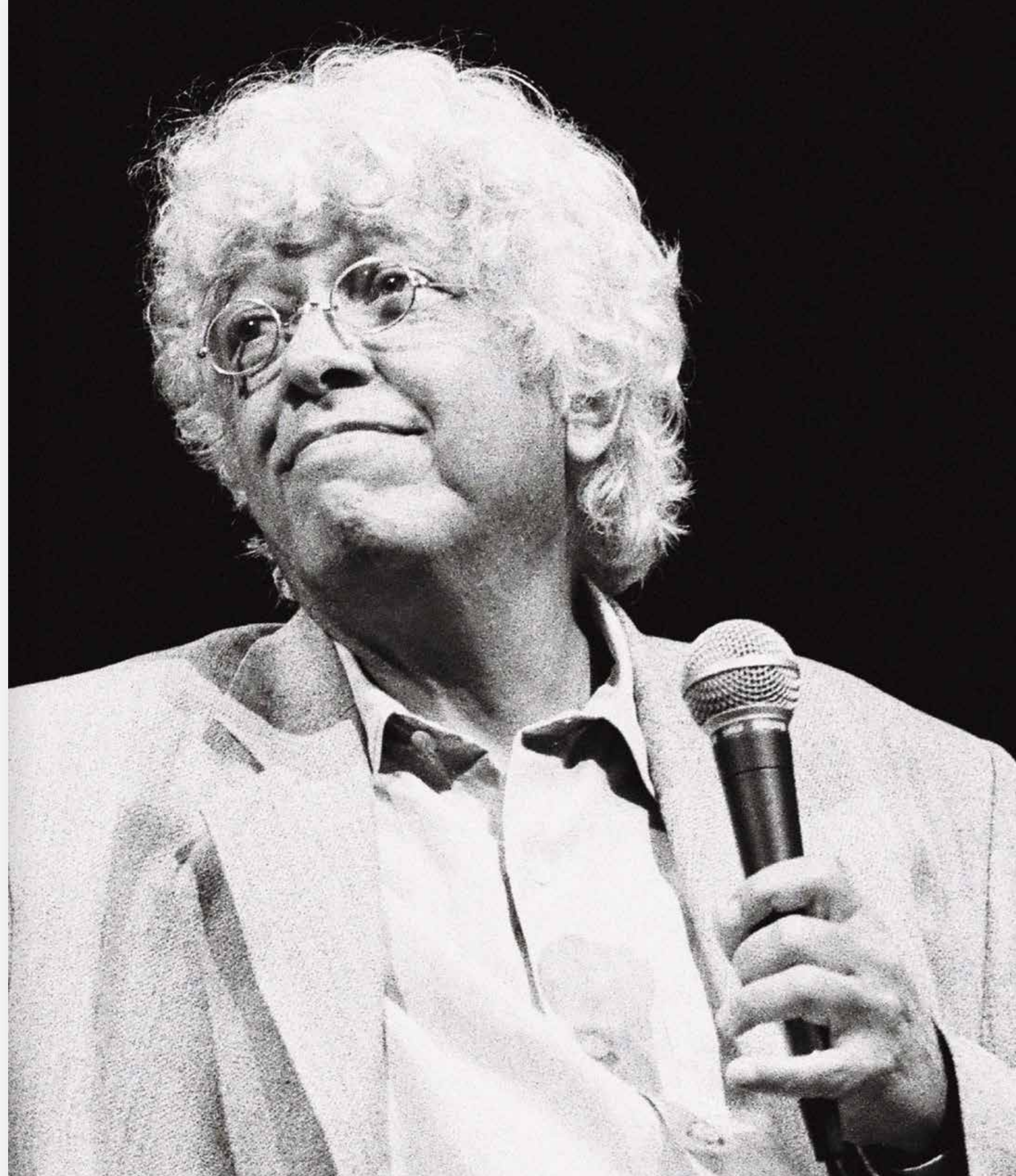
Com tanto fascínio pela música, logo Hermínio orientou sua vida para ela. Seu primeiro emprego foi como redator da coluna de discos da revista *Rádio--entrevista*, onde escrevia sobre os lançamentos, músicos, cantores... Em pouco tempo estava produzindo espetáculos e discos. Foi o responsável pelo lançamento de Clementina de Jesus e Paulinho da Viola no espetáculo *Rosa de Ouro*, de 1965. Produziu a maior parte dos discos de Elizeth Cardoso, bem como uma série de programas para a televisão, sempre tendo como tema a MPB e seus intérpretes. É parceiro de Chico Buarque, Jacob do Bandolim, Villa-Lobos, Cartola, Dona Ivone Lara, Paulinho da Viola, João Pernambuco e Baden Powell.

De 1976 a 1989 esteve à frente da Funarte, onde criou projetos fundamentais para a preservação e divulgação da MPB. Criou o Projeto Pixinguinha (voltado para a formação de plateia); o Projeto Lúcio Rangel (voltado para a redação de monografias sobre a MPB); o Projeto Almirante (voltado à produção de música alternativa); o Projeto Ary Barroso (voltado para a divulgação da MPB no exterior); o Projeto Ayrton Barbosa (voltado para a produção de partituras) e o Projeto Radamés Gnattali (voltado para a produção de discos).

Em 1968 produziu o disco *Gente da Antiga*, em que resgatou a importância de Pixinguinha, Clementina de Jesus e João da Baiana. Talvez esse trabalho seja o maior símbolo da verdadeira vocação de Hermínio: a luta pela preservação da memória cultural brasileira. Mais do que letrista e poeta, mais do que pesquisador e produtor cultural, Hermínio é um ativista cultural que luta pelo patrimônio imaterial mais genuinamente brasileiro: sua música popular. Toda a sua atividade consistiu em registrar, resgatar e valorizar essa produção. Se hoje ainda nos lembramos de Pixinguinha, Donga e Clementina, temos todos uma dívida para com seu trabalho incessante. Hoje, aos 84, Hermínio continua na sua luta, com a mesma alegria e entusiasmo de sempre.

Rio de Janeiro, 28 /3/1935

"Se você não formar plateias, você vai ter somente aquelas 'cabecinhas brancas'. Temos que gerar o interesse no jovem e valorizar sua inteligência que, às vezes, está adormecida. (...) O ouvinte deve escolher o cardápio que quer ouvir, e não um cardápio que lhe é imposto."

FOTO: MARCO AURÉLIO OLÍMPIO

João de Barro – Braguinha

por Roberta Valente

Carlos Alberto Ferreira Braga, o João de Barro, ou ainda Braguinha, foi um dos compositores de maior longevidade na música brasileira, e sua contribuição foi imensa. Por volta dos 20 anos, conheceu Almirante, Noel Rosa e outros músicos e, juntos, fundaram o Bando de Tangarás. Como naquele tempo música popular não era uma coisa bem vista, eles optaram por omitir seus verdadeiros nomes e escolheram nomes de pássaro como pseudônimo. Braguinha estava começando a estudar Arquitetura, por isso, logo pensou no João de Barro, o "pássaro-arquiteto", e o apelido pegou.

João de Barro teve um papel importantíssimo nas artes. Ao lado do compositor Lamartine Babo, foi o rei das marchinhas de carnaval e compôs hits que fazem estrondoso sucesso até hoje: *Linda Lourinha, Vai com Jeito, Cantoras do Rádio* (com Lamartine Babo), *As Pastorinhas* (com Noel Rosa) e *Balancê, Touradas em Madri, Yes, Nós Temos Bananas*, *Chiquita Bacana,* todas escritas com o médico Alberto Ribeiro, seu principal parceiro. Com ele também compôs alguns clássicos juninos, como *Noites de Junho* e *Capelinha de Melão*. É autor de obras-primas como *A Saudade Mata a Gente* (com Antônio Almeida), *Copacabana* (com Alberto Ribeiro) e *Carinhoso* (com Pixinguinha), que recebeu centenas de regravações e talvez seja o maior clássico da música popular brasileira. Sua obra atravessou gerações, sendo até hoje muito regravada.

Foi diretor artístico da gravadora Colúmbia (depois Continental), colaborou com alguns dos principais filmes da Cinédia como roteirista, compositor de trilhas, assistente de direção, escritor de argumentos e, nos anos 1940, fez dublagens para várias produções cinematográficas realizadas por Walt Disney, como *Branca de Neve, Pinóquio, Bambi e Dumbo*.

Suas músicas tinham um quê de ingenuidade, uma "pureza maliciosa" que cativava a todos. Braguinha foi um dos maiores nomes da música brasileira.

Inspirado pelas histórias infantis, João de Barro teve a brilhante ideia de criar o bem-sucedido selo Disquinho, com versões de histórias infantis e trilhas incríveis que tinham, além das músicas de João de Barro, arranjos primorosos do maestro Radamés Gnattali. Esses disquinhos coloridos recheados de sonhos fizeram a felicidade de muitas crianças nos anos 1960 e 1970, principalmente, sendo posteriormente lançados em CD.

Suas versões de algumas músicas americanas fizeram extremo sucesso, como *A Valsa da Despedida* (Adeus, amor, eu vou partir...). Também virou parceiro de Charles Chaplin na versão de *Smile* e *Luzes da Ribalta*.

Rio de Janeiro, RJ, 29/3/1907 – 24/12/2006

FOTO: MARCO ANTONIO CAVALCANTI / AGÊNCIA O GLOBO / ACERVO O GLOBO

Paulinho da Viola

por Mário Sève

Sua história foi contada no documentário *Paulinho da Viola – Meu tempo é hoje*, dirigido por Izabel Jaguaribe, com roteiro do jornalista e escritor Zuenir Ventura.

Paulo César Baptista de Faria viveu sua infância e juventude presenciando músicos de choro e seresteiros em encontros musicais promovidos ora em sua própria casa, ora na casa de Jacob do Bandolim, a quem seu pai – César Faria – acompanhava ao violão. Passou a estar próximo não só de Jacob, mas de outros grandes instrumentistas e compositores, como Pixinguinha, Radamés Gnattali, Altamiro Carrilho, Jonas Silva, Dino Sete Cordas e Canhoto da Paraíba, entre outros chorões. Participou de blocos e agremiações carnavalescas em seu bairro, Botafogo, e nos subúrbios cariocas.

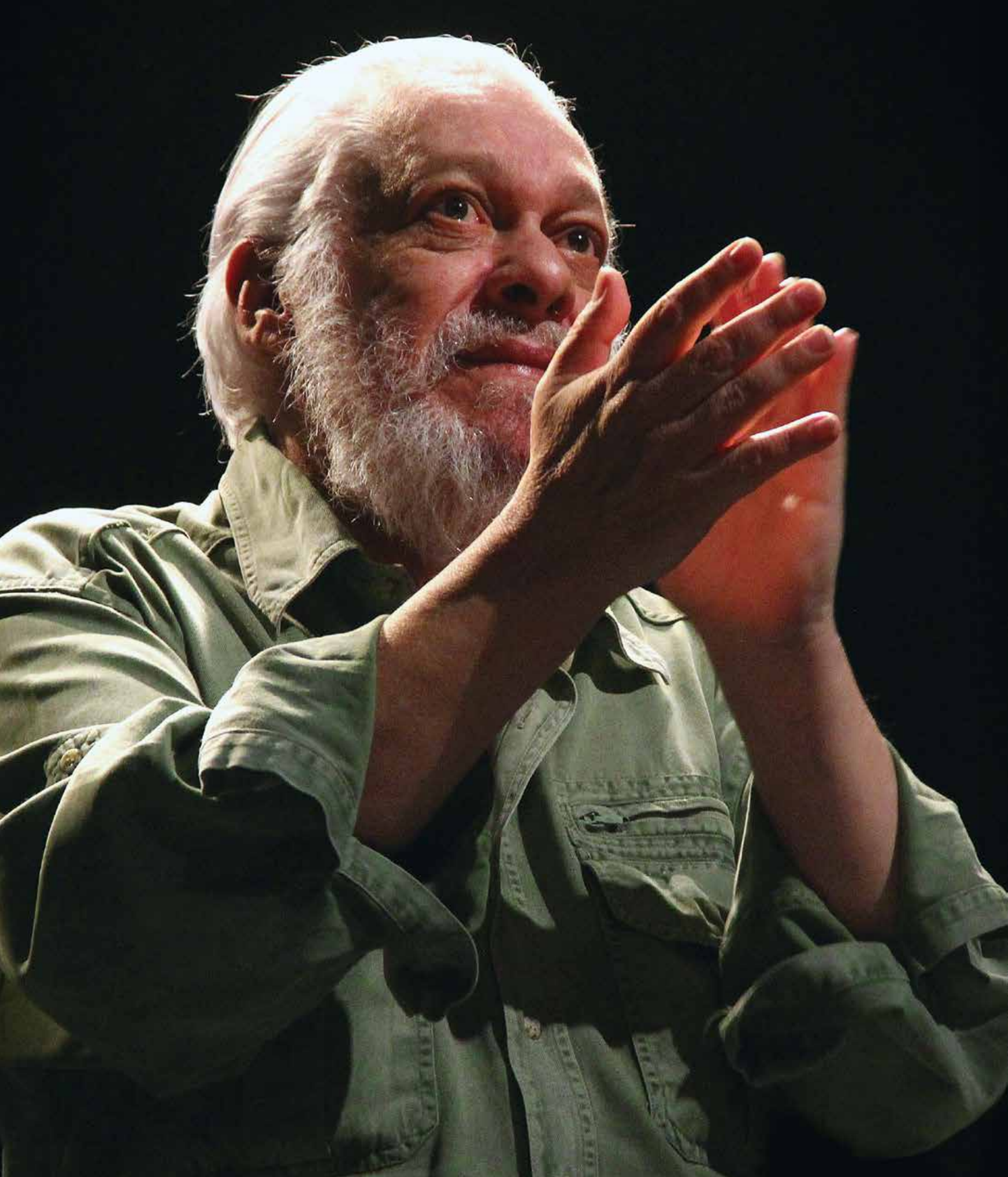
A partir de meados dos anos 1960, passou a tocar no *Zicartola*, famoso ponto de encontro de artistas e intelectuais, e a frequentar a *Escola de Samba Portela*. Recebeu o nome artístico de Paulinho da Viola e tornou-se amigo de Hermínio Bello de Carvalho, Cartola, Nelson Cavaquinho, Zé Kéti, Clementina de Jesus e, posteriormente, integrante da ilustre ala dos compositores portelenses, chegando a vencer o carnaval de 1967 com seu samba-enredo *Memórias de um sargento de milícias*. Por volta do mesmo período, após atuar no espetáculo *Rosa de Ouro*, participou dos festivais de música televisivos, sempre com muito sucesso – incluindo os primeiros lugares com *Sinal Fechado* e seu sucesso *Foi um rio que passou em minha vida*, em 1969. Uniu e nomeou, em 1970, o lendário grupo *A Vellha Guarda da Portela* para a produção de um disco – um coletivo de tradicionais sambistas dos terreiros da Escola (como Manacéa, Casquinha, Alberto Nonato, Monarco etc.).

Junto a seu cavaquinho, seu violão e sua aveludada voz, Paulinho construiu uma das discografias mais íntegras no cenário da música brasileira, mesclando novas e antigas ideias, em obras suas e de outros compositores, a partir dos universos aos quais foi sempre relacionado – o samba e o choro.

Após ter gravado as instrumentais *Abraçando Chico Soares* e *Choro Negro* em seus primeiros álbuns de carreira e ter dirigido, em 1973, o espetáculo *Sarau*, de seu grupo com o *Conjunto Época de Ouro* (integrado por seu pai, mas agora sem o Jacob), Paulinho virou um dos pivôs na revitalização do choro por uma nova geração, hoje atuante. Participou do movimento de criação dos chamados clubes de choro e, em 1976, lançou os antológicos álbuns *Memórias 1 – Cantando* e *Memórias 2 – Chorando*, em que gravou músicas tradicionais, ao lado de inéditas autorais, que se perpetuaram em suas interpretações. Compôs e gravou, em 1978, o paradigmático choro *Sarau pra Radamés*.

Herdeiro de grandes mestres, pode-se afirmar que Paulinho da Viola é um dos mais respeitados músicos do nosso atual choro, um gênero instrumental que ele não deixa de cultivar em suas novas composições, gravações e apresentações. Sempre acompanhado da peculiar sonoridade de seu grupo, tem desenvolvido em seus trabalhos nos palcos do Brasil e do exterior uma brilhante, criativa e coerente carreira, referindo-se costumeiramente, como compositor ou intérprete, às sólidas experiências vividas no universo do choro, da seresta e do samba, suas memórias musicais.

Rio de Janeiro, RJ, 12/11/1942

FOTO: DANIEL KERSYS

Paulo César Pinheiro

por Lucas Nobile

Singularmente versátil, teve sua obra gravada por figuras da envergadura de Elis Regina, Clara Nunes, Maria Bethânia, Nana Caymmi, Paulinho da Viola, Sarah Vaughan, Elizeth Cardoso, Mônica Salmaso, Fabiana Cozza, MPB-4, Leila Pinheiro, Leny Andrade, Dick Farney, Nelson Gonçalves, Elza Soares, Zezé Gonzaga, Alaíde Costa, Miltinho, entre outros.

Toda e qualquer lista feita com o objetivo de elencar os maiores letristas brasileiros de todos os tempos não consegue escapar ao nome de Paulo César Pinheiro.

Com mais de 50 anos de atuação e uma carreira extremamente consagrada, o compositor coleciona até hoje um sem-fim de sucessos em parcerias assinadas ao lado de nomes como Baden Powell, João Nogueira, Tom Jobim, Edu Lobo, Francis Hime, Dori Caymmi, Elton Medeiros, Eduardo Gudin, Mauro Duarte, Maurício Tapajós, Wilson das Neves, Roque Ferreira, João Donato, Ivan Lins, Cristóvão Bastos, Ivor Lancellotti, Joyce Moreno, Sérgio Santos, Radamés Gnattali, Raphael Rabello, Dona Ivone Lara e Guinga.

Dotado de imensa intimidade com as palavras – autor também de poesia e de romances – e dono de um ouvido musical privilegiado, Paulo César Pinheiro compôs para quase todos os gêneros musicais brasileiros. Singularmente versátil, teve sua obra gravada por grandes nomes como de Elis Regina, Clara Nunes, Maria Bethânia, Nana Caymmi, Paulinho da Viola, Sarah Vaughan, Elizeth Cardoso, Mônica Salmaso, Fabiana Cozza, MPB-4, Leila Pinheiro, Leny Andrade, Dick Farney, Nelson Gonçalves, Elza Soares, Zezé Gonzaga, Alaíde Costa, Miltinho, entre outros.

Dentro do universo do choro, Paulo César Pinheiro construiu uma obra substancial. Compôs com diversos parceiros verdadeiras jóias como *Perambulando* (com Edu Lobo), *Velhos Chorões* (com Luciana Rabello), *Costura de Choro* (com Mauricio Carrilho), *Roda de Choro* (com José Paulo Aourila e Hélio Celso Suarez), o 3º movimento, *Choro*, da *Sinfonia do Rio de Janeiro de São Sebastião* (com Francis Hime) e *Homenagem à Velha Guarda* (com Sivuca). De todos os choros de sua autoria, a grande obra-prima é *Ingênuo*, com cuja letra Paulo César Pinheiro ainda muito jovem, em 1971, arrancou sorrisos de aprovação de seu parceiro e autor da música: ninguém mais, ninguém menos do que Pixinguinha.

Rio de Janeiro, RJ, 28/4/1949

FOTO: STELA HANDA

Pedro Caetano

por Roberta Valente

O gênero samba-choro teve fortes representantes. Dentre eles, podemos citar os compositores Claudionor Cruz, Walfrido Silva, Gadé, Bororó, Zé da Zilda, Zilda do Zé e Pedro Caetano. Autor de mais de 400 músicas, Pedro Walde Caetano começou a estudar piano ainda criança, mas não teve oportunidade de prosseguir com os estudos e sempre carregou a frustração de não ser pianista.

Mudou-se com a família para o Rio de Janeiro e foi trabalhar numa sapataria. Como ele costumava dizer, "vendia sapato de dia e fazia samba de noite". Ficou famoso quando Orlando Silva gravou a valsa *Caprichos do Destino*, parceria de Pedro com Claudionor Cruz, em 1938. "O samba era só instrumental. O pessoal fazia aqueles chorinhos, não havia letra pra choro. Então eu fiz *Foi uma Pedra que Rolou (Juramento Falso)*. O cantor Silvio Caldas gostou e lançou esse samba-choro. Daí fiz *Botões de Laranjeira* e, depois, *O Que se Leva Dessa Vida*. O cantor Ciro Monteiro, um dos grandes intérpretes do gênero, gravou as duas e mais outras tantas".

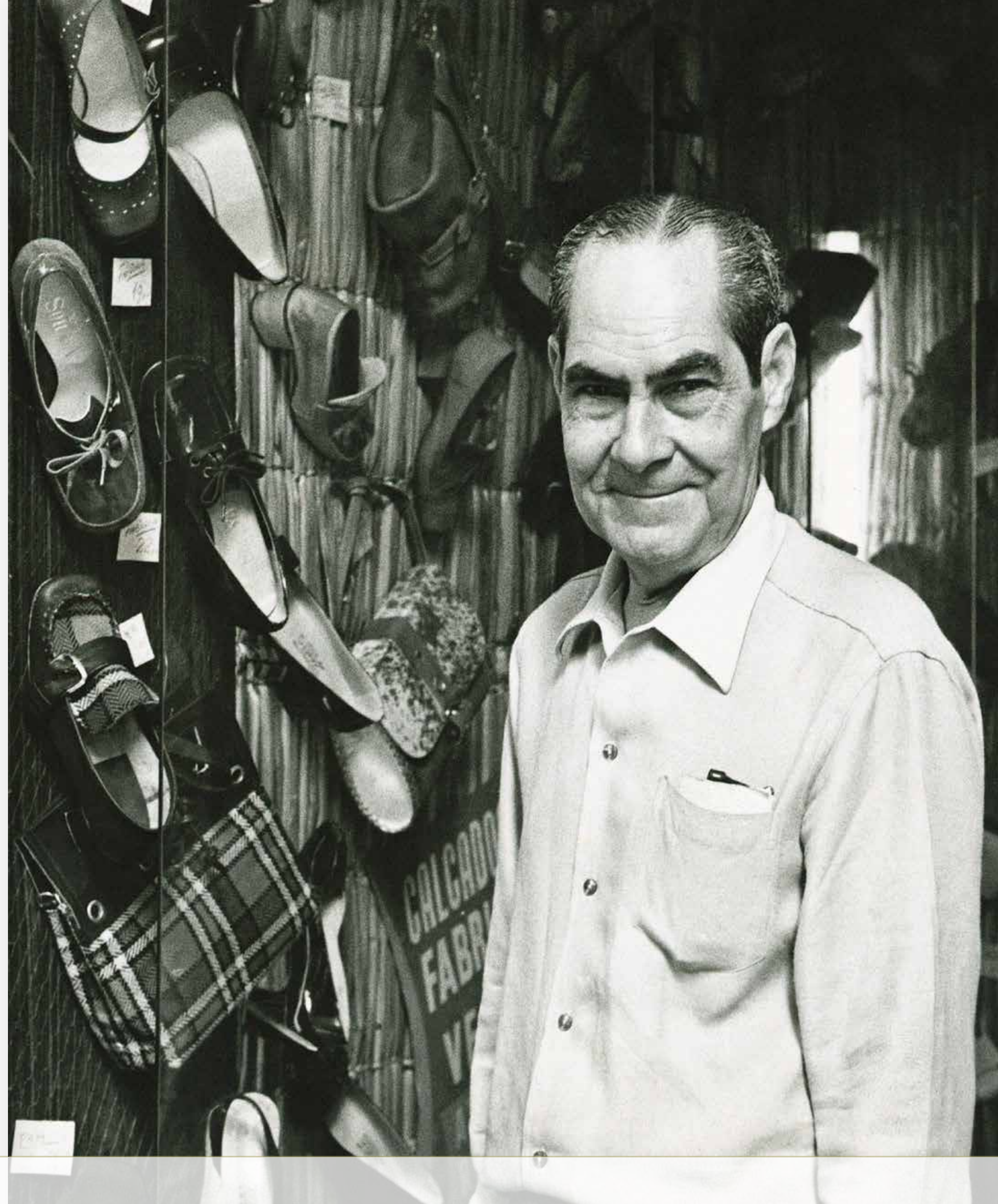
Ao contrário do que parece, diante de sua extensa e excelente obra, Pedro nunca se dedicou exclusivamente à música; trabalhou como comerciante de sapatos por toda a vida. Suas músicas mais famosas foram em parceria com Claudionor Cruz: *Nova Ilusão, Este Choro é o Meu Pranto, Engomadinho, A Felicidade Perdeu Seu Endereço, Eu Brinco,* dentre outras.

Pedro gravou seu primeiro e único disco aos 64 anos, em 1975, com seus grandes sucessos, dentre eles os sambas *Onde Estão os Tamborins* e *É Com Esse Que Eu Vou*. E, em 1984, lançou um livro, *Meio Século de Música Popular Brasileira – O que Fiz, o que Vi*, lançado pela Editora Vila Doméstica, do Rio de Janeiro.

Bananal, SP, 1/2/1911 – Rio de Janeiro, RJ, 27/7/1992

Em 1948, Pedro compôs *É com esse que eu vou*, quando o trem em que viajava quebrou em Governador Valadares. Para passar o tempo, transportou seu pensamento para os blocos de carnaval do Rio e, no fim da viagem, o samba já estava pronto. Inicialmente gravado pelos Quatro Ases e um Coringa, em 1948, foi regravado em 1973 por Elis Regina, com enorme sucesso.

FOTO: PAULO JOSÉ / COLEÇÃO JOSÉ RAMOS TINHORÃO / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

FOTO: STELA HANDA

O choro contemporâneo

por Lucas Nobile

Historicamente muito se debate sobre os caminhos, escolhas e mudanças que contribuem para a longevidade de um estilo musical. Antes de mais nada, é preciso compreender que todo e qualquer gênero, ao passo em que busca manter aspectos inerentes à sua origem, também absorve características, transformações e novidades contemporâneas.

O samba de hoje, por exemplo, não é mais o mesmo dos tempos de Sinhô, de Donga, de João da Baiana, de Noel Rosa, de Cartola, de Nelson Cavaquinho. Porém, com inúmeros traços de pós-modernidade, ainda é samba. E o que dizer do forró? Apesar de encerrar diferenças em relação ao som de Luiz Gonzaga, de Humberto Teixeira, de José Dantas, de Jackson do Pandeiro, de Dominguinhos e de Anastácia, ainda é forró. O mesmo vale para a valsa. As composições de Guinga, de Edu Lobo, de Chico Buarque, de Francis Hime e de tantos outros são bem distintas se comparadas às criações de J. Cascata, de Pixinguinha, de Garoto, mas, indubitavelmente, são também valsas brasileiras. Com o choro, naturalmente, não é diferente. Nele, mantém-se a tradição – fundamental para sua preservação –, sem deixar de incorporar elementos que o renovam e contribuem sobremaneira para sua sobrevivência na linha evolutiva da história da música brasileira.

Ainda que mantenha elementos que eternamente o associem às criações de pioneiros como Joaquim Callado, Patápio Silva, Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth, o mais antigo gênero instrumental brasileiro vem, década após década, passando por uma série de renovações e reinvenções e, também por isso, segue extremamente vivo.

A sua maneira, praticamente todos os compositores e instrumentistas acrescentaram suas "opiniões" ao que vinha sendo feito anteriormente. Cada um em seu tempo apresentou novidades. Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Heitor Villa-Lobos, Tom Jobim e Garoto e tantos outros – até os dias de hoje – implantaram revoluções no choro.

Nesse sentido, há de se ressaltar o quanto a década de 1970 foi determinante para que houvesse uma mudança radical de mentalidade – e também de formação – dos chamados chorões. Para que isso se desse, a atuação de uma figura excepcional foi de extrema importância. Seu nome: Radamés Gnattali. Antes dele – ainda que boa parte dos músicos de choro tivesse formação básica em bandas municipais –, a maioria dos chorões aprendia os temas e as artimanhas daquele estilo musical "de ouvido", desenvolvendo-se por meio da prática de tocar nas rodas. Muito em parte pela postura e pelos ensinamentos de Radamés (compositor, arranjador, pianista e concertista com sólida formação no erudito), a geração de músicos ligados ao choro que despontou nos anos 1970 emergiu já interessada e dedicada em estudar teoria musical – aprofundando-se em conhecimentos de harmonia, de solfejo, de contraponto, de improviso, de leitura, de escrita e de arranjo.

Após longo período de ostracismo por parte da mídia radiofônica, televisiva e fonográfica, o choro tornou a ganhar destaque na década de 1970. Um marco deste momento foi o espetáculo *Sarau*, que reuniu Paulinho da Viola, Elton Medeiros e o Conjunto Época de Ouro. Logo depois, houve o surgimento de uma nova geração de músicos muito bem informada e formada em conhecimentos musicais. Dali, emergiram conjuntos de enorme importância para a renovação do gênero, como a Camerata Carioca, o Galo Preto e Os Carioquinhas, grupo este que revelou nomes como Luciana Rabello, Mauricio Carrilho e Raphael Rabello (que, anos depois, se tornaria um revolucionário do violão de sete cordas). Além de suas atuações como instrumentistas e compositores, Luciana e Maurício até os dias de hoje desempenham papel fundamental para a preservação e a renovação do choro também como pesquisadores, formadores e educadores (em instituições consagradas como Escola Portátil de Música e Casa do Choro). Tais pontos

de ensino são primordiais para que se revele uma infinidade de novos talentos do choro contemporâneo, como, por exemplo, os atualíssimos irmãos Everson Moraes (trombone e oficleide) e Aquiles Moraes (trompete e flugelhorn).

Em São Paulo, quem desempenha função semelhante na formação de novas gerações é o clarinetista, saxofonista, compositor e arranjador Nailor Azevedo, o popular Proveta. Além de sua inestimável contribuição como músico (com destaque para a Banda Mantiqueira), ele dirige a Escola do Auditório Ibirapuera, que ano após ano forma excelentes turmas de novos alunos.

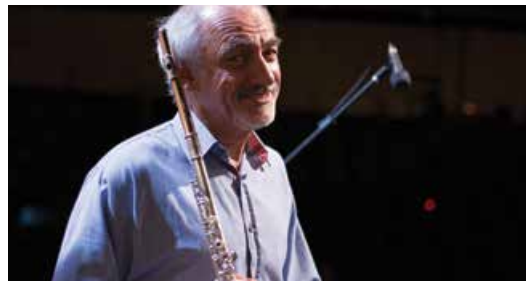
Ainda no campo educacional e de preservação do gênero, deve-se lembrar da importância dos Clubes do Choro, com especial destaque para o de Brasília (dirigido por Reco do Bandolim; e que também propiciou a criação da Escola de Choro Raphael Rabello) e o de Santos, no litoral de São Paulo – com a importante iniciativa educativa da Escola de Choro e Cidadania Luizinho Sete Cordas.

Como instrumentistas, nas duas últimas décadas dois nomes ganharam projeção internacional, levando não apenas o choro contemporâneo, mas a música brasileira para diversas partes do planeta. Um deles é o bandolinista Hamilton de Holanda, responsável por criar, fundamentar e disseminar uma nova "escola" no bandolim ao tocar com o instrumento de dez cordas (duas a mais do que o tradicional, de oito). Hamilton, aliás, foi bastante influenciado por outro músico que ampliou largamente os horizontes e possibilidades de utilização do bandolim: o baiano Armandinho Macedo, que se destacou com o grupo A Cor do Som e criou uma linguagem da guitarra baiana. O segundo, igualmente talentoso e virtuose como Hamilton, é o violonista Yamandu Costa, considerado hoje o maior expoente do violão de sete cordas no mundo.

Já no campo da composição, há inúmeros personagens que se sobressaem no rico cenário do chamado choro contemporâneo. Dois deles são praticamente inescapáveis: o pianista e arranjador Cristóvão Bastos – com atuações ao lado de Paulinho da Viola, Chico Buarque, entre outros – e o violonista Carlos Althier de Souza Lemos Escobar, conhecido como Guinga, cuja obra já foi gravada por nomes como Antônio Adolfo, Carlos Malta, André Mehmari, Marcus Tardelli, Marco Pereira, Turíbio Santos, Paulo Sérgio Santos, Gabriele Mirabassi, Nelson Ayres, Raphael Rabello, Paulo Bellinati, Quarteto Maogani, Quinteto Villa-Lobos, Quarteto Carlos Gomes, entre outros, sem considerar suas criações no universo da canção.

No que diz respeito a grupos, regionais e conjuntos – abarcando as mais diversas formações instrumentais –, o cenário não é menos vasto, rico e efervescente, de modo que se tentássemos citar todos precisaríamos de centenas e centenas de páginas de uma longa enciclopédia musical brasileira. Deste modo, nos limitamos à (injusta) missão de mencionar alguns. Entre eles, destaque para Nó em Pingo D'Água, Água de Moringa, Choro Rasgado, Grupo Ó do Borogodó, Papo de Anjo, Cadeira de Balanço, Chorando as Pitangas, Quatro a Zero, Rabo de Lagartixa, Trio Madeira Brasil, As Choronas e o Sexteto Panorama, criado dentro do projeto Panorama do Choro Paulistano Contemporâneo (idealizado por Roberta Valente e Yves Finzetto), que gravou obras de nomes como Laércio de Freitas, Nailor Proveta, Izaías Bueno de Almeida, Israel Bueno de Almeida, Alessandro Penezzi, Luizinho Sete Cordas, Danilo Brito, Edmilson Capelupi, Milton Mori, Ruy Weber, Thiago França, Edson José Alves, João Poleto, Zé Barbeiro, Arnaldinho Silva, Léa Freire, Gian Correa, Arismar do Espírito Santo, Henrique Araújo, Fábio Peron, entre outros.

Além de de todos os nomes citados anteriormente, a cena contemporânea do choro ainda conta com muitos nomes de enorme contribuição para a renovação e longevidade do gênero. Entre eles, destaque para Toninho Ferragutti (sanfona), Ricardo Herz (violino), Toninho Carrasqueira (flauta), Rogério Caetano (violão sete cordas), Gabriel Grossi (gaita) e Hércules Gomes (piano). Vindo das mais diversas praças, o choro se mantém vivo e efervescente com seus mais variados sotaques e características. De Pernambuco vieram, por exemplo, Bozó (violão sete cordas) e Marcos Cesar (bandolim); de Brasília, Reco do Bandolim e Fernando Cesar (violão sete cordas); do Rio Grande do Sul, Bebê Kramer (sanfona); e da Bahia, Messias Britto (cavaquinho).

FOTOS: NADJA KOUCHI / TV CULTURA

FOTOS: NADJA KOUCHI / TV CULTURA

Contemporâneos

Nailor Proveta
Carnaíba no Bixiga

Hamilton de Holanda
Capricho de Pixinguinha

Maurício Carrilho
Tio Tamiro na farra

Guinga
Picotado

Armandinho e Sivuca
Forró Bachiano

Cristovão Bastos e Chico Buarque
Tua cantiga

Luciana Rabello
Velhos Chorões

Moacir Santos
Da Bahia ao Ceará

Choro Canção

Léa Freire
Choro na chuva

Hermeto Pascoal
Chorinho pra ele

Toninho Ferragutti
Chapéu Palheta

Cartola
O mundo é um moinho

Luis Melodia
Fadas

Chico Buarque
O que será?

Noel Rosa
Conversa de botequim

Tom Jobim
Luiza

FOTO: STELA HANDA

Artistas participantes da série **Brasil Toca Choro**

Agnaldo Luz, Alessandro Penezzi, Alexandre Ribeiro, Alisson Lopes da Silva, Allan Abbadia, Allan Pio, Amilton Godoy, Anat Cohen, André Fajersztajn, André Mehmari, Anna Luiza Nascimento Ruiz, Antonio Rocha, Antonio (Toninho) Carrasqueira, Antonio (Toninho) Ferragutti, (Antonio) Paulo Bellinati, Aquiles Moraes, Ari Colares, Armandinho Macedo, Bia Goes, Bianca Gismonti, Bruna Altomar de Moraes, Camila da Silva, Carlos Alberto Fontana Moura, Carlos Althier (Guinga), Carlos Roberto de Oliveira, Celsinho Silva, Celso de Almeida, César Roversi, Christianne Neves, Cláudia de Araújo Castelo Branco Castro, Cristóvão Bastos, Daniel Allain, Daniel Muller, Daniela Spielmann, Danilo Penteado, Danilo Brito, Douglas Alonso, Ederson Schmidt de Souza, Edmilson Capelupi, Edson José Alves, Eduardo Fernando de Almeida Lobo, Eduardo José Nunes Ribeiro, Enrique Menezes, Eraldo Trajano da Silva, Erivaldo Junio A. de Oliveira_Mestrinho, Fabiana Cozza, Fabio Cury de Andrade (Peron), Fabio Torres, Fabio Zanon, Fabricio Rosil, Felipe Soares, Gabriel Grossi, Getulio Franco Ribeiro, Gian Correa, Guilherme Girardi Soares, Gustavo Cirilo Candido, Hamilton de Holanda, Heloísa Fernandes, Henrique Araújo, Henrique Cazes, Hércules Gomes, Hermes Medeiros da Silva, Horondino Reis da Silva, Israel Bueno de Almeida, Izaias Bueno de Almeida, Jaques Morelenbaum, João Poleto, João Camarero, João Carlos Pereira Júnior, Joel do Nascimento, Jônatas Pereira de Carvalho, José Alves Sobrinho – Zé Pitoco, José Augusto da Silva – Zé Barbeiro, Josyara Gonçalves da Silva Lelis, Laércio de Freitas, Léa Freire, Leandro Candido de Oliveira, Leonardo Maximo da Silva, Leo Rodrigues, Lucas Baptista Casacio, Luis Ignácio (Lula) Gama, Luiz Araujo Amorim (Luizinho 7), Luiz Carlos Xavier Coelho Pinto (Guello), Luiz Gonzaga Trajano, Maik Moura de Oliveira, Manoel Carlos Guerreiro Cardoso (Teco), Messias Brito, Marcello Gonçalves, Marcelo Pretto, Marco Antonio Pereira, Maria Beraldo, Marina Siqueira Carvalho, Mário Sève, Mauricio Carrilho, Michael (Michi) Ruzitschka, Milton de Mori, Mônica Salmaso, Nailor Azevedo – Proveta, Olivio de Souza Filho – Olivinho, Oswaldo de Almeida e Silva, Paulo Paulelli, Paulo Sérgio Santos, Pedro Augusto Araujo de Oliveira Ramos, Rafael Toledo, Renato Anesi, Roberta Valente, Rodrigo Y Castro, Rogério Caetano, Roman Dario Sielert, Silvanny Rodriguez, Stanley Carvalho, Thadeu Romano, Thalma de Freitas, Thamires Tannous, Thiago do Espírito Santo, Tiago Sebbe Mecatti, Vanessa da Silva Melo, Vanessa dos Santos Ribeiro, Vanessa Moreno, Veronica Ferriani, Vinicius Gomes, Vitor Lopes, Wanessa Nunes Dourado, Xeina Barros, Yamandu Costa e Yves Finzetto.

Bibliografia

Brasil Toca Choro

LIVROS

ALENCAR, Edgar de. *Claridade e sombra na música do povo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

ARAGÃO, Pedro. *O baú do animal:* Alexandre Gonçalves Pinto e o choro (1932-1947). 2011. 331 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BARBOSA, Valdinha; DEVOS, Anne Marie. *Radamés Gnattali:* o eterno experimentador. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.

BARBOZA, Marília Trindade. *Luperce Miranda*: o Paganini do bandolim. Niterói: Designum Comunicação, 2004.

BARONCELLI, Nilceia Cleide da Silva. *Mulheres compositoras:* elenco e repertório. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1987.

BESSA, Virgínia de Almeida. *A escuta singular de Pixinguinha*: história e música popular no Brasil dos anos 1920 e 1930. São Paulo: Alameda, 2010.

BOTEZELLI, João Carlos; PEREIRA, Arley. *A música popular brasileira por seus autores e intérpretes.* São Paulo: Edições Sesc, 2000.

BRAGA, Luiz Otávio. *O violão de 7 cordas.* Rio de Janeiro: Lumiar, 2002.

BRANCO, Sidney Castello. *Benedicto Lacerda:* o flautista de ouro, um gênio na orfandade. São Paulo: Global Choro Music, 2014.

CABRAL, Sérgio. *No tempo de Almirante:* uma história da rádio e da MPB. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

CABRAL, Sérgio. *Pixinguinha, vida e obra*. 4. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2007

CÂMARA, Renato Phaelante da. *MPB*: compositores pernambucanos – coletânea bio-músico-fonográfica (1920–1995). Recife: Fundaj/Massangana, 1997.

CARVALHO, Hermínio Bello de. *Mudando de conversa.* São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CARVALHO, Hermínio Bello de. *Umas e outros (baú de prosa).* Rio de Janeiro: ZMM Produções e Serviços, 1985.

CASTRO, Mauricio Barros de. *Zicartola:* política e samba na casa de Cartola e dona Zica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

CASTRO, Ruy. *Chega de saudade:* a história e as histórias da Bossa Nova. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAZES, Henrique. *Choro:* do quintal ao Municipal. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

COUTINHO, Eduardo Granja. *Velhas histórias, memórias futuras:* o sentido de tradição em Paulinho da Viola. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

DIDIER, Aluísio. *Radamés Gnattali.* Rio de Janeiro: Brasiliana Produções, 1996.

DINIZ, André. *Almanaque do choro:* a história do chorinho, o que ouvir, o que ler, onde curtir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DINIZ, André. *Joaquim Callado:* o pai do choro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga:* uma história de vida. Rio de Janeiro: Codecri, 1984.

DREYFUS, Dominique. *O violão vadio de Baden Powell.* São Paulo: Editora 34, 1999.

DREYFUS, Dominique. *Vida do Viajante:* a saga de Luiz Gonzaga. São Paulo: Editora 34, 1996.

EFEGÊ, Jota. *Figuras e coisas da música popular brasileira.* Rio de Janeiro: Funarte, 1978. v. 2.

ENCICLOPÉDIA DA MÚSICA BRASILEIRA: POPULAR, ERUDITA E FOLCLÓRICA. São Paulo: Art Editora/Publifolha, 1998.

FERNANDES, Antônio Barroso (Org.). *As vozes desassombradas do museu:* Pixinguinha, Donga *e João da* Baiana – depoimentos para a posteridade realizados no Museu da Imagem e do Som. Rio de Janeiro: Secretaria de Educação e Cultura, 1970.

FRANCESCHI, Humberto. *A casa Edison e seu tempo.* Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2002.

FRANCESCHI, Humberto. *Samba de sambar do Estácio.* São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.

GALILEA, Carlos. *Violão ibérico.* Rio de Janeiro: Trem Mineiro Produções Artísticas, 2012.

GAVIN, Charles. *Rosa de Ouro (1965):* Aracy Côrtes e Clementina de Jesus – entrevistas a Charles Gavin. Rio de Janeiro: Imã Editorial, 2017.

JÚNIOR, José de Almeida Amaral. *Chorando na garoa:* memórias musicais de São Paulo. São Paulo: Fundação Theatro Municipal de São Paulo, 2013.

JÚNIOR, José de Almeida Amaral. *Conjunto Atlântico:* uma história de amor ao choro. São Paulo: Edição do Autor, 2017.

LEAL, José de Souza; BARBOSA, Artur Luiz. *João Pernambuco:* arte de um povo. Rio de Janeiro: Funarte, 1982.

LIRA, Marisa. A característica brasileira nas interpretações de Callado. *Revista brasileira de música.* Rio de Janeiro, v. VII, 1940-1941.

MACHADO, Afonso; MARTINS, Jorge Roberto. *Na cadência do choro.* Rio de Janeiro: Novas Direções, 2006.

MACHADO, Cacá. *O enigma do homem célebre: ambição e vocação de Ernesto Nazareth.* São Paulo: IMS, 2007.

MACHADO Neto, Carlos Gonçalves. *O enigma do homem célebre:* ambição e vocação de Ernesto Nazareth. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2007.

MARCELO, Carlos; RODRIGUES, Rosualdo. *O Fole Roncou:* uma história do forró. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MÁXIMO, João. *Paulinho da Viola:* sambista e chorão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa, uma biografia.* Brasília, DF: Ed. UnB, 1990.

MELLO, Jorge. *Gente humilde:* vida e música de Garoto. São Paulo: Edições Sesc, 2012.

MELLO, Jorge; GOMIDE, Henrique; TEIXEIRA, Domingos. *Choros de Garoto.* São Paulo: IMS; Edições Sesc, 2017.

MELLO, Zuza Homem de. *Música com Z.* São Paulo: Editora 34, 2014.

NOGUEIRA, Genésio. *Dilermando Reis:* Sua Majestade, o Violão. Rio de Janeiro: Independente, 2000.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro.* 2. ed. Rio de Janeiro: Funarte/INM/Divisão de Música Popular, 1983.

PAZ, Ermelinda A. *Jacob do Bandolim.* Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

PINTO, Alexandre Gonçalves. *O choro:* reminiscências dos chorões antigos. 2. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

RAGO, Antonio. *A longa caminhada de um violão.* São Paulo: Iracema, 1986.

RANGEL, Lucio. *Sambistas e chorões:* aspectos e figuras da música popular brasileira. São Paulo: Francisco Alves, 1962.

SANTOS, Turíbio. *Caminhos, encruzilhadas e mistérios.* Rio de Janeiro: Artviva, 2015.

SÉRIE DEPOIMENTOS: DONGA. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som [s.d.].

SÉRIE DEPOIMENTOS: PIXINGUINHA. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som [s.d.].

SEVERIANO, Jairo. *Uma história da música popular brasileira:* das origens *à modernidade.* 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo.* São Paulo: Editora 34, 1997. v. 1.

SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo.* São Paulo: Editora 34, 1997. v. 2.

SILVA, Marília T. Barboza da; FILHO, Arthur L. de Oliveira. *Filho de Ogum Bexiguento.* Rio de Janeiro: Funarte, 1979.

SIQUEIRA, Batista. *Três vultos históricos da música brasileira.* Rio de Janeiro: D. Araújo, 1970.

TAUBKIN, Myriam. *Um sopro de Brasil.* São Paulo: Projeto Memória Brasileira, 2005.

TAUBKIN, Myriam. *Violões do Brasil.* São Paulo: Editora Senac, 2007.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons que vêm da rua.* 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

TINHORÃO, José Ramos. *Pequena história da música popular:* segundo seus gêneros. 7. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

VARGENS, João Baptista M.; MONTE, Carlos. *A Velha Guarda da Portela.* Rio de Janeiro: Manati, 2001.

VASCONCELOS, Ary. *A nova música da república velha.* [S.l.]: Edição do Autor, 1985.

VASCONCELOS, Ary. *Carinhoso etc.:* história e inventário do choro. Rio de Janeiro: Gráfica Editora, 1984.

VASCONCELOS, Ary. *Panorama da música popular brasileira.* São Paulo: Martins, 1964.

VASCONCELOS, Ary. *Panorama da música popular brasileira na Belle Époque.* Rio de Janeiro: Livraria Santana Ltda., 1977.

VASCONCELOS, Ary. *Raízes da música popular brasileira.* Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FILMES

Meu tempo é hoje. Isabel Jaguaribe. Videofilme, 2003.

O Milagre de Santa Luzia, de Sergio Roizenblit, 2008.

O mistério do samba. Carolina Jabor e Lula Buarque de Holanda. Conspiração Filmes, 2008.

SITES

Clube do Choro de Santos - http://clubedochoro.org.br

Dicionário Cravo Albin da MPB - http://dicionariompb.com.br/

Discos do Brasil - http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/indice.htm

Empresa Brasil de Comunicação - www.ebc.com.br

Enciclopédia Itaú Cultura - http://enciclopedia.itaucultural.org.br/

Gaifeiras - http://gafieiras.com.br

Instituto Casa do Choro - http://www.casadochoro.com.br/

Instituto Jacob do Bandolim - http://www.jacobdobandolim.com.br/

Instituto Moreira Salles - https://ims.com.br/acervos/musica/

Instituto Música Brasilis - http://musicabrasilis.org.br/

Instituto Piano Brasileiro - http://institutopianobrasileiro.com.br/

Maritaca Produções Artísticas - http://www.maritaca.art.br/bene1+cd.html

Página do Facebook sobre Jonas Pereira da Silva - https://www.facebook.com/Jonas-Pereira-da-Silva-1990502797832799/

Página do Facebook sobre K-Ximbinho - https://www.facebook.com/KXimbinho/

Site oficial de Chiquinha Gonzaga - http://chiquinhagonzaga.com/wp/creditos/

Programas de TV

A Alegria do Choro (TV Cultura)

Ensaio (TV Cultura)

Mosaicos (TV Cultura)

OUTRAS FONTES

(Trabalhos acadêmicos, textos de encartes de discos e entrevistas)

ARAGÃO, Paulo. As cores novas do arranjador. In: LEME, Bia Paes (Org.). *Pixinguinha na Pauta:* 36 arranjos para o programa O Pessoal da Velha Guarda. São Paulo: Imprensa Oficial/Instituto Moreira Salles, 2010.

ARAGÃO, Paulo. *Pixinguinha e a gênese do arranjo musical brasileiro.* Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

DINIZ, Edinha. Texto de apresentação do CD *Mulheres do Choro.* Rio de Janeiro: Acari Records, 2001.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Recortes de jornal cedidos pela pesquisa de

Márcio Gomes sobre Jonas Pereira da Silva

PAES, Anna. *Choro Carioca e Grupo Carioca.* Biscoito Fino/Instituto Moreira Salles, 2002. v. 1. (Memórias Musicais).

PAES, Anna. *Enciclopédia ilustrada do choro no século XIX.* Programa de Bolsas Rio-Arte, 2004.

PAES, Anna. Encontro de Bambas. In. LEME, Bia Paes (Org.). *Pixinguinha na Pauta:* 36 arranjos para o programa O Pessoal da Velha Guarda. São Paulo: Imprensa Oficial/Instituto Moreira Salles, 2010.

PAES, Anna. *Pixinguinha.* Biscoito Fino/Instituto Moreira Salles, 2002. v. 1. (Memórias Musicais).

PAES, Anna. *Violão, bandolim e cavaquinho.* Biscoito Fino/Instituto Moreira Salles, 2002. v. 1. (Memórias Musicais)

PAES, Pedro. *Luís Americano e Ratinho.* Biscoito Fino/Instituto Moreira Salles, 2002. (Memórias Musicais).

MACEDO, Nelson. Entrevista com Dino 7 Cordas para a Escola Brasileira de Música. *Programa Memória do Músico Brasileiro*, 1992. (https://www.youtube.com/watch?v=LsWv7WlyAxw).

PIRES, Luiz; LARANJA, Marcelo. *Entrevista com os irmãos Izaias e Israel Bueno de Almeida para o site do Clube do Choro de Santos* [s.d.]. (www.clubedochoro.org.br).

SOUZA, David Pereira de. As *gravações históricas da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro (1902-1927)*: valsas, polcas e dobrados. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Sobre os autores e organizadores

Anna Paes – Cantora, violonista, compositora, mestre em música e licenciada em educação musical pela Uni-Rio, tem destacada atividade como pesquisadora. Ao lado de Mauricio Carrilho, foi responsável pelo levantamento da obra de compositores de choro do final do século XIX e início do século XX. Seu trabalho *Enciclopédia ilustrada do choro no século XIX*, contendo cerca de 9.000 títulos de obras de 1.300 compositores, foi licenciado para compor a base de dados do Instituto Casa do Choro. Escreveu os ensaios *O choro e sua árvore genealógica* (site Músicos do Brasil, uma Enciclopédia Instrumental, 2008); *Encontro de bambas* na publicação *Pixinguinha na Pauta* (Instituto Moreira Salles, 2010). Foi consultora de pesquisa do Novo MIS-RJ (2013) e do projeto de digitalização e disponibilização do acervo do Instituto Jacob do Bandolim (2015). Em 2016 lançou o seu primeiro álbum autoral, *Miragem de Inaê*, ao lado de Iara Ferreira (Biscoito Fino). Desde 2003 é professora de violão na Escola Portátil de Música (RJ) e doutoranda em música na UFRJ.

Eduardo Okuno – *Designer* e produtor gráfico, artista plástico e professor. Ex-editor de arte do Grupo Editorial Global (Global, Gaia, Gaudí e Nova Aguilar). Com Mauricio Negro, com quem mantém uma sólida parceria profissional, foi sócio do escritório Produtores Associados Comunicação Visual, atendendo diversos segmentos, inclusive o mercado fonográfico, entre artistas e gravadoras.

Felipe Soares – Acordeonista, pianista e compositor. Mestrando em musicologia pela ECA/USP, atua como músico de choro, forró e ritmos ligados à cultura popular brasileira. Trabalha como educador musical com projetos realizados no Brasil e no exterior. Possui diversas colaborações para teatro e filmes.

Lucas Nobile – É jornalista e autor de *Raphael Rabello: o violão em erupção* (SP, Editora 34/ Rumos – Itaú Cultural), de *Dona Ivone Lara: A Primeira-Dama do Samba* (RJ, Ed. Sonora/Musickeria, 2015) e de alguns volumes da *Coleção Folha – Tom Jobim*. Foi consultor da Ocupação Dona Ivone Lara (Itaú Cultural), trabalhou como repórter de música dos jornais Folha de SP e O Estado de SP. Colaborou com o Instituto Moreira Salles (Rádio Batuta), Apple Music, O Globo, Bravo!, Rolling Stone, Clarín e Carta Capital.

Marco Paraná – Antropólogo, documentarista, pesquisador e produtor. Trabalha desde 1996 com pesquisa de imagens e direito autoral. Colaborou com diversos diretores de cinema como produtor, coordenador em pesquisa de imagens e direito autoral, dentre eles Ugo Giorgetti, Evaldo Mocarzel, Van Fresnot etc. Como produtor e coordenador de conteúdo e direito autoral, já atuou em instituições educativas como a Fundação Vanzolini, Fundação Roberto Marinho e Fundação Itaú. É autor de vídeos em curtas metragens experimentais e de textos em livros sobre temas ligados às relações sociais, cultura urbana e futebol.

Mário Sève – Saxofonista, flautista, compositor e arranjador, integra o quinteto *Nó em Pingo D´água* e o grupo de Paulinho da Viola. Foi diretor do *Centro de Referência da Música Carioca*. Escreveu os livros *Vocabulário do Choro*, *Songbook Choro* e *Choro Duetos*. Lançou os discos *Bach & Pixinguinha, Choros, Por Que Sax*?, *Pixinguinha+Benedito* – tendo o choro como motivo.

Marquinho Mendonça – Compositor, multi-instrumentista de cordas e percussão, produtor e arranjador. Gravou dois discos autorais e lançou no Brasil e exterior um álbum de partituras com suas composições. Trabalhou em shows e gravações com diversos artistas, entre eles Zé Menezes, Orquestra Popular do Recife, Celso Viáfora, Yamandu Costa, Roberto Mendes, Altamiro Carrilho, Proveta, Zé da Velha e Silvério Pontes, Renato Anesi, Luis Melodia, Mafuá, Dominguinhos, Francis Hime, Oswaldinho do Acordeom, Tião Carvalho, Mestre Darcy, Fanta Konatê, entre outros. Formado guitarrista pelo Musicians Institute de Los Angeles, dedicou-se também aos estudos do violão brasileiro, arranjos e práticas de percussão afro-latina e ritmos regionais. Especializou-se no cavaquinho e bandolim, pesquisando e interpretando os compositores de choro. Trabalhou como diretor musical de teatro, shows, bandas de baile, discos, estúdio e televisão. Como músico compositor já participou de festivais de Montreux (Suiça), Choro e Jazz (Jericoacoara), Santos Jazz Festival, Chorando Sem Parar (São Carlos), Campos do Jordão etc. Fez direção e produção musical da série Brasil Toca Choro para a TV Cultura. Seus discos *Filosofolia* e *Tempo Templo* tiveram a participação de grandes artistas como Zé Menezes, Filó Machado, Proveta, Naná Vasconcelos, Oswaldinho do acordeom, Renato Brás, Toninho Ferraguti e vários outros mestres da nossa música.

Mauricio Negro – Designer gráfico, ilustrador, escritor, pesquisador e consultor de projetos relacionados a temas socioambientais, identitários e relacionados à diversidade brasileira. Participou de eventos, catálogos, exposições e recebeu diversos prêmios e certificações em países como Alemanha, Argentina, Brasil, Coreia, China, Japão, México, entre outros. Faz projetos de livros, CDs, identidade visual, cartazes, entre outras mídias. É também autor de livros publicados no Brasil e no exterior. Ex-conselheiro da Sociedade dos Ilustradores do Brasil, é bacharel em Comunicação Social pela ESPM/USP.

Paola Picherzky – Violonista, mestre em música pela UNESP (com o trabalho *Armando Neves-Choro no violão paulista*), material por ela posteriormente registrado em dois CDs. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Música da USP e professora nas Faculdades Santa Marcelina, FMU/FIAM/FAAM e Fundação das artes de São Caetano. Idealizadora do projeto *Ensino coletivo de violão*, o qual culminou na criação da primeira Orquestra de Violões da Fundação das Artes de São Caetano, da qual é regente e diretora artística. Integrante do Grupo Choronas desde a sua criação, em 1995, com cinco CDs gravados.

Roberta Valente – Pandeirista, pesquisadora e produtora musical. Integrante dos grupos Chorando as Pitangas, Ó do Borogodó e Panorama do Choro, já se apresentou com os maiores nomes do choro por todo o Brasil e em diversos países da Europa, EUA e América Latina. Destaque para o curso de pandeiro e história da MPB que ministrou na Monash University (Austrália). Fez turnê pela Índia acompanhando Yamandu Costa, show na importante Concertgebouw, na Holanda, a convite de Toninho Ferragutti etc. Foi selecionada para montar e integrar o quinteto que acompanhou o famoso diretor Bob Wilson no espetáculo Garrincha, do Sesc.

Stela Handa – Fotógrafa e designer gráfica. Ampla experiência em registros fotográficos e em vídeo, direção de arte e cenografia de shows e DVDs de artistas renomados como Ângela Maria, Yamandu, Wanderléa, Fabiana Cozza, Sadao Watanabe (Japão), Guinga, Hermeto Pascoal, Paulinho da Viola, Panorama do Choro etc. Já trabalhou para TV (Brasil e Japão), cinema e webséries. Faz coordenação de produção e fotografia para editoras de revistas e livros. Suas fotos já foram publicadas no Japão, França, Portugal, Espanha e países da América Latina. Foi finalista na modalidade Produção como Melhor Fotógrafa do Prêmio Profissionais da Música de 2016.

Vitor Lopes – Gaitista, compositor, pesquisador e produtor musical. Gravou dois discos com Um Trio ViraLata, dois com o grupo Chorando as Pitangas, um com o Duodelá e outro com o grupo Kerlaveo. Tem dezenas de participações em outras gravações. Excursionou dez vezes pela Europa. Desenvolve um trabalho de composições para gaita solo e foi o primeiro gaitista a dedicar sua carreira ao choro.

Yves Finzetto – Percussionista, produtor e pesquisador de políticas públicas de cultura. É extremamente atuante na cena do choro de São Paulo. Idealizou o projeto Panorama do Choro Paulistano Contemporâneo, vencedor de diversos prêmios ProAC, finalista do 23o Prêmio da Música Brasileira e vencedor do Prêmio Profissionais da Música 2016. Foi um dos principais articuladores junto à Secretaria Municipal de Cultura para a criação, em 2015, do Clube do Choro de São Paulo. Frequentemente, se apresenta e ministra workshops nos EUA e Europa. Bacharel em Letras e Mestre em Estudos Culturais pela USP.